

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

FRANCISCARLO DE SOUZA

**EMPATIA: A POSSIBILIDADE DE CONSTITUIÇÃO
DA PESSOA HUMANA EM EDITH STEIN**

**CURITIBA
2018**

FRANCISCARLO DE SOUZA

**EMPATIA: A POSSIBILIDADE DE CONSTITUIÇÃO
DA PESSOA HUMANA EM EDITH STEIN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia - Mestrado e Doutorado. *Área de concentração: Teologia e Sociedade*, da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Clélia Peretti.

**CURITIBA
2018**

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Giovanna Carolina Massaneiro dos Santos – CRB 9/1911

S729e Souza, Franciscarlo de
2018 Empatia: a possibilidade de constituição da pessoa humana em Edith Stein
/ Franciscarlo de Souza; orientadora: Clélia Peretti. – 2018.
144 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2018

Bibliografia: f. 138-144

1. Teologia. 2. Empatia. 3. Fenomenologia. 4. Educação. 5. Verdade
(Teologia cristã). 6. Stein, Edith, Santa, 1981-1942. I. Peretti, Clélia.
II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação
em Teologia. III. Título

CDD 22. ed. – 230



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
Escola de Educação e Humanidades
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Mestrado e Doutorado

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 163
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
FRANCISCARLO DE SOUZA

Aos trinta e um dias do mês de agosto de dois mil e dezoito, às quatorze horas reuniu-se na sala defesa - Segundo andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a banca examinadora constituída pelos professores Clélia Peretti, Marcio Luiz Fernandes e Renato Kirchner, para examinar a dissertação do candidato Franciscarlo de Souza, ingressante no Programa de Pós-graduação em Teologia - Mestrado, no segundo semestre de dois mil e dezesseis. Linha de pesquisa: Teologia e Sociedade. O mestrando apresentou a dissertação intitulada: "EMPATIA: A POSSIBILIDADE DE CONSTITUIÇÃO DA PESSOA HUMANA EM EDITH STEIN". O Candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, o candidato foi APROVADO pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16 h 30 min. Para Constar, lavrou-se presente Ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Observações: _____

O avaliador Prof. Dr. Renato Kirchner teve participação na banca de defesa de dissertação por videoconferência e está de acordo com os termos acima descritos.

Profa. Dra. Clélia Peretti Clélia Peretti
Presidente/Orientadora

Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes Marcio Luiz Fernandes
Convidado Interno

Prof. Dr. Renato Kirchner - participação por videoconferência
Convidado Externo

[Assinatura]
Prof. Dr. Alex Vicentim Villas Boas
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia - *Stricto Sensu*
PPGT - PUCPR



Aos meus pais Laura e Maurício
por me proporcionarem a vida.

Ao meu irmão João Carlos
por acreditar em mim.

A minha amada Juliana
com quem amo
partilhar
a vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em Jesus Cristo, sempre providente em cada momento de minha vida, me ensinando que a fé é a melhor parte de mim.

A minha família que sempre está ao meu lado me orientado, motivando e rezando para que diante das escolhas, consiga vencer e partilhar as conquistas.

À minha orientadora Clélia Peretti pela constante empatia, forte confiança, imenso carinho e demasiado incentivo, principalmente, no final desta exigente jornada.

A minha amada Juliana Pereira Souza que chegou a minha vida tal como um milagre divino ofertando alegria e a certeza que no final tudo iria dar certo.

Aos amigos e colegas do mestrado, presentes nos momentos de alegria, mas especialmente, nos mais exigentes manifestando amor e oração a mim.

Ao Colégio Padre João Bagozzi e Pastoral Educacional Bagozziana pela empatia para comigo diante do compromisso com o mestrado.

À PUCPR pelo apoio permanente no desenvolvimento integral da minha pessoa.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Teologia.

Ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Teologia.

Aos Funcionários sempre disponíveis e atenciosos, notadamente a Cristina Viveiros.

A todos que se sentem parte desta conquista.

E a CAPES pelo apoio financeiro.

**“Estamos no mundo
para servir a humanidade”**

(STEIN, E. 2016, p.291, Tomo 1).

RESUMO

A vida e obra de Edith Stein não podem ser resumidas somente a um conceito, linha de pensamento ou ciência. Por mais que saibamos que a verdade sempre conduziu seus passos e que sua atenção ao ser humano era intensamente profunda, ainda assim, não podemos limitá-la ao que nós dizemos sobre ela. Sua vida, seu pensamento, sua fé era livre, consciente e humana. E na beleza de sua existência é que encontramos e definimos o tema de nosso estudo: analisar a compreensão de empatia como possibilidade de constituição da pessoa humana. Para tal, os objetivos específicos que guiaram a pesquisa foram: identificar a proposta da concepção fenomenológica steiniana em relação com a empatia; conceituar a empatia elaborada por Stein em sua fenomenologia do humano; aprofundar a compreensão de formação em Edith Stein para a constituição da pessoa através da empatia. Elegemos como metodologia de estudo, a pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico. Nossas investigações são orientadas na linha de pesquisa Teologia e Sociedade, que destaca a missão da teologia no mundo em diálogo com todas as ciências, unido a esse elemento, também conduz nosso trabalho o atual projeto de pesquisa: 'Contribuições teológico-filosóficas para interpretação do fenômeno religioso', onde analisa o fenômeno religioso na contemporaneidade e o seu sentido e lugar na complexa estrutura humana e comunitária. Nesta perspectiva, o primeiro capítulo desta dissertação identifica a vida de Edith Stein e os elementos que compõem toda elaboração de sua fenomenologia para se descobrir o que é a verdade. Por esta via, abordamos todo processo de busca e encontro da verdade, traçando dados de sua autobiografia em unidade com o desenvolvimento de seu pensamento sobre o ser humano. O segundo capítulo discorre sobre o grande projeto fenomenológico: a pessoa humana. A fenomenologia steiniana apreende o fenômeno humano precisamente como ele se apresenta em nossa consciência, na qual se determinam as análises sobre a necessidade de 'ir à essência' da experiência humana. O terceiro capítulo aprofunda a compreensão da e sobre a pessoa humana, enfatiza que todos nós somos ou devemos ser um 'eu consciente e livre' que é estruturado por um corpo vivente (*Leib*), uma alma (*Seele*) e um espírito (*Geist*). O sentido da constituição da pessoa humana não se dá separado da vida espiritual. É nesta que a pessoa humana encontra plenamente o sentido existencial, pois a formação humana orienta para aquilo que Deus deseja de cada um, pois Ele é o formador por excelência. A empatia é uma via eficaz que assegura a veracidade vivencial de cada pessoa humana, para não só constituir plenamente cada um, como construir um mundo mais comunitário.

Palavras-chave: Pessoa humana. Empatia. Fenomenologia. Educação. Interioridade.

ABSTRACT

The life and work of Edith Stein can not be summed up only to a concept, line of thought or science. As much as we know that truth has always guided its steps and that its attention to the human being was intensely deep, nevertheless, we can not limit it to what we say about it. His life, his thought, his faith was free, conscious and human. And in the beauty of its existence we find and define the theme of our study: to analyze the understanding of empathy as a possibility of constitution of the human person. For this, the specific objectives that guided the research were: to identify the proposal of the steinian phenomenological conception in relation to empathy; to conceptualize the empathy elaborated by Stein in his phenomenology of the human; deepen Edith Stein's understanding of formation for the constitution of the person through empathy. We chose as methodology of study, the qualitative research of bibliographic character. Our investigations are oriented in the line of research Theology and Society, which highlights the mission of theology in the world in dialogue with all sciences, joined to this element, also leads our work the current research project: 'theological-philosophical contributions to interpretation of the phenomenon religious' where it analyzes the religious phenomenon in contemporaneity and its meaning and place in the complex human and community structure. In this perspective, the first chapter of this dissertation identifies the life of Edith Stein and the elements that make up all elaboration of her phenomenology to discover what truth is. In this way, we approach every process of search and encounter of truth, tracing data of his autobiography in unity with the development of his thought about the human being. The second chapter discusses the great phenomenological project: the human person. The steinian phenomenology apprehends the human phenomenon precisely as it presents itself in our consciousness, where the analyzes of the need to 'go to the essence' of human experience are determined. The third chapter deepens our understanding of the human person, emphasizes that we are all, or should be, a 'conscious and free self' which is structured by a living body (*Leib*), a soul (*Seele*) and a spirit (*Geist*). The sense of the constitution of the human person is not separated from the spiritual life. It is here that the human person finds the existential meaning fully, for human formation guides what God wants from each one, for He is the formator par excellence. Empathy is an effective way of ensuring the living reality of each human person, not only to fully constitute each one, but also to build a more communal world.

Key-words: Human person. Empathy. Phenomenology. Education. Interiority.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	A BUSCA DA VERDADE.....	17
2.1	UMA VIDA PARA A VERDADE.....	19
2.1.1	A origem do desejo da verdade.....	19
2.1.2	O desenvolvimento do desejo da verdade.....	22
2.1.3	O fortalecimento do desejo da verdade.....	27
2.2	O ENCONTRO COM A FENOMENOLOGIA.....	30
2.2.1	A fenomenologia de Husserl.....	35
2.2.2	A fenomenologia de Scheler.....	43
2.2.3	Edith Stein e o encontro com seu desejo da verdade.....	47
3	A FENOMENOLOGIA DO HUMANO.....	50
3.1	UMA TRAJETÓRIA DE AUTOCONHECIMENTO.....	53
3.1.1	A fenomenologia steiniana a partir da empatia.....	55
3.1.2	Uma experiência empática em meio à guerra.....	60
3.2	A PESSOA HUMANA: UM GRANDE PROJETO FENOMENOLÓGICO...	64
3.2.1	A fenomenologia steiniana em relação a Husserl.....	67
3.2.2	A fenomenologia steiniana em relação a Scheler.....	71
3.2.3	A fenomenologia steiniana em relação ao método tomista.....	76
4	A CONSTITUIÇÃO DA PESSOA HUMANA.....	84
4.1	A ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA.....	91
4.1.1	A constituição do indivíduo psicofísico.....	97
4.1.2	A alma: essência e centro da existência humana.....	101
4.2	UMA ANTROPOLOGIA TEOLÓGICO-PEDAGÓGICA.....	106
4.2.1	Pedagogia da empatia.....	113
4.2.2	A empatia como elemento privilegiado da constituição da pessoa humana.....	122
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
	REFERÊNCIAS.....	138

1 INTRODUÇÃO

O amor! Eis nossa primeira experiência da verdade! O amor que nasce, que toca, que se desperta em cada pessoa por várias formas, sendo uma delas ao se estudar Teologia. Pois é algo notório, diante dos conteúdos de fé e humanidade, que desenvolvemos e lapidamos em nós mesmo no percurso da vida, como se permitir vivenciar tal ciência aprimora o nosso ser. Também pela importância que a Teologia possui em contribuir, na sociedade, para a formação de seres humanos mais conscientes e responsáveis na vivência de sua missão em meio a Criação. Ainda, na promoção do diálogo aberto e construtivo com outras culturas, a fim de fomentar e elaborar vias de crescimento intelectual, transcendental e emocional ao gênero humano para o encanto e compromisso com a vida num todo, por uma cultura de paz.

Assim, este estudo refere-se ao tema da empatia no pensamento de Edith Stein (1891-1942). Uma fenomenóloga plenamente preocupada pelo ser humano e que nos permitiu desenvolver uma análise da possibilidade de constituição da pessoa humana por meio da empatia. Esta promove uma investigação que gera o autoconhecimento e autoformação pessoal e comunitária passando pela vivência dos fenômenos da vida, e tendo-a como fundamento, oferece a cada pessoa a contemplação de si, do outro, do mundo e de Deus como realidades promotoras de sentido para existência humana.

Brevemente é importante saber quem foi essa mulher que possuía um incansável desejo pela verdade, pelo que é o ser humano, pelo sentido da vida. Logo, compreender a vida de Edith Stein é compreender seu pensamento. Pois, verifica-se que sua biografia é a melhor chave hermenêutica para a abordagem de sua produção intelectual. Ao lançar-se na vida acadêmica seu desejo é responder aos seus interesses mais pessoais: descobrir a verdade que explica o que é o ser humano nessa vida. Sua preocupação para com a humanidade é algo que caracteriza todo o seu desenvolvimento intelectual e vivência social, pois afirma que “Estamos no mundo para servir a humanidade” (STEIN, 2016, p.291, Tomo 1)¹.

¹ “Estamos en el mundo para servir a la humanidad” (STEIN, 2016, p.291, Tomo 1 – Autobiografia - tradução nossa). **Observação:** a principal fonte bibliográfica de nossa autora de estudo é pesquisada nas Obras Completas de Edith Stein, em espanhol, dividida em cinco tomos, onde a edição é o resultado de três editoras carmelitas: Monte Carmelo (Burgos), EDE (Madri) e El Carmen (Vitoria). Tanto na Espanha quanto na América Latina, há um interesse crescente por Edith Stein, seja em

Assim, Edith Stein empenha-se no conhecimento da pessoa humana. A abordagem e compreensão sobre a concepção de pessoa não pode ser somente um conhecimento técnico, instrumental, racional, não que isso não possua valor, mas precisa ser fundamentalmente humano, e para auxiliar na humanização desta percepção temos a Filosofia, a Teologia, a Antropologia entre outras importantes áreas das ciências que necessitam comungar suas percepções a fim de plenificar e não esvaziar o sentido do ser humano – e é isso que fez Edith Stein: promover a dignidade humana em suas obras.

A empatia não é apenas um ato do conhecimento humano sobre si e o outro. Stein demonstra que o ser humano é um ser, transcendente, aberto e chamado a realizar-se no mais profundo de si mesmo, não deixando de perceber e se dispor em se encontrar com seus semelhantes. Ela “pensava também que a empatia era o caminho para esclarecer o fundamento teórico do conhecimento, não só do homem, mas também da comunidade humana” (SANCHO, 2016, p.65, Tomo 1)².

É importante considerar que a empatia além de constituir o meu ‘eu’, também favorece a aproximação para com o outro de uma maneira significativa. Essa implica no reconhecimento da vivência alheia culminado em um mundo caracteristicamente humano, denso de respeito e ajuda mútua nas necessidades pessoais (ALMEIDA, 2014, p.53). Compreender o outro proporciona uma tomada de posição profundamente empática, isto é, na participação e reconhecimento da unicidade do outro como ingresso de aceitação do diferente e nunca de julgamentos, mas de visibilidade à vida do outro e suas vivências individuais. Logo, nasce a importância desse estudo da empatia como possibilidade de constituição da pessoa humana.

Faz parte do itinerário do Cristianismo proporcionar uma reflexão para as pessoas sobre sua missão no mundo, promovendo valores humanos. Assim, afirma Stein em sua tese doutoral *O Problema da Empatia*³ que “a maior tarefa, parece longe, mas está diante de nós: o tratamento de empatia como um problema de constituição, ou seja, a solução da questão de como se constituem na consciência as objetividades citadas nas teorias usuais de empatia” (STEIN, 2005, p.117, Tomo

universidades e ambientes intelectuais, como religiosos e populares. A tradução para a língua portuguesa é nossa, sendo fidedigno para com as normativas da língua estrangeira, em unidade com nossa ortografia e gramática brasileira. Nosso empenho é trazer aos leitores a fidelidade do pensamento steiniano.

² “[...] pensaba también que la empatía era la vía para la clarificación del fundamento teórico del saber, no sólo del hombre, sino también de la comunidad humana” (SANCHO, 2016, p.65, Tomo 1 – Introdução Geral - tradução nossa).

³ Sobre el Problema de la Empatía (título original na obra utilizada em espanhol para a dissertação).

2)⁴. Desta forma, a empatia é a possibilidade da capacidade constitutiva da pessoa própria. Este é um tema presente na cotidianidade e, por assim dizer, na vida humana, pois traz à tona a necessidade de sensibilizar-se para além de nossa vida particular e olhar para tudo o que nos rodeia.

Como foi mencionado, a finalidade deste estudo é analisar a compreensão de empatia como possibilidade de constituição da pessoa humana. Esta tarefa nos remete ao impacto das influências socioculturais da *sociedade líquida* sobre as relações humanas e a estabilidade gerada. Sendo o passo seguinte, demolir as estruturas destas relações e aplicar uma nova estrutura, que se liquefaz e refaz constantemente. Logo, manifestam-se os mais variados tipos de instabilidades na vida pessoal e comunitária devido ao individualismo, que se propaga em uma política fluida, onde as escolhas mais que aversivas aos valores humanos, são ausentes de estabilidade, flexíveis, efêmeras, reduzindo a ideia de relações afetivas a mero sentimento passageiro e utilitarista.

Há na sociedade, não de modo genérico, mas em boa parcela, a transição de uma humanidade de desenvolvimento físico lento, porém que assume responsabilidades, para um grupo humano de desenvolvimento físico acelerado com menor maturidade psicoafetiva (LIBANIO, 2012, p.13). A dificuldade de assumir decisões ou ser perseverante nas escolhas tomadas gera a instabilidade nas relações afetivas. Além disso, a afetividade é cada vez mais intensificada pela autonomia e o narcisismo (LIBANIO, 2012, p.24). Há também forte descrédito com o compromisso definitivo perante a família, religião, trabalho etc.. Enquanto, as relações afetivas, familiares, profissionais e religiosas trouxerem satisfação, permanecem com a pessoa, caso não, são descartadas. São relações de consumo! (BAUMAN, 2004, p.60).

Assim, o Cristianismo, identificado na Igreja, enfrenta o desafio de evangelizar uma geração que tem um “eu” fragilizado, aberto à dimensão espiritual da vida, mas que frequentemente rejeita a religião institucionalizada (CNBB, 2012, n.143, p.82-83). Ainda, assevera o Papa Francisco que atualmente se experimenta o fascínio de tantos ídolos – o dinheiro, o poder, o sucesso, o prazer – que se colocam no lugar de Deus e parecem dar esperança, mas frequentemente, causam uma sensação de

⁴ La mayor tarea, con diferencia, está todavía ante nosotros: el tratamiento de la empatía como problema de constitución, o sea, la solución de la pregunta sobre cómo se constituyen en la conciencia las objetividades de las que hablan las teorías usuales de la empatía (STEIN, 2005, p.117, Tomo 2 – Autobiografía – tradução nossa).

solidão e de vazio no coração (FRANCISCO, 2013). Isso porque são cada vez mais intensas e rápidas as mudanças que sofre a sociedade, pois, nada é ou foi feito para ser duradouro, isto é, ser sólido – como propõe o conceito de modernidade líquida.

Por isso, a importância de aprofundarmos neste estudo o tema da empatia no pensamento steiniano, a fim de compreender que as pessoas não precisam somente de coisas materiais, mas necessitam especialmente que lhes sejam propostos valores imateriais que fomentam a constituição do ser humano e das relações que se estruturam no cotidiano da vida. As pessoas carregam em si uma série de questionamentos que as influenciam ou que fazem parte da sua formação e do seu amadurecimento. Um deles é a razão de sua existência e sua compreensão de convivência (liberdade-relacionamento) com seus semelhantes e com o mundo.

Diante desse objeto de estudo nos perguntamos, se a verdade que Edith Stein buscava, através do método fenomenológico, tem como fundamento a empatia? É mister compreender no desenvolvimento desse estudo que a empatia é uma via eficaz, como o método fenomenológico, a fim de assegurar a veracidade vivencial de cada pessoa humana para construir um mundo mais consciente da vida como forma comunitária de seres humanos que se respeitam e se reconhecem como semelhantes. A empatia pode contribuir, nesse direcionamento tão necessário à humanidade atual, já que, em virtude da empatia, há possibilidade da constituição humana implicando no reconhecimento da experiência alheia: formo-me percebendo a outras pessoas em suas singularidades, complexidades e vivências.

Em segundo lugar, a empatia é realmente uma condição de que todas as pessoas conseguem experimentar para constituir-se promovendo conhecimento de si e a proximidade do outro? Embasa-nos a compreensão sobre o que se realizará nessa pesquisa, pois o recorte feito na segunda parte do trabalho da tese doutoral de Edith Stein que é dedicada à análise de empatia como a constituição psicofísica do problema individual será nossa base de análises. As vivências empáticas tornam o ser humano autêntico e consciente de si usufruindo de sua liberdade, pois isso possibilita ao ser humano assumir sua vida na verdade e responsabilidade de sua existência. É importante destacar que a fenomenologia steiniana remete a visão de mundo global. Trata-se de uma fenomenologia empática das relações. Assim, o método fenomenológico proporcionou a Edith Stein uma visão significativa de mundo, de ser humano e de suas relações.

Por fim, a centralidade da constituição da pessoa humana dá-se na formação que é uma autoformação. Logo, o ser humano com essa possibilidade pode formar-se a si mesmo sem Deus? Deve-se entender a “constituição da pessoa” como processo pessoal e comunitário de uma formação (*Bildung*) que ocorre de diversos modos, mas aqui é abordada a partir da empatia. Edith Stein obteve profunda percepção das realidades e necessidades de seu tempo e como educadora engajada questiona criticamente as propostas pedagógicas que, segundo sua compreensão, não auxiliavam na formação do ser humano. “Formar” e ou “educar” em Edith Stein não é desenvolver pessoas conforme as necessidades sociais, econômicas, humanas, contudo para aquilo que Deus deseja de cada pessoa humana.

Essas reflexões guiam-nos, assim, para os objetivos que norteiam a pesquisa que consiste em, primeiramente, analisar a compreensão de empatia no pensamento de Edith Stein como possibilidade de constituição da pessoa humana. Esse percurso de investigação se desenvolve a partir de três objetivos específicos, apresentados, percorridos e respondidos em cada um dos capítulos, na ordem a seguir: identificar a proposta da concepção fenomenológica steiniana em relação com a empatia; conceituar a empatia elaborada por Stein em sua fenomenologia do humano; e, aprofundar a compreensão de formação em Edith para a constituição da pessoa através da empatia.

Desta forma, o desenvolvimento desse estudo insere-se na Linha de Pesquisa *Teologia e Sociedade*, que realiza a investigação fenomenológica e teológica voltada à vida e missão do ser humano na sociedade, buscando a coerência entre a fé e a ação em espaços sociais em que todos nós nos relacionamos. A razão teológica é, sobretudo, hermenêutica enquanto busca interpretar a revelação para diferentes contextos culturais. Em unidade com o conhecimento filosófico, desenvolvemos a pesquisa diante dos aspectos racionais em questionar problemas humanos e assim, discernir elementos valorativos à dignidade humana, utilizando as luzes da própria razão humana diante da concepção de verdade e bem comum, na procura de encontrar o sentido último de tudo.

Detêm-se em três características fundamentais da ciência teológica: análise crítica, sistematicidade e dinamicidade. Sendo essa dissertação dividida em três capítulos, como já citado, e seus tópicos que facilitam a compreensão do tema

proposto em nossas análises. E para a obtenção destas evidências é necessário a utilização de um método científico que é tido como o conjunto de atividades sistemáticas e racionais, que com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando nas decisões do cientista.

Assim, para atingir com eficiência a problemática proposta, em nosso método optamos pela pesquisa bibliográfica do tipo descritiva. A pesquisa bibliográfica é um estudo organizado sistematicamente com base em materiais publicados nos mais diversos meios acadêmicos e científicos. O método usado nessa pesquisa é, portanto, o método fenomenológico, de abordagem qualitativa que consiste, essencialmente, na leitura e no aprofundamento do tema proposto através de referências bibliográficas da autora em questão e seus estudiosos e comentadores, por meio da comparação, discussão entre autores e reflexão dos pesquisadores do estudo em questão.

A partir da problematização, dos objetivos e da explicação desses deslocamentos, a dissertação está estruturada em três capítulos.

No primeiro capítulo apresentamos a proposta da concepção fenomenológica steiniana em relação com a empatia. Para isso temos como fontes principais da autora, a sua *'Autobiografia'*⁵ e algumas *'Cartas'* que ela trocava com seu amigo Roman Ingarden e seu mestre Husserl, do Tomo 1; como também as obras *'O que é a Fenomenologia'*⁶, *'O que é Filosofia? – um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino'*⁷, *'A fenomenologia de Husserl e a filosofia de Santo Tomás de Aquino'*, *'A significação da fenomenologia como visão de mundo'*⁸, e *'A fenomenologia'*⁹, todas essas do Tomo 3; e também, algumas partes da obra *'O Problema da Empatia'*¹⁰, do Tomo 2. Entre outras obras de estudiosos e comentadores de Edith Stein, tais como Francisco Javier Sancho, Angela Ales Bello e Clélia Peretti entre outros pesquisadores brasileiros e estrangeiros que desenvolvem seus estudos na vida e obra de Stein e Husserl.

⁵ Escritos Autobiográficos (título original na obra utilizada em espanhol para a dissertação).

⁶ ¿Qué es Fenomenología? (título original na obra utilizada em espanhol para a dissertação).

⁷ ¿Qué es Filosofía? – Um diálogo entre Edmund Husserl y Tomás de Aquino (título original na obra utilizada em espanhol para a dissertação).

⁸ La significación de la fenomenología para la visión del mundo (título original na obra utilizada em espanhol para a dissertação).

⁹ La Fenomenología (título original na obra utilizada em espanhol para a dissertação).

¹⁰ Sobre el Problema de la Empatía (título original na obra utilizada em espanhol para a dissertação).

Ainda, nesse primeiro capítulo é importante ressaltar que o fio condutor do pensamento steiniano é a busca e o encontro com a verdade. Dessa incansável busca e potencializador encontro Edith começa a lapidar sua compreensão de fenomenologia. Assim, ao tratarmos esse breve histórico de Edith Stein, de parte de sua vida acadêmica, o objetivo é demonstrar que essa fase para ela é de uma profunda purificação intelectual e, também, sinalizar que é assim que nasce o desejo pelo doutorado, quando pediu ao Professor Husserl a possibilidade de orientá-la em sua tese, cujo tema proposto era a Empatia. Verificaremos também as influências que a auxiliaram a elaborar toda sua compreensão sobre a fenomenologia e sobre o ser humano, centro de suas pesquisas.

Já no segundo capítulo conceituamos a empatia elaborada por *Stein em sua fenomenologia do humano*. Para este utilizamos as seguintes fontes de nossa autora: '*O Problema da Empatia*'¹¹, do Tomo 2 e '*A Estrutura da Pessoa Humana*'¹² do Tomo 4; como também as obras: '*Autobiografia*'¹³, '*A fenomenologia de Husserl e a filosofia de Santo Tomás de Aquino*'¹⁴, '*A fenomenologia*'¹⁵, todas essas do Tomo 3; e também, '*A sétima morada*', e algumas outras obras de estudiosos e comentadores de Edith Stein, a saber Angela Ales Bello, Patrizia Manganaro, Francesco Alfieri e Juvenal Savian Filho, Clélia Peretti, como também demais pesquisadores nacionais e internacionais que tratam do tema deste capítulo, como de temas complementares que enriquecem e iluminam as abordagens realizadas.

Assim, no segundo momento de nosso estudo a análise verte sobre *O Problema da Empatia*¹⁶, que é a primeira obra que Edith Stein pensou e escreveu como tese de doutorado em filosofia. O tema central da sua pesquisa surge do contato com os escritos de Husserl como um conceito que ainda não era claro e que seria necessário um aprofundamento. Também é tratada a experiência empática de Stein durante a 1ª Guerra Mundial, servindo como enfermeira na Cruz Vermelha, fato que fez interromper os estudos, porém propiciou aprender e experienciar na prática a teoria que no momento estava aprofundando.

¹¹ Sobre el Problema de la Empatía (título original na obra utilizada em espanhol para a dissertação).

¹² Estructura de la persona humana (título original na obra utilizada em espanhol para a dissertação).

¹³ Escritos Autobiográficos (título original na obra utilizada em espanhol para a dissertação).

¹⁴ La fenomenologia de Husserl y la filosofía de Santo Tomás de Aquino (título original na obra utilizada em espanhol para a dissertação).

¹⁵ La Fenomenologia (título original na obra utilizada em espanhol para a dissertação).

¹⁶ Sobre el Problema de la Empatía (título original na obra utilizada em espanhol para a dissertação).

Ainda, é válido compreender que sua fenomenologia já está sendo vivenciada por ela. Ela percebe que sua visão é de um caráter totalmente personalista. Na verdade, coloca sua ênfase na consciência individual que é o que constitui o fenômeno. Nos textos deste capítulo Stein aborda aspectos do método fenomenológico, o que possibilita a apreensão de sua noção de empatia e formação do ser humano. O que favorece a entrada no terceiro capítulo, fomentando uma pedagogia empática que levasse em conta o ser humano em sua totalidade: corpo-alma-espírito (unidade psicofísica).

Por fim, o último capítulo aprofunda a *compreensão de formação em Edith para a constituição da pessoa através da empatia*. As obras aqui investigadas são: 'O Problema da Empatia', do Tomo 2 e 'A Estrutura da Pessoa Humana' do Tomo 4; como também outras obras sobre o conceito de formação, que são desenvolvidas pelos seguintes estudiosos: Angela Ales Bello, Clélia Peretti, Juvenal Savian Filho, Alejandro Bertolini, Adair Aparecida Sberga, Mariana Bar Kusano, Éric de Rus entre outros pesquisadores que acrescentam suas ideias para estruturação deste capítulo. Logo, por meio destas a pessoa humana é observada como um todo e apresenta-se como uma unidade de características qualitativas formada por um núcleo central (*Kern*), ou ainda podemos denominar como "alma da alma". Onde propomos a compreensão de uma educação plenamente antropológica e teológica que aborde a essência humana e que não pode ficar paralela ou ser anulada.

Edith Stein ao identificar um núcleo central da identidade pessoal que é a alma (*Seele*), compreende que a vida é orientada a partir de dentro e do alto, entre interioridade e transcendência. E que o corpo vivo animado é, com isso, iluminado, essa mesma luz que preenche a alma se irradia, tornando-a morada adequada para a atuação de uma vida concretamente livre. Mas toda motivação de Stein parte da questão *o que é o ser humano?*, que permite uma compreensão global e unificada de seu pensamento.

Ao analisarmos a construção da pessoa em suas obras é perceptível que "desde o início, visava a formação integral do ser humano, a educação como um processo criativo que se enraíza na interioridade" (RUS, 2015, p.47). Nesta perspectiva, "a atividade formadora para ela representa uma verdadeira ação divina no mundo que, a princípio, pressupõe um conhecimento do que está sendo formado e o sentido último que possui na vida" (KUSANO, 2014, p.137). A formação para interioridade é a meta final de qualquer ato pedagógico proposto por Edith Stein.

2 A BUSCA DA VERDADE

Se há um elemento determinante, constante e incansável na vida e obra de Edith Stein, é o que ela compreendeu como a “busca da verdade”. Ela “não faz filosofia por profissão, nem estuda pela vontade de saber mais. Por trás de tudo isso se esconde o anseio visceral de descobrir o que é a verdade” (SANCHO, 2016, p.49, Tomo 1)¹⁷. Essa é a melhor expressão que define sua trajetória de vida e o desenvolvimento de seu pensamento.

Todavia esse desejo pela verdade não nasce simplesmente “do nada”, mas, está intrinsecamente enraizado nas mais diversas realidades de vida dessa mulher, pelas quais já passou em sua adolescência, juventude e vida adulta, lapidando, assim, sua existência numa atenção intensa pela compreensão do ser humano. Como se pode perceber, Edith Stein:

Transcorre sua existência num período marcado pelos fermentos da República de Weimar (1919-1933) e pelo advento do nazismo, com Adolf Hitler (1933), líder do Partido Nacional Socialista. Por meio de sua história, podemos conhecer os fundamentos de uma vida familiar judia, que permite o desenvolvimento de uma personalidade completa e harmônica, a determinação interior diante das horas mais difíceis da existência; a evolução e a estruturação de seu pensamento, sua atividade acadêmica e social [...]. Particular destaque será dado à profunda unidade, à riqueza de seus interesses e de seu compromisso diante dos acontecimentos dramáticos das duas guerras mundiais e das transformações culturais e sociais a elas ligadas. Os eventos do seu tempo não foram passivamente vividos por ela, mas incitaram tomadas de posição de um ponto de vista moral e social (PERETTI, 2009, p.12).

É importante analisar nas obras de Edith Stein as indicações que ela fornece sobre o caminho de busca pela verdade. E nesse sentido, todo cuidado é pouco, para não se correr o risco de falar da busca da verdade e projetar a nossa visão da verdade, tal como colocar um “V” maiúsculo nessa palavra “verdade”, supondo que a princípio ela sabia que a verdade era Deus.

Também precaver para não se afirmar, desde o início, que ela sabia a verdade que estava buscando, pois, afirmar que ela desenvolvia uma ideia já sabendo da conclusão, ou seja, assegurar que ela sempre tinha claro que a verdade era Deus e, assim sendo, construir toda sua linha de raciocínio para “provar” que

¹⁷ “No hace filosofía por profesión, ni estudia por el afán de saber más. Detrás de todo ello se esconden sus ansias viscerales por descubrir cuál es la verdad” (SANCHO, 2016, p.49, Tomo 1 – Introdução Geral - tradução nossa).

Deus é a Verdade, é só confirmar aquilo que ela sabia, logo, é algo frágil para se desenvolver todo um pensamento. Sendo visível em sua trajetória de vida que ela não sabia o que era a verdade, mas sabia de sua existência que uma hora ou outra a encontraria. Mas, pode-se perguntar, inicialmente, qual é a verdade que Edith Stein, buscava?

Para isso é preciso ter calma, pois:

A resposta será descoberta paulatinamente, embora possamos antecipar seu conteúdo formal: a verdade que Edith precisa descobrir é aquela que dá sentido e razão para a vida do homem, ou melhor, o mistério que encerra em si o homem [...] Por trás de tudo isso está esse anseio visceral de descobrir o que é a verdade. Isso é, sem dúvida, um dos qualificadores que mais frequentemente se aplicam a Edith (SANCHO, 2016, p.49, Tomo 1)¹⁸.

Mesmo se interessando pelo ser humano, Stein não ficou apática aos problemas de sua época, procurou fundamentar seu pensamento a partir de uma ciência rigorosa. Para se aprender o eixo principal do seu pensamento é necessário seguir o caminho indicado pela própria autora: o método fenomenológico.

Edith Stein é fenomenóloga. Portanto, para acompanharmos seu percurso, é preciso conhecer alguns elementos básicos sobre os quais se fundamenta a fenomenologia de Edmund Husserl e ativar a atitude interior da retenção do juízo (*epoché*), isto é, o colocar fora de circuito os resultados aprendidos até então em todos os campos do conhecimento, sobretudo os advindos das ciências naturais, pois essa é a condição indispensável para apreender em si mesmo qualquer tema tratado e chegar assim à sua essência (ALFIERI, 2014, p.17).

Motivada pela busca da verdade, adentrou-se no campo das investigações fenomenológicas, ainda jovem estudante, para buscar esclarecimento sobre o ser humano. A própria fenomenologia realiza uma profunda purificação intelectual: “nos ensinaram que deveríamos ter todas as coisas diante de nossos olhos sem preconceitos e despojados de todas as ‘cegueiras’” (STEIN, 2016, p.366, Tomo 1)¹⁹.

Edith percebe na fenomenologia uma possibilidade para encontrar essa verdade que tanto lhe instiga. Traça uma trajetória de vida intensa, dedica-se

¹⁸ “Pero, ¿cuál es esa verdad que busca? La respuesta se va a ir descubriendo paulatinamente, aunque podemos anticipar su contenido formal: la verdad que necesita descubrir Edith es aquella que da sentido y razón de ser a la vida del hombre, o mejor, al misterio que encierra en sí el hombre [...] Detrás de todo ello se esconden sus ansias viscerales por descubrir cuál es la verdad. Es, sin duda, uno de los calificativos que con mayor frecuencia se le aplican a Edith” (SANCHO, 2016, p.49, Tomo 1 – Introdução Geral - tradução nossa).

¹⁹ “nos habían inculcado que debíamos tener todas las cosas ante los ojos sin prejuicios y despojamos de toda ‘anteojera’” (STEIN, 2016, p.366, Tomo 1 – Autobiografía - tradução nossa).

principalmente às questões relativas ao ser humano, sendo que essa verdade também para ela daria sentido à existência. Sua vida e sua obra entrelaçam-se, arquitetando um grande projeto para a sua pesquisa:

A pessoa humana e seu mistério são temas dominantes da produção filosófica e teológica de Edith Stein [...]. O método fenomenológico possibilitou-lhe identificar na pessoa humana seu núcleo profundo e investigar os vários campos da ciência, não só das ciências da natureza, das ciências do espírito e da psicologia, mas também da arte, da história, do direito, da ética e da mística (PERETTI, 2009, p.12-14).

Logo, é importante compreender que no desenvolvimento pessoal e intelectual de Edith Stein, faz-se necessário perceber como ela buscava e falava dessa verdade. Ela considera a fenomenologia como uma visão de mundo (STEIN, 2007, p.541, Tomo 3) e fundamenta seu método fenomenológico na vivência da experiência do outro.

2.1 UMA VIDA PARA A VERDADE

2.1.1 A origem do desejo da verdade

Nascida em 12 de outubro de 1891 na cidade prussiana de Breslau (Wroclaw, agora Polônia)²⁰, num berço de raízes, tradições e religiosidade piedosa e profundamente judaica, Edith Teresa Hedwig Stein foi a última filha do sr. Siegfried Stein e sr^a. Auguste Courant, entre seus onze irmãos, sendo desses, sete sobreviventes. Era filha de dois povos opostos: alemã de nascimento e israelita de raça.

Nascer em uma família judia em um território prussiano no final do século XIX significava, via de regra, ter a oportunidade de crescer em um ambiente mais aberto e liberal, embora ser mulher ainda envolvesse uma longa série de barreiras discriminatórias: não tinham direito ao voto, a formação universitária também não era uma realidade para as mulheres, e muitas profissões eram incompatíveis com o simples fato de pertencerem ao sexo feminino. Mais tarde, Edith sofrerá esta situação, embora se beneficie

²⁰ No processo histórico europeu Wroclaw (Breslávia, em alemão Breslau, e em latim Vratislavia) é uma cidade da Polônia em Silésia. Estando às margens do rio Oder, a quase 350 quilômetros de Varsóvia, mudou de estado diversas vezes, e conseqüentemente mudava-se seu nome. Enfim, a região da Baixa Silésia e a cidade pertenceu à Polônia (de 990 ao século XIV), ao Reino da Boêmia (hoje República Checa), à Áustria (de 1526 a 1741), à Prússia (em 1871, o Rei da Prússia fundou a Alemanha unificada). Desde 1945, Wroclaw é de novo uma cidade polaca (BONNEFON, 1945, p.418-420; HOBBSAWM, 2001, p.165-167).

paulatinamente da superação de certas barreiras, principalmente devido aos "avanços" sociopolíticos e pela boa situação econômica que a família alcançará (SANCHO, 2016, p.44, Tomo 1)²¹.

Um ponto determinante na vida de Edith Stein é a morte de seu pai, quando ela ainda tinha apenas dois anos de idade, em 1893; fato este que fez a senhora Auguste Courant assumir o negócio familiar de madeiras (SANCHO, 2016, p.45, Tomo 1), e que promove a imagem feminina e forte que ela tem de sua mãe. Sua mãe profundamente religiosa era rigorosa em cumprir os preceitos e rituais do culto judaico. A infância de Edith passou-se num ambiente de austeridade, onde era viva a herança hebraica, mas que adquiria a caridade como traço marcante de sua personalidade. Como nos relata sua irmã Erna: “Era muito gentil, muito inteligente, pronta para ajudar a todos, muito ligada a sua família, extraordinariamente esperta e rápida, muito carinhosa” (STEIN, 2016, p.204-205, Tomo 1)²².

Desde sua mais terna infância já cultivava o desejo singelo de ir para a escola elementar. Pode-se perceber nos relatos de sua *Autobiografia* que se sentiu desgostosa de ter que ir frequentar a escola para crianças, tendo em vista que era habituada a aprender com os grandes (seus irmãos) em seu lar (STEIN, 2016, p. 208, Tomo 1). E aos seis anos, em 1897, estava cursando a Escola Primária onde manifestou ótimos dotes intelectuais. Assim, para Edith Stein “a escola será uma segunda casa, onde ela se sentirá tão à vontade quanto em casa. Ela sentiu que eles a levaram a sério. Ela poderia aprender a ler, estudar, expressar suas opiniões” (SANCHO, 2016, p.45, Tomo 1)²³.

Assim, no início de sua existência, Edith vive os anos de sua infância e juventude “numa família na qual experimenta, ao mesmo tempo e, com idêntica força, a própria origem judaica e alemã e, num itinerário de pedagogia familiar, cresce sadia, sensível e inteligente” (PERETTI, 2009, p.30). Desde já podemos

²¹ “Nacer en una familia judía en un territorio prusiano a finales del XIX, significaba, por regla general, tener la oportunidad de crecer en un ambiente más liberal y abierto, si bien todavía el ser mujer implicaba una larga serie de barreras discriminatorias: no tenían derecho al voto, la formación universitaria tampoco era cosa para mujeres, y muchas profesiones eran incompatibles con el mero hecho de pertenecer al sexo femenino. Más adelante Edith sufrirá esta situación, si bien ella gozará paulatinamente de una superación de ciertas barreras, principalmente por los "avances" sociopolíticos y por la buena situación económica que alcanzará la familia” (SANCHO, 2016, p.44, Tomo 1 – Introdução Geral - tradução nossa).

²² “Era muy gentil, muy inteligente, dispuesta a ayudar a todos, muy ligada a su familia, extraordinariamente rápida de ingenio, muy cariñosa” (STEIN, 2016, p.204-205, Tomo 1 – Autobiografía - tradução nossa).

²³ [...] para Edith la escuela será un segundo hogar donde, incluso, se sentirá más a gusto que en la casa. Ahí sentía que la tomaban en serio. Podía aprender, leer, estudiar, manifestar sus opiniones (SANCHO, 2016, p.45, Tomo 1– Introdução Geral - tradução nossa).

afirmar que Stein sempre tivera pessoas ao seu lado que a incentivavam nos seus estudos. Mas sempre foi a sua família, a primeira escola, Breslau e especialmente sua mãe, quem mais a influenciou na formação de sua personalidade e intelectualidade (PERETTI, 2009, p.30).

É válido ressaltar que sua mãe tinha muitas expectativas para com Stein, pelo fato dela ter nascido em data solene para Israel: dia da Expição. Mas foram esperanças que se realizaram em sentido contrário, pois ela mostrava-se avessa ao judaísmo.

[...] sua a mãe é uma judia piedosa, mas no ambiente em que se movimentam as coisas, ela é quase a exceção. Seus irmãos 'passam' da religião. E na escola onde ele frequenta durante a infância, também não encontra referências religiosas sólidas. Sua escola é liberal protestante: a religião não é ensinada. E como ela é uma menina, ela não frequenta a sinagoga, nem é apresentada ao estudo das Escrituras. E o humor de Edith não se conforma a nada superficial, nem aceita a tradição pela tradição, embora ela sempre a respeite (SANCHO, 2016, p.46, Tomo 1)²⁴.

Entretanto, Stein não tinha certeza se o que contestava era o judaísmo ou a rigurosidade e dogmatismo da instituição endurecida por rituais estereotipados, e por isso, para elas era sem sentido. Ao se inscrever para a Universidade de Breslau, para ela a religião não tinha mais uma fundamental importância (PERETTI, 2009, p.31). Porém, do mesmo modo que o judaísmo já não respondia seus anseios, também começou a se sentir insatisfeita com os conteúdos apresentados na escola. Desmotivada, decidiu abandonar, em 1906, os estudos e não frequentar mais a escola secundária.

A escola deixa de ser esse mundo maravilhoso onde você aprende tudo o que precisa para a vida. Ele percebe que o mais importante, como encarar a vida e os problemas, ninguém os ensina. Surpreende a todos com sua decisão de deixar a escola. Essas atitudes desconcertantes correspondem ao humor de autenticidade que definirá mais tarde toda a sua carreira (SANCHO, 2016, p.46, Tomo 1)²⁵.

²⁴ “[...] su madre es una judía piadosa, pero en el ambiente en que se mueve es casi la excepción. Sus hermanos "pasan" de la religión. Y en la escuela donde asiste durante su infancia, tampoco encuentra referentes religiosos sólidos. Su escuela es protestante liberal: no se enseña la religión. Y como es niña, ni asiste a la sinagoga, ni es introducida en el estudio de la Escritura. Y el talento de Edith no se conforma con nada superficial, ni acepta la tradición por la tradición, aunque siempre la respeta” (SANCHO, 2016, p.46, Tomo 1 – Introdução Geral - tradução nossa).

²⁵ “La escuela deja de ser ese mundo maravilloso donde se aprende todo lo necesario para la vida. Caen en la cuenta de que lo más importante, cómo afrontar la vida y los problemas, nadie se lo enseña. Sorprende a todos con su decisión de abandonar la escuela. Estas actitudes desconcertantes se corresponden con ese talento de autenticidad que va a definir posteriormente toda su trayectoria” (SANCHO, 2016, p.46, Tomo 1 – Introdução Geral - tradução nossa).

Mesmo ao atravessar essa fase crítica de sua adolescência, em que não encontra sentido para a profissão da fé judaica, como também para com os estudos. Será um ano em que ela irá refletir sobre a importância da dimensão intelectual em sua vida, como também, mas futuramente, escreverá: “[...] eu, como filha de uma família judia, soube da dimensão humana do judaísmo, porque os que estão fora sabem muito pouco” (STEIN, 2016, p.159, Tomo 1)²⁶. Manifestando assim, sua eterna ligação com suas origens.

2.1.2 O desenvolvimento do desejo da verdade

Sua mãe preocupada com tais situações – antipatia pelo judaísmo e desinteresse pelos estudos, tendo em vista que o momento econômico da família favorecia os filhos mais novos estudarem, em especial Erna e Edith – resolve enviar Stein para casa de sua irmã Else, onde morava com seu marido Dr. Max Gordon, para ajudar-lhe com seus dois filhos, em Hamburgo, onde também ela poderá se distrair. Mas talvez por não saber, esse ambiente influenciaria ainda mais Stein para com o desapego com a religião e, ao mesmo tempo, incentivaria a adesão de conhecimentos.

Meu círculo era muito pequeno e eu vivia ainda mais isolada em meu mundo interior do que quando estava em casa. Eu lia o tempo todo que o trabalho doméstico permitia, eu podia ouvir e ler coisas que não eram boas para mim. Por causa da especialidade do meu cunhado, havia livros na casa que não eram exatamente certos para uma menina de quinze anos. Além disso, Max e Else eram completamente incrédulos. Naquela casa, de religião, nada havia absolutamente (STEIN, 2016, p.265, Tomo 1)²⁷.

E ali permanece por um período de dez meses, entre o mês de maio de 1906 até o mês de março de 1907 (SANCHO, 2016, p.178, Tomo 1). Edith Stein já tinha quinze anos de idade. Entretanto, mesmo não frequentando a escola, ela não deixa

²⁶ “[...] yo, como hija de una familia judía, había conocido de la dimensión humana judaica, porque los que están fuera de ella saben muy poco” (STEIN, 2016, p.159, Tomo 1 – Autobiografía - tradução nossa).

²⁷ Mi círculo era muy reducido, y vivía todavía más aislada en mi mundo interior que cuando en casa. Leía todo el tiempo que me lo permitía el trabajo de la casa. Oía y leía también cosas que no me hacían bien. Debido a la especialidadde mi cuñado, había libros en la casa que no eran precisamente adecuados para una muchacha de quince años. Además, Max y Else eran incrédulos por completo. En aquella casa, de religión, nada en absoluto (STEIN, 2016, p.265, Tomo 1 – Autobiografía - tradução nossa).

de se dedicar aos estudos. Também se deve ressaltar que foi este um período de difícil adaptação, pois já fora da escola que não a preenchia e distante da fé judaica, sentia-se perturbada interiormente por questões existenciais, sendo que não obtinha as respostas como gostaria, coloca-se numa atitude de busca; para dar sentido a sua vida e atribuir-lhe um novo conteúdo (PERETTI, 2009, p.34).

A mudança que Edith experimentará nos meses que passa em Hamburgo será decisiva. Fisicamente, torna-se uma mulher. Socialmente consciente da discriminação sofrida pelas mulheres, que marcará nela, a partir de então, uma clara consciência do combate à discriminação. Interiormente ela abandona sua religião e começa a se identificar com um humanismo prático: “estamos no mundo para servir a humanidade”. E intelectualmente seu foco é o problema da existência da humanidade, o significado da vida do homem. E decide retomar seus estudos para contribuir a partir daí, o melhor de si, ao mesmo tempo em que será o caminho para encontrar as respostas que começam a perturbá-la. Ela vive convencida de que “*ela estava destinada a algo grande*”, embora não tenha ideia do que é essa “coisa grande” (SANCHO, 2016, p.47, Tomo 1)²⁸.

Após algum tempo de reflexão, decidiu retomar os estudos para entrar na universidade. Ao voltar para Breslau, com ajuda de aulas particulares de matemática e de latim, recupera o tempo que ficou fora da Escola Vitória. Ela providencia por conta própria o estudo das demais disciplinas, e se prepara, em pouco tempo, em média seis meses, para o exame de admissão para a sétima classe do colégio feminino, superando brilhantemente as provas. E retorna a Escola Vitória, onde já havia estudado, terminando em três anos seus estudos (PERETTI, 2009, p.35).

Depois de certo tempo, aproximando-se o exame de maturidade, Stein opta por Literatura e Filosofia como escolha de sua carreira, uma faculdade que lhe fosse útil também para o ensinamento. Sua família esperava que ela escolhesse Direito, um ramo que lhe oferecesse oportunidades econômicas, todavia, como sabia bem que naquele tempo as mulheres não eram admitidas nessas áreas da vida pública e/ou profissional, nenhum familiar contrariou a escolha profissional:

²⁸ El cambio que experimentará Edith en los meses que pasa en Hamburgo serán decisivos. Fisicamente se transforma en una mujer. Socialmente se percata de la discriminación que sufre la mujer, lo que marcará en ella, a partir de entonces, una conciencia clara de lucha contra la discriminación. Interiormente abandona su religión y comienza a identificarse con un humanismo práctico: “*estamos en el mundo para servir a la humanidad*”. E intelectualmente su centro de atención es el problema de la existencia de la humanidad, el sentido de la vida del hombre. Y decide retomar los estudios para poder aportar desde ahí, lo mejor de sí, al mismo tiempo que será la vía para encontrar esas respuestas que tanto comienzan a inquietarle. Vive convencida de que “*estaba destinada a algo grande*” aún cuando no tiene ni idea de en qué consista ese “algo grande” (SANCHO, 2016, p.47, Tomo 1– Introdução Geral - tradução nossa).

Ninguém impediu minha escolha. Minha mãe colocou sua mão protetora neste assunto, embora ocasionalmente ela dissesse que gostaria de ter uma carreira como advogada. Para isso, eu tinha o argumento de que até então as mulheres ainda não haviam sido admitidas para os exames daquela faculdade. Nenhum de nós pensou em uma profissão social para mim; caso contrário, minha mãe não me fazia mais do que uma sugestão discreta. Ela queria me deixar em completa liberdade. “Ninguém deveria interferir. Ninguém nos deu nada. Faça o que você acredita melhor”. Desta forma, eu poderia seguir o meu caminho sem ser perturbada (STEIN, 2016, p.287-288, Tomo 1)²⁹.

Assim, acabados os estudos ginasiais, ingressou na Universidade de Breslau, em 1911, onde se dedicou principalmente ao estudo da psicologia, filosofia, história e língua germânica, ou seja, cultura alemã. Pois “a escolha destas matérias de estudo [...] respondem aos seus interesses mais pessoais: chegar à descoberta dessa verdade sobre o ser humano (SANCHO, 2016, p.47, Tomo 1)³⁰. E aqui começa a se clarificarem alguns pontos basilares do pensamento steiniano: sua preocupação com o ser humano e o desejo da verdade.

Reinicia uma nova etapa de sua vida com o objetivo de poder entrar na universidade. Atualmente parece lógico e normal, mas no início do século XX tal decisão não era muito comum entre as mulheres, mesmo entre as filhas das classes burguesas, para os quais geralmente um estilo muito diferente da educação foi reservados: cultura geral, algumas línguas (geralmente francês) e lições de música. Ir ao Instituto e depois à Universidade não era comum. Vamos pensar que a entrada de mulheres na universidade só foi possível depois de 1901 na Alemanha. E, ainda, quando Edith entra em 1911, o número delas é muito menor que o dos homens. Isso não será um obstáculo para Edith seguir seu caminho, embora - como acontecerá nas aulas de psicologia - ela seja a única mulher presente (SANCHO, 2016, p.47, Tomo 1)³¹.

²⁹ Nadie estorbó mi elección. Mi madre puso en este asunto su mano protectora, aunque ocasionalmente decía que le hubiese gustado para nula carrera de derecho. A esto tenía yo el argumento de que hasta entonces no habían admitido todavía mujeres a los exámenes de esa facultad. Ninguna de las dos pensábamos en una profesión social para mí; por lo demás, mi madre no me hacía más que una discreta sugerencia. Ella quería dejarme en completa libertad. “No debe entrometerse nadie. Nadie nos ha dado nada. Haz lo que creas mejor”. Así pude seguir mi camino sin ser perturbada (STEIN, 2016, p.287-288, Tomo 1– Autobiografía - tradução nossa).

³⁰ La elección de las materias de estudio [...] responden a sus intereses más personales: llegar a descubrir esa verdad que explique al hombre (SANCHO, 2016, p.47, Tomo 1– Introdução Geral - tradução nossa).

³¹ Reinicia una nueva etapa en su vida con el objetivo de poder ingresar en la Universidad. Actualmente parece algo lógico y normal, pero en los albores del siglo XX tal decisión no era muy común entre las mujeres, ni siquiera entre las hijas de las clases más burguesas, para las que generalmente se reservaba un estilo muy diferente de educación: cultura general, algún idioma (generalmente el francés), y clases de música. Ir al Instituto, y después a la Universidad no era algo común. Pensemos que la entrada de la mujer en la Universidad sólo fue posible a partir de 1901 en Alemania. Y aún así, cuando Edith entra en 1911, el número de ellas es muy inferior al de los hombres. Ello no será obstáculo para que Edith siga su camino, aunque -como le sucederá en las clases de psicología- sea la única mujer presente (SANCHO, 2016, p.47, Tomo 1– Introdução Geral - tradução nossa).

Para Edith, a universidade será o espaço na qual poderá começar a encontrar um caminho que a levará a uma postura objetiva, referente ao desenvolvimento de seu pensamento e na busca das respostas de suas perguntas. Contudo, não podemos afirmar que ela queria um encontro com Deus, pois dizia ter aversão à fé, no âmbito judaico. O que se pode afirmar é que no decorrer da vida acadêmica dela ecoavam em seus pensamentos os problemas da Alemanha e do mundo em sua época.

Nos anos de sua formação juvenil já vivia os problemas de seu tempo com ardor. Era feminista e se batia pela paridade de direitos entre homem e mulher. Estudava apaixonadamente a História para que a reflexão do passado pudesse ajudá-la a compreender o presente e participava de associações que se preocupavam com o problema social (GARCIA, 1988, p.34).

Edith Stein, sentindo-se atraída pelo problema da pessoa, busca, nas matérias humanísticas, elementos para entender a “experiência humana”. Ela procurava objetividade, clareza no pensamento. O desejo da verdade que a movia era um desejo de objetividade. Todavia, mesmo escolhendo essas disciplinas, seu conteúdo não preenchia esse anseio interior de sua vida.

Nesse mesmo período na Universidade de Breslau, Stein entrou em contato com a psicologia por meio das aulas de William Stern (1871-1938). Mas não demoradamente, a decepção com as aulas de psicologia do professor chegaria, pois concluía que eram estudos meramente práticos, baseados nas teorias positivistas e mecanicistas.

Seu desejo pela verdade logo a levará a se sentir insatisfeita com seus estudos. A psicologia, ensinada pelo professor William Stern e com quem pensou e iniciou os procedimentos para um doutorado, parecia mais um jogo mecânico do que uma busca pelo sentido autêntico da vida do homem. A única coisa oferecida pela psicologia de Stern era um método naturalista e puramente mecânico, que basicamente partia da concepção da “pessoa sem alma”. De sua experiência pessoal, da contemplação da realidade, Edith não podia aceitar uma visão reducionista do ser humano. Era como privar a pessoa da sua dignidade mais íntima. Tampouco a filosofia ensinada pelo professor Honiswald, um seguidor do neokantismo, acaba oferecendo respostas evidentes. Não lhe abria novos caminhos de investigação e, de fato, não deixará vestígios em seu pensamento posterior. Edith interiormente parece disposta a tudo, menos a sacrificar a

possibilidade de se aproximar da verdade [...] (SANCHO, 2016, p.48, Tomo 1)³².

Ela cursou quatro semestres dessa disciplina e, entusiasmada com essa nova ciência, passou a acreditar que ela poderia oferecer as respostas aos seus questionamentos (SANCHO, 2016, p.325, Tomo 1). Todavia, acabou se decepcionando, ao averiguar que essa era ainda uma ciência muito nova e que carecia de fundamentos seguros para desenvolver um pensamento mais objetivo. Conforme ela mesma aponta:

Foi um erro desde o começo pensar em um trabalho psicológico. Todos os meus estudos de psicologia me levaram à convicção de que essa ciência ainda estava engatinhando; que lhe faltava o fundamento necessário de ideias básicas e claras, e que essa mesma ciência era incapaz de elaborar esses pressupostos (STEIN, 2016, p.330-331, Tomo 1)³³.

Mas no verão do ano de 1912 e inverno de 1913, ainda resta alguma esperança e inscreve-se em outro seminário com o professor Willian Stern³⁴, em que se discutiam questões sobre a psicologia do pensamento associado, particularmente, ligadas à escola de Würzburg, cujo método era muito discutido por Külpe, Bühler e Messer (PERETTI, 2009, p.37).

Nesse momento de sua reflexão, já levantando críticas ao seu professor Stern diante de seus estudos experimentais (STEIN, 2016, p.330, Tomo 1), estava certa que não mais desenvolveria seu doutorado em psicologia com ele (STEIN, 2016, p.330, Tomo 1). E diante de uma série de questões que ninguém conseguia responder e nem ela mesma conseguiu encontrar respostas nos locais que procurou, começa a buscar outras áreas para saciar-lhe seu desejo da verdade.

³² Sus ansias de verdad pronto la conducen a sentirse insatisfecha con sus estudios. La psicología, impartida por el profesor Willian Stern y con quien pensó e inició trámites para un doctorado, parecía más un juego mecanicista que una búsqueda sobre el sentido auténtico de la vida del hombre. Lo único que le ofrecía la psicología de Stern era un método naturalista y puramente mecánico, que en el fondo partía de la concepción de la "persona sin alma". Desde su experiencia personal, desde la contemplación de la realidad, Edith no podía aceptar una visión reduccionista del ser humano. Era como privar a la persona de su dignidad más íntima. Tampoco la filosofía enseñada por el Profesor Honiswald, seguidor del neo-kantismo, terminaba de ofrecer respuestas evidentes. No le abría caminos nuevos de investigación y, de hecho, no va a dejar huellas en su pensamiento posterior. Edith interiormente parece dispuesta a todo menos a sacrificar la posibilidad de acercarse a esa verdad [...] (SANCHO, 2016, p.48, Tomo 1 – Introdução Geral - tradução nossa).

³³ Era un error desde el principio pensar en un trabajo psicológico. Todos mis estudios de psicología me habían llevado al convencimiento de que esta ciencia estaba todavía en pañales; que le faltaba el necesario fundamento de ideas básicas claras, y que esta misma ciencia era incapaz de elaborar esos presupuestos (STEIN, 2016, p.330-331, Tomo 1 – Autobiografía - tradução nossa).

³⁴ MAXIMI, Carolina. Stein e Stern. Tese: USP.

Stein tem um compromisso intenso com seu desejo pela verdade. Compromisso esse que não seria diluído diante das dificuldades encontradas para se chegar à verdade que lhe movimentava.

2.1.3 O fortalecimento do desejo da verdade

Edith Stein mesmo estando descontente com a psicologia que teve de estudar em seus primeiros anos de vida acadêmica, em uma visita ao Instituto de Psicologia Aplicada de Klein-Glieneke, em Berlim, participando de seminário, conheceu o Dr. Otto Lipmann, que a apresentou para um amigo próximo, o Dr. Moskiewicz (SANCHO, 2016, p.329-330, Tomo 1) que a encaminhou para a fenomenologia. Este, por sua vez, admirado com Stein, incentivou a ler o segundo tomo das *Investigações Lógicas* de Husserl:

“Deixe todas essas coisas”, disse ele, “leia isto, os outros não fizeram nada além de tirar daqui”. Me dizendo isso, ele me deu um volume grosso. Foi o segundo volume das *Investigações Lógicas* de Husserl. Não pude me dedicar a isso imediatamente, porque meus cargos no semestre não permitiram. Mas prometi para as próximas férias. Moskiewicz conhecia Husserl pessoalmente. Ele estudara com ele durante um semestre em Göttingen e ansiava por voltar para lá. “Em Göttingen, você não faz nada além de filosofar dia e noite, nas refeições e na rua, em todo lugar, você só fala sobre ‘fenômenos’” (STEIN, 2016, p.327, Tomo 1)³⁵.

Ao tomar conhecimento de uma nova corrente filosófica, que era o estudo de Husserl, um professor de Göttingen, que havia publicado uma obra: *Investigações Lógicas* (1900/1901)³⁶; e ao lê-la, a levaria para o início de um caminho para o

³⁵ “Deje usted todas esas cosas -rne dijo-; lea usted esto; los otros no han hecho otra cosa que tomar de aqui”. Diciéndome esto, me alargó un arueso volumen. Era el segundo tomo de las Investigaciones lógicas de Husserl. No pude lanzarme a ello de inmediato, pues no me lo permitían mis trabajos del semestre. Pero me lo prometí para las próximas vacaciones. Moskiewicz conocía pesonalmente a Husserl. Había estudiado con él un semestre en Gotinga, y añoraba constantemente volver allí. “En Gotinga no se hace otra cosa sino filosofar día y noche, en la comida y por la calle. En todas partes. Sólo se habla de ‘fenómenos’” (STEIN, 2016, p.327, Tomo 1 – Autobiografía - tradução nossa).

³⁶ Uma obra publicada em dois volumes, sendo o primeiro em 1901, que constitui e funda toda uma nova corrente, crucial na história da Filosofia no século XX: a Fenomenologia. Apresentando uma introdução crítica contra o psicologismo, o relativismo e o naturalismo, e também, de modo mais sumário, uma introdução programática à Fenomenologia. A Crítica de Husserl ao psicologismo apresenta um exemplo clássico de argumentação filosófica clara e concludente, que torna impossível um retorno simples às concepções anteriores. Husserl demonstra que a fundação da lógica, e da filosofia em geral, sobre qualquer ciência empírica e, especialmente, o psicologismo, conduz ao relativismo. Ele mostra que a lógica é a priori para uma teoria da ciência. Rejeita a ideia de que os fundamentos de uma lógica normativa e de uma teoria do conhecimento se encontram na psicologia. Da mesma maneira não aceita a consequência empírica do psicologismo, no sentido de que as leis do pensamento também sejam as leis da natureza, que produziria o pensar racional. E o segundo

encontro da verdade. A partir de outros comentários, Stein ficou totalmente envolvida com tudo o que descobria sobre essa nova ciência que estava redesenhando a forma do pensamento filosófico e de outras áreas relacionadas à sua vida acadêmica, como se pode ver a seguir:

Em um seminário com Honiswald, são citados textos de um novo filósofo [...] que parece estar prestes a iniciar uma nova corrente filosófica. Num jornal, ele lê que uma mulher recebeu uma menção especial dentro dessa nova corrente. Tudo isso instiga a curiosidade de Edith, que dedica as férias de Natal de 1912 para ler as *Investigações Lógicas* [...]. Ela percebe a originalidade deste trabalho e as portas que se abrem para uma abordagem diferente da realidade que até agora lhe havia sido transmitida desde a mentalidade racionalista e criticista que permeava a Universidade (SANCHO, 2016, p.48-49, Tomo 3)³⁷.

Assim, ao terminar de ler e estudar as *Investigações Lógicas* de Edmund Husserl, obra esta que se tornará para ela a fonte e motor de sua busca pela verdade, sente-se convencida de que a fenomenologia irá ajudá-la a esclarecer temas sobre a pessoa humana. Após ter pesquisado sobre os estudos dos filósofos de Göttingen³⁸ nos semestres sucessivos, convicta e motivada pelo desejo da verdade, Edith Stein comunica à família sua decisão de se transferir para a cidade em que só se fala sobre os fenômenos (STEIN, 2016, p.327, Tomo 1).

Seus familiares foram tomados de surpresa, pois não conheciam os precedentes, porém não há barreiras. Sua própria mãe concede-lhe esse desejo: “pede permissão à mãe para estudar no próximo semestre na Universidade de Göttingen. [...] Sua mãe aceita a proposta de Edith, o que lhe deixa total liberdade de

volume em 1913, onde desenvolve, programaticamente, pela primeira vez, o método fenomenológico. Estrutura esse tema, de maneira mais clara, pois no primeiro volume, de modo ainda impreciso, o aspecto do noemático não é muito evidente. Onde por *noema* entende o conteúdo temático do conhecimento em oposição à *noese* como o próprio ato da vivência, que tem o *noema* como objeto (ZILLES, 2007, p.217).

³⁷ En un seminario con Honiswald se citan textos de un nuevo filósofo [...] que parece trata de iniciar una nueva corriente filosófica. En un periódico lee que a una mujer le han concedido una mención especial dentro de esa nueva corriente. Todo ello mina la curiosidad de Edith, que dedica las vacaciones navideñas de 1912 a leer las *Investigaciones Lógicas* [...]. Cae en la cuenta de la originalidad de este trabajo y de las puertas que abre a un acercamiento de la realidad distinto al que hasta ahora le habían transmitido desde la mentalidad racionalista y criticista que imperaba en la Universidad (SANCHO, 2016, p.48-49, Tomo 1 – Introdução Geral - tradução nossa).

³⁸ É uma cidade da Alemanha, junto ao Rio Leine no estado de Baixa Saxônia (*Niedersachsen*), capital do distrito de Göttingen. Situa-se a meio caminho entre Bonn e Berlim. É um importante centro universitário e uma das cidades mais célebres da Alemanha (SANCHO, 2016, p.349-350, Tomo 1 – Nota de rodapé na Autobiografia- tradução nossa).

escolha” (SANCHO, 2016, p.48-49, Tomo 1)³⁹, pois percebe que “o espírito da filha anela para horizontes bem mais vastos daqueles ofertados na universidade de Breslau” (PERETTI, 2009, p.39).

Para Stein, entrar no mundo da fenomenologia, não era somente iniciar uma nova etapa acadêmica, mas começar um novo encontro consigo e com tudo aquilo que ela buscava. Ao iniciar essa nova fase de sua vida percebe, de modo admirável e repleto de ideias que a surpreenderam diante das pessoas que fariam parte de seu círculo intelectual, uma nova visão de mundo que se abria diante de seus olhos: a fenomenologia.

Será a partir do mês de abril de 1913, quando uma autêntica natureza filosófica será configurada em Edith. Nela a jovem estudante universitária da filosofia não se distingue, nem sua vida privada de sua vida acadêmica. É uma natureza única. Ela é uma filósofa desde a medula. Nos anos seguintes, será posto à prova seu espírito profundo como uma mulher lutadora e pesquisadora. Ela não faz filosofia por profissão, nem estuda para saber mais. Por trás de tudo isso está o anseio visceral de descobrir qual é a verdade. É, sem dúvida, uma das qualidades que mais se aplicam a Edith (SANCHO, 2016, p.49, Tomo 1)⁴⁰.

E viaja para Gotinga com o intuito de permanecer por lá somente um semestre, mas nem sempre os planos se realizam como o planejado:

Eu já tinha percorrido vários caminhos desde aquele dia de Abril de 1913, quando chegara pela primeira vez a Gotinga, até aquele mês de março de 1921, em que para lá retornei mais uma vez, enfrentando a decisão mais importante da minha vida [...] Creio que só aqueles que estudaram lá entre 1905 e 1914, durante o curto florescer da escola fenomenológica de Gotinga, podem compreender tudo o que esse nome faz vibrar em nós (STEIN, 2018, p.299).

Ficando hospedada na casa de seu primo Richard Courant e de sua esposa Nelli Neumann (STEIN, 2016, p.345, Tomo 1). Com Edith Stein, parte também uma amiga chamada Rose Guttmann, pela qual ela sentia uma grande admiração, sobretudo por tê-la introduzida no grupo pedagógico formado em sua grande maioria

³⁹ Solicita a su madre el permiso para estudiar el siguiente semestre en la Universidad de Gotinga. [...] Su madre acepta la propuesta de Edith a la que deja plena libertad de elección (SANCHO, 2016, p.48-49, Tomo 1– Introdução Geral - tradução nossa).

⁴⁰ Será a partir del mes de abril de 1913, cuando se configurará en Edith una auténtica naturaleza filosófica. En ella no se distingue la joven universitaria de la filósofa, ni tampoco su vida privada de su vida académica. Es una única naturaleza. Ella es filósofa desde la médula. En los años sucesivos se pondrá a prueba su profundo espíritu de mujer luchadora-buscadora. No hace filosofía por profesión, ni estudia por el afán de saber más. Detrás de todo ello se esconden sus ansias viscerales por descubrir cuál es la verdad. Es, sin duda, uno de los calificativos que con mayor frecuencia se le aplican a Edith (SANCHO, 2016, p.49, Tomo 1– Introdução Geral - tradução nossa).

por alunos e alunas do Seminário do professor William Stern (PERETTI, 2009, p.41-40). Ainda, ela ressalta seu interesse nessa nova etapa de sua vida: “Deixando de lado muitas circunstâncias acidentais, [...] o principal motivo que me levou a Gotinga foi: a fenomenologia e os fenomenólogos” (STEIN, 2016, p.352, Tomo 1)⁴¹.

Ao se mudar, inscreve-se na Faculdade de Filosofia, para as aulas de Husserl; ali ela terá um primeiro encontro com algo que a aproximava da verdade. Isso se constata nas palavras de Edith Stein sobre a sua experiência: “Eu tinha viajado e deixado para trás uma longa estrada que vai desde o dia 17 de abril de 1913, quando pela primeira vez cheguei a Gotinga, até março de 1921, [...] **ao encontro da maior decisão da minha vida**” (STEIN, 2016, p.345, Tomo 1 – grifo nosso)⁴². Tendo em vista que Stein não buscou uma nova corrente porque era uma novidade, contudo, isso faria todo sentido para ela.

2.2 O ENCONTRO COM A FENOMENOLOGIA

Ainda que nos deparemos com referências ao termo fenomenologia em pensadores dos séculos XVIII e XIX, tais como: Lambert (1728-1777)⁴³, Kant (1724-1804)⁴⁴ e Fichte (1762-1814)⁴⁵, ou mesmo, Hegel (1770-1831)⁴⁶. Assim, o

⁴¹ Dejando a un lado muchas circunstancias accidentales, [...] al motivo principal que me había llevado a Gotinga: la fenomenología y los fenomenólogos (STEIN, 2016, p.352, Tomo 1 – Autobiografía - tradução nossa).

⁴² Yo había recorrido y dejado atrás un largo camino que va desde aquel día de abril de 1913, en que por vez primera llegué a Gotinga, hasta marzo de 1921 [...] **al encuentro de la mayor decisión de mi vida** (STEIN, 2016, p.345, Tomo 1– Autobiografía - tradução nossa).

⁴³ Johann Heinrich Lambert nasceu na cidade de Mulhouse (agora na Alsácia, na França). Foi um polímata suíço que fez importantes contribuições para os temas de matemática, física, filosofia, astronomia e mapa projeções, escreveu livros sobre ótica e cosmologia. Em seu principal trabalho filosófico, *Neues Organon (New Organon, 1764)*, onde estudou as regras para distinguir as aparências subjetivas das objetivas. Isso se vincula com seu trabalho na ciência da óptica. Em 1765 ele começou a se corresponder com Immanuel Kant. Lambert em seu tratado sobre lógica encontra-se uma apresentação muito pedagógica dos vários tipos de silogismo, onde também, contém uma das primeiras aparições do termo fenomenologia (REALE; ANTISERI, 1991, p.303, Vol.3).

⁴⁴ Immanuel Kant nasceu em Königsberg, Prússia. Foi um filósofo alemão, que se tornou uma figura central na filosofia moderna. Uma de suas grandes obras de Kant, a é *Crítica da Razão Pura* (1781), onde explicou a relação entre a razão e a experiência humana, como também projetou em ir além das falhas da filosofia e da metafísica tradicional. Desenvolveu muito conteúdos intelectuais, onde se destacam que a mente humana cria a estrutura da experiência humana, que a razão é a fonte da moralidade, que a estética surge de uma faculdade de julgamento desinteressado, que espaço e tempo são formas de sensibilidade humana e que o mundo é “em si” e é independente dos conceitos da humanidade. A noção da “coisa em si” foi muito discutida pelos filósofos depois de Kant, devido à ideia de que a “coisa em si” era incognoscível, sua existência não deve ser assumida, que deu base para a fenomenologia (REALE; ANTISERI, 1991, p.56-59, Vol.3).

⁴⁵ Johann Gottlieb Fichte foi um filósofo alemão e um dos criadores do movimento filosófico conhecido como idealismo alemão. Sua obra é frequentemente considerada como uma ponte entre as ideias de Kant e as de Hegel. Interessou-se pelo problema da subjetividade e da consciência. Fichte usou a

movimento fenomenológico ou fenomenologia, como concebida atualmente, foi estruturado por Edmund Husserl (1859-1938)⁴⁷, o seu fundador. Ele estava preocupado com a crise da cultura e do conhecimento, ou ciências, pois manifestava-se uma forte tendência positivista (STEIN, 2007, p.544-545, Tomo 3). Em função disso, Husserl buscou fundamentar a filosofia como ciência rigorosa, sem deixar de lado os valores que sustentavam as ciências humanas. Ele abre as portas para a escola fenomenológica:

Depois que Husserl foi chamado para Göttingen, eles se reuniram em torno dele no ano de 1905, para que o próprio mestre os iniciasse nos mistérios da nova ciência. Esta foi a origem da “Escola de Göttingen”. Do grupo, Reinach foi o primeiro a ser professor em Göttingen, sendo a mão direita de Husserl, acima de tudo o elo entre ele e os alunos, pois sabia lidar com as pessoas, ao contrário de Husserl [...] (STEIN, 2016, p.353, Tomo 1)⁴⁸.

É importante ressaltar que a proposta fenomenológica de Husserl não pode ser desvinculada de sua primeira formação (matemática), tendo em vista que ele buscava uma fundamentação das formas matemáticas e lógicas nos atos psíquicos (SANTOS, 2010, p.28). Também é válido apontar que entre os anos de 1883 e 1886, Husserl estudou com Franz Brentano (1838-1917)⁴⁹, que influenciou parte de seu

fenomenologia num sentido diferente de Lambert, porém, mantendo a ideia de teoria da aparência, que para ele era a manifestação de algo real, verdadeiro, uma revelação (REALE; ANTISERI, 1991, p.54-56, vol.3).

⁴⁶ Georg Wilhelm Friedrich Hegel também um filósofo alemão, é tido como um dos mais importantes filósofos da história. É incluído no Idealismo Alemão. Porém no que toca sua filosofia, se pode concluir que sua Fenomenologia é diferente de todos os conceitos anteriores e certamente posteriores. Ele na verdade se dedicou ao estudo do movimento do espírito, logo, entende a fenomenologia como uma ciência que descreve a experiência da consciência natural em busca da ciência (REALE; ANTISERI, 1991, p.93-95 e 111-112, vol.3).

⁴⁷ Sinteticamente falaremos a seu respeito, pois abordaremos parte de seu pensamento adiante. Edmund Gustav Albrecht Husserl era matemático e filósofo alemão, que estabeleceu os fundamentos da Escola Fenomenológica. Ele rompeu com a orientação positivista da ciência e da filosofia de sua época. Elaborou críticas do historicismo e do psicologismo na lógica. Não se limitando ao empirismo, mas acreditando que a experiência é a fonte de todo o conhecimento, ele trabalhou em um método de redução fenomenológica a fim de se chegar à essência das coisas (REALE; ANTISERI, 1991, p.557-558, vol.3).

⁴⁸ Después que Husserl fue llamado a Gotinga, se reunieron en torno a él en el año 1905, para que el maestro en persona les iniciase en los misterios de la nueva ciencia. Este fue el origen de la “Escuela de Gotinga”. Del grupo, fue Reinach el primero en ser profesor en Gotinga, siendo la mano derecha de Husserl, sobre todo el enlace entre él y los alumnos, pues tenía un gran don de gentes en contraste con Husserl [...] (STEIN, 2016, p.353, Tomo 1 – Autobiografía - tradução nossa).

⁴⁹ Franz Clemens Honoratus Hermann Brentano psicólogo e filósofo alemão, geralmente considerado o fundador do intencionalismo, que se ocupa dos processos mentais mais que com o conteúdo da mente, e da psicologia que hoje é chamada psicologia existencial. Ele reelaborou a teoria escolástica da “existência intencional” que classificou como “objetividade imanente” (SANCHO, 2016, p.151-152, Tomo 1 – Introdução geral - tradução nossa).

pensamento (SANCHO, 2016, p.326, Tomo 1) no que se refere à psicologia e a filosofia.

O próprio Husserl não se formou em nenhum campo da filosofia. Ele foi um matemático, trabalhou como assistente de Weierstraß em Berlim e, como aluno da mais rigorosa de todas as ciências, sentia algum desprezo pela filosofia, que não lhe parece ser em tudo uma ciência. As coisas mudaram quando - depois do doutorado - ele assistiu às lições ensinadas por Franz Brentano em Viena. Foi onde ele vislumbrou o espírito do que é rigorosamente científico e foi levado a conhecer mais acerca da filosofia. Tornou-se discípulo de Brentano, e embora este homem continuasse a seguir seus próprios caminhos, o espírito da Escolástica imprimiu uma marca em seu pensamento (STEIN, 2007, p.151-152, Tomo 3)⁵⁰.

Sucintamente pode-se analisar que Brentano em suas compreensões aristotélicas sustentava que todo o conhecimento decorre da experiência, todavia, desviando das filosofias da tradição empirista. Segundo Brentano, a experiência seria capaz de promover uma universalidade do conhecimento, assim, contrapondo o relativismo e o ceticismo. Acreditava que era mais importante o ato mental do que o objeto em si (SANTOS, 2010, p.32-33).

Husserl neste seu método de investigação, estrutura e estabelece os basilares conceitos que seriam vastamente empregados pelos pensadores seguintes, os quais podem ser considerados como herdeiros e partícipes da escola fenomenológica: Adolf Reinach (1883-1917)⁵¹, Alfred Schutz (1899- 1959)⁵², Max Scheler (1874-1928)⁵³, Martin Heidegger (1889-1976)⁵⁴, entre outros (MACHADO,

⁵⁰ Husserl mismo no se formó en el seno de ninguno de los dos campos de la filosofía. Fue matemático, trabajó como auxiliar de Weierstraß en Berlín y, como alumno de la más rigurosa de todas las ciencias, sintió cierto menosprecio hacia la filosofía, que no le parecía ser en absoluto una ciencia. Las cosas cambiaron cuando - después de su doctorado - asistió en Viena a las lecciones impartidas por Franz Brentano. Allí es donde él vislumbró el espíritu de lo que es rigurosamente científico y se sintió movido a conocer más de cerca la filosofía. Se hizo discípulo de Brentano, y aunque este hombre siguió caminando por sus propios derroteros, sin embargo el espíritu de la Escolástica marcó una impronta en su pensamiento (STEIN, 2007, p.151-152, Tomo 3 – O que é a Fenomenologia? - tradução nossa).

⁵¹ Adolf Bernhard Philipp Reinach foi um filósofo e fenomenólogo alemão. Foi muito apreciado pelos primeiros alunos de Husserl. A versão de Reinach da primeira fenomenologia era mais simples, clara, mais concreta e mais atraente que a do 'mestre'. O próprio Husserl apreciava [...] o homem com um cérebro claro e um coração afetuoso, o filósofo que havia entendido e assimilado profundamente o método fenomenológico [...]. (Era muy apreciado por los primeros alumnos de Husserl. La versión de Reinach de la primera fenomenología era más simple, más clara, más concreta y atrayente que la del 'maestro'. El mismo Husserl apreció [...] al hombre de cerebro claro y de corazón cálido, al filósofo que había comprendido y asimilado profundamente el método fenomenológico [...]). (SANCHO, 2016, p.352, Tomo 1 – Nota de rodapé na Autobiografia - tradução nossa).

⁵² A principal contribuição de Schütz foi desenvolver a filosofia fenomenológica de Husserl como a base de uma filosofia das ciências sociais (REALE; ANTISERI, 1991, p.556, Vol.3).

⁵³ Também, de modo sintético, pois trataremos do pensamento de Scheler no decorrer do trabalho, ressaltamos que ele era um filósofo alemão, conhecido por seu trabalho sobre fenomenologia, ética e

2017, p.98). Também e especialmente entre estes, Edith Stein, que se torna uma das mais destacadas personalidades, pois ela, como mais ninguém, permanece fiel à pura fenomenologia husserliana (SANCHO, 2016, p.49, Tomo 1), em comparação aos demais seguidores.

[...] a Universidade de Breslau não tinha nada de novo para lhe oferecer, depois de dois anos de permanência lá. Ela havia lido Husserl e se sentiu entusiasmada com essa nova corrente filosófica: a fenomenologia. Inicialmente, apenas por esse motivo decidiu ir para Göttingen, com a intenção de passar apenas um semestre. Mas uma vez lá, não só se entusiasmou com o ambiente, mas intuiu que através do método fenomenológico pode realizar essa busca que tanto a inquieta. Por isso ela decide concluir seus estudos ali mesmo e projeta seu doutorado em filosofia com Husserl (SANCHO, 2016, p.49, Tomo 1)⁵⁵.

Pouco mais tarde, Edith Stein teve acesso ao segundo volume das *Investigações Lógicas* (1913). Já residindo em Gotinga, tem como um de seus primeiros objetivos procurar o então professor Adolf Reinach, com a finalidade de ajudá-la a adentrar no mundo da fenomenologia e conhecer Husserl. Pois Reinach era quem melhor havia compreendido e assimilado profundamente o método fenomenológico de Husserl, como também cuidava do Círculo de estudantes de Gotinga⁵⁶ e foi o primeiro a acolher a jovem Stein, e ajudá-la no seu ingresso após uma entrevista com o próprio Husserl.

Meu primeiro encontro com Husserl não foi visitando-o em sua casa. Ele havia anunciado no quadro uma entrevista preparatória que aconteceria no seminário de filosofia. Os novos também tiveram que ir para ser admitidos.

antropologia filosófica, bem como por sua contribuição à filosofia dos valores. E que terá influência sobre Edith Stein (REALE; ANTISERI, 1991, p.558, Vol.3).

⁵⁴ Martin Heidegger é visto como o filósofo que é o ponto de ligação entre o existencialismo de Kierkegaard a fenomenologia de Husserl. Sua preocupação maior foi a de elaborar uma análise da existência, isto é, esclarecer e estabelecer o verdadeiro sentido do ser, considerando-se assim o seu método fenomenológico e hermenêutico. Torna-se colega de Husserl na universidade, mas não segue o pensamento do mestre, ao contrário, foi seu maior crítico, de tal forma que alguns consideram Husserl como o criador da fenomenologia e Heidegger o seu transformador (REALE; ANTISERI, 1991, p.581-582, Vol.3).

⁵⁵ [...] la universidad de Breslau ya no tenía nada nuevo que ofrecerla, después de dos años de permanencia allí. Había leído a Husserl y se había sentido entusiasmada por esa nueva corriente filosófica: la fenomenología. Inicialmente, sólo por este motivo decide ir a Gotinga, con la intención de pasar allí apenas un semestre. Pero una vez allí, no sólo se entusiasma con el ambiente, sino que intuye que a través del método fenomenológico podrá llevar a cabo esa búsqueda que tanto la inquieta. Por eso decide concluir aquí sus estudios, y proyecta su doctorado en filosofía con Husserl (SANCHO, 2016, p.49, Tomo 1 – Introdução Geral - tradução nossa).

⁵⁶ No Círculo de Göttingen, mais tarde denominado de Sociedade Filosófica, terá ao lado de Edmund Husserl, as seguintes personalidades: Hedwig Conrad-Martius, Grete Ortmann, Érika Gothe, Rose Guttmann, Betty Heymann, Dietrich von Hildebrand, Max Scheler, Adolf Reinach, Hans Theodor Conrad, Mortiz Geiger, Alexandre Koyré, Roman Ingarden e Johannes Hering (PERETTI, 2009, p.40).

Foi ali, então, onde vi 'Husserl pessoalmente diante de mim' [...]. Após as advertências gerais, ele chamou os novatos, um a um. Quando lhe disse meu nome, ele acrescentou: "O Dr. Reinach me falou sobre você. Você leu alguma coisa minha?" *Investigações lógicas*. "Todas as investigações lógicas?". O segundo volume completo. "Até o segundo volume? Então você é uma heroína?", disse sorrindo. Foi assim que fui admitida (STEIN, 2016, p.354, Tomo 1)⁵⁷.

Edith começa uma intensa jornada acadêmica, principalmente no Círculo Fenomenológico, que irá não apenas redirecionar toda a sua vida mas também, de toda filosofia restrita no universo das correntes tidas como racionalistas, empiristas e transcendentais (STEIN, 2016, p.357-358, Tomo 1). A Fenomenologia será uma nova possibilidade de posicionar-se diante do mundo e de falar sobre ele a partir de um percurso de investigação diferente de tudo já proposto. Além do que foi enunciado, resumidamente, o que seria a fenomenologia que tanto encantou Stein:

É a descrição daquilo que aparece ou ciência que tem como objetivo ou projeto essa descrição. A partir desse vocábulo, a Fenomenologia está intrinsecamente relacionada ao conceito de '*fenômeno*'; este pode ser definido como "aquilo que aparece ou se manifesta". Enfim, a fenomenologia é um método que assevera a importância da investigação de apreender a aparição das 'coisas à consciência' (fenômeno) com a rigidez na observância de seus princípios. Que para Husserl significa alcançar a intuição das essências (aquilo que o objeto é), ou seja, "ir ao encontro das coisas em si mesmas" (ABBAGNANO, 2000, p. 437; HUSSERL, 2008, p. 17).

É nesta perspectiva que Edith Stein aprofundará sua vida em busca da verdade. Atraída por essa nova forma de pensar, ela construirá toda sua obra intelectual. Nela "há uma mudança radical em sua maneira de se colocar diante da realidade: ela se vê livre de todo preconceito racionalista, para se colocar com uma atitude intelectual de abertura" (SANCHO, 2005, p.24, Tomo 2)⁵⁸. E por meio do método fenomenológico, buscará entender o ser humano diante de sua consciência,

⁵⁷ Mi primer encuentro con Husserl no fue visitándole en su casa. Había anunciado en el tablero una entrevista preparatoria que tendría lugar en el seminario de Filosofía. A ella debían ir también los nuevos para ser admitidos. Fue allí, pues, donde vi 'estar ante mí a Husserl vivo' [...]. Después de las advertencias generales llamó a los nuevos, uno a uno. Cuando yo le dije mi nombre, él añadió: "El Dr. Reinach me ha hablado de usted. ¿Ha leído usted algo mío?" *Las investigaciones lógicas*. "¿Todas las Investigaciones lógicas?". -El segundo tomo completo-. "¿Incluso el segundo tomo? Entonces es usted una heroína?", dijo sonriendo. Así fui admitida (STEIN, 2016, p.354, Tomo 1 – Autobiografía - tradução nossa).

⁵⁸ En la joven Edith se da un cambio radical en su forma de colocarse frente a la realidad: se ve liberada de todo prejuicio racionalista, para colocarse con una actitud intelectual de apertura (SANCHO, 2005, p.24, Tomo 2 – Introdução Geral - tradução nossa).

analisando nos fenômenos a essência das coisas. Assim, veremos a importância da fenomenologia de Husserl e Max Scheler para o pensamento de Edith Stein.

2.2.1 A fenomenologia de Husserl

Para Husserl o mundo vivido (*Lebenswelt*) é constantemente presente, antes de toda e qualquer percepção. Logo, a fenomenologia pode restituir nossa relação mais direta com o mundo. Assim, “a fenomenologia seria um método ‘descritivo’ que se encarregaria de fornecer as ‘verdades’ [...] sobre o ‘mundo existente’, sobre o mundo ‘concreto’” (MOURA, 2006, p. 17-18). Apreendendo a fenomenologia como a ciência fundamental para todas as ciências, ele assevera em que ela deve ser um método em que as descrições deveriam evitar pressupostos quaisquer que sejam, ou seja, propõe uma análise a partir da suspensão do mundo, que ele categoriza como: redução fenomenológica (*epoché*)⁵⁹ (SILVA, 2018). E que Stein concebe e expõe, na primeira parte do *Problema da Empatia*, da seguinte forma:

O objetivo da fenomenologia é o esclarecimento e, com isso, a fundamentação última de todo conhecimento. Para alcançar este objetivo, a fenomenologia exclui de suas considerações tudo o que é “duvidoso” e que pode ser eliminado. [...] não fazendo uso dos resultados de qualquer ciência: isso é compreensível em si, porque uma ciência que quer ser o esclarecimento final de todo o conhecimento científico não pode depender de uma ciência já fundamentada, mas deve basear-se em si mesma. [...]. Desta forma, todo o mundo ao nosso redor, tanto o físico como o psicofísico, tais como os corpos das almas humanas e animais (salvo própria pessoa psicofísica que investiga), são submetidos à exclusão ou redução (*epoché*). [...] Assim, todo o “fenômeno do mundo” permanece pleno mesmo após a suspensão da sua posição no mundo. E esses “fenômenos” são objeto da fenomenologia. No entanto, não se trata de apreendê-los apenas como fenômenos singulares e explicar tudo o que lhes está implícito, indo atrás das tendências que são resolvidas na simples posse do fenômeno, mas penetrando em sua essência. Cada fenômeno é uma base exemplar para uma consideração da essência. A fenomenologia da percepção não está satisfeita em descrever a percepção singular, mas quer indagar o que é “percepção em geral”, segundo sua essência [...] (STEIN, 2005, p.79-80, Tomo 2)⁶⁰.

⁵⁹ A *epoché* tem como objetivo apreender a essência do fenômeno, ou seja, o *eidos*. Compreende-se assim que tal método fenomenológico seja denominado de variação eidética. Assim, o *eidos* (essência) que é a origem da palavra ideia (sendo essa distorcida no idealismo) é para Husserl a possibilidade de diversas percepções de um mesmo fenômeno (COELHO, 2012, p.20-21).

⁶⁰ Objetivo de la fenomenología es la clarificación y, con ello, la fundamentación última de todo conocimiento. Para llegar a este objetivo excluye de su consideración todo lo que es de alguna manera “dubitable”, lo que puede ser eliminado. [...] no hace uso de los resultados de ciencia alguna: esto es de suyo comprensible, porque una ciencia que quiere ser la clarificación última de todo conocimiento científico no puede apoyarse a su vez sobre una ciencia ya fundamentada, sino que se

Assim, para se alcançar o conhecimento da essência de um determinado fenômeno, tudo o que esteja fora da consciência é colocado entre parênteses, de forma tal que todo o julgamento ou preconceito seja suprimido – resumidamente esta é a redução fenomenológica ou epoché (ALES BELLO, 2000, p.36-38). Nessa perspectiva, percebe-se que o que Husserl enfatiza é a intuição, buscando eliminar tudo o que não for intuitivo para chegar ao conhecimento da essência do fenômeno na consciência. A essa consciência da essência, de um objeto purificado, pelo processo de redução fenomenológica, ele determinou de consciência transcendental (ou atitude fenomenológica), (ALES BELLO, 2000, p.43-44). E de acordo com Moura (2006, p.19):

O conhecimento é essencialmente intencional. Por tal motivo, a fenomenologia está baseada na análise da experiência tal como se manifesta. O que significa isso? Que para conhecer é necessário compreender três fatores: 1. A *hýle* (matéria) que são os dados sensíveis. 2. A *noesis* (forma) que dá o sentido ao objeto apreendido. 3. A *noema* (essência) que é o significado do fenômeno.

A fenomenologia estruturada por Husserl compreende o mundo não como um conjunto de objetos que existem em si, mas como realidade que só existe na medida em que aparecem na relação com um sujeito. O ser do fenômeno é o seu próprio aparecer, resultando que não se faria necessária alguma espécie de essência fora dele para sustentá-lo (ALES BELLO, 2000, p.33-34). Na concepção husserliana a realidade não pode ser restringida exclusivamente ao que apreendemos através dos sentidos. Husserl afirma que não existe consciência sem objeto, e não há objeto sem consciência (COELHO, 2012, p.17). A consciência é este direcionar-se às coisas que a ela aparecem como fenômenos.

A noção de fenômeno é concernente a qualquer manifestação: aquilo que se mostra e que está presente na consciência de um sujeito que é objeto da sua

debe fundar en sí misma. [...] De esta manera, todo el mundo que nos circunda, así el físico como el psicofísico, los cuerpos como las almas humanas y animales (incluso la persona psicofísica del investigador mismo), está entregado a la exclusión o reducción. [...] Así permanece todo el «fenómeno-mundo» después de la supresión de la posición del mundo. Y estos "fenómenos" son el objeto de la fenomenología. Sin embargo, no se trata de aprehenderlos sólo como fenómenos singulares y explicitar todo lo implícito en ellos, yendo tras las tendencias que se resuelven en la simple tenencia del fenómeno, sino de penetrar en su esencia. Cada fenómeno es base ejemplar de una consideración de esencia. La fenomenología de la percepción no se conforma con describir la percepción singular, sino que quiere indagar lo que es «percepción en general», según su esencia [...] (STEIN, 2005, p.79-80, Tomo 2 – O problema da Empatia - tradução nossa).

percepção (COELHO, 2012, p.15). O que podemos compreender com as afirmações do próprio autor, referente ao princípio da intencionalidade de Husserl, que é o postulado basilar de sua fenomenologia: “toda consciência é consciência de algo e objeto é sempre objeto para a consciência” (HUSSERL, 2008, p.45-46). A descoberta de Husserl revoluciona o modo de pensar o mundo, o ser humano. Mas segundo Edith Stein, devemos primeiro:

[...] esclarecer o que deve ser entendido pela fenomenologia. Por isso, não entraremos, de modo algum, em todos os significados que já foram atribuídos a essa palavra nos sistemas filosóficos de épocas anteriores. Quem fala hoje da fenomenologia está se referindo a uma corrente filosófica influente de nosso tempo que foi fundada há cerca de 30 anos. Há 10 ou 15 anos atrás eu teria dito calmamente: que foi fundada por Edmund Husserl, e especificamente por suas *Investigações Lógicas*, cuja primeira edição apareceu em 1900/1901. E provavelmente teria me contentado em caracterizar a fenomenologia de Husserl (STEIN, 2007, p.544, Tomo 3)⁶¹.

De tal modo, o método utilizado por Husserl já estava mais claro e sistematizado a partir do segundo volume das *Investigações Lógicas*. Ele não compreendia a filosofia como um conteúdo em si mesmo (COELHO, 2012, p.17). O anseio de Husserl ao desenvolver seu “método filosófico está embasado em trazer a filosofia, das especulações metafísicas abstratas, para o contato com os problemas reais, com a experiência vivida e concreta” (ALES BELLO, 2000, p.45-46).

Com a fenomenologia, ele “não se interessa pelos fenômenos particulares, mas sim por estruturas universais do aparecer, estas que estão sustentadas por conceitos, tais como fenômenos, consciência e intencionalidade” (COELHO, 2012, p.20). Do mesmo modo, na abordagem fenomenológica, o sujeito transcendental é o sujeito cognoscente por excelência, pois ele não tem como objeto o mundo concreto, tampouco suas relações com as ciências deste mundo (ALES BELLO, 2000, p.46-47). Nessa perspectiva, Husserl é capaz de analisar o próprio fundamento da consciência na sua estrutura formal.

Deste modo, tudo aquilo que podemos saber do mundo resume-se aos fenômenos. Sendo cada um designado por uma análise que representa a sua

⁶¹ Pero primero hay que aclarar qué se debe entender por fenomenología. Para ello no vamos a entrar, en modo alguno, en todos los significados que ya han sido atribuidos a esa palabra en sistemas filosóficos de épocas anteriores. Quien habla hoy de fenomenología se está refiriendo a una influyente corriente filosófica de nuestro tiempo que .1 fue fundada hace aproximadamente 30 años. Hace 10-15 años hubiese dicho tranquilamente: que fue fundada por Edmund Husserl, y concretamente por sus Investigaciones lógicas, cuya primera edición apareció en 1900/1901. Y probablemente me hubiese conformado con caracterizar la fenomenología de Husserl (STEIN, 2007, p.544, Tomo 3 – A significação da fenomenologia como visão de mundo - tradução nossa).

essência. Mas algo interessante no método fenomenológico de Husserl é que ele não fornecia o trajeto a ser percorrido, somente orientava o necessário para que cada um daqueles que seguiriam seu método, pudessem encontrar as respostas:

As Investigações Lógicas [...] abriram as portas da fenomenologia; um método de análise revolucionário no campo da filosofia. [...] Sua ideia como professor [...] era oferecer a suas aulas os problemas da filosofia junto com o método aperfeiçoado por ele, para que os alunos pudessem trabalhar nesses problemas nos anos futuros. Ele nunca pensou em oferecer soluções definitivas (STEIN, 2016, p.326, Tomo 1)⁶².

Em síntese, o método fenomenológico busca a essência, a partir da eliminação de todo e qualquer julgamento que possa conter no fenômeno, deixando de lado o que é acessório e acidental “para alcançar a verdade vivida que brota da análise e de reflexões rigorosas” (COELHO, 2012, p.16). O sentido das coisas é descrito mediante a capacidade humana de refletir diante do que lhe é mostrado, como as coisas físicas ou abstratas (SILVA, 2018). É esse método de investigação fenomenológica que irá acompanhar Edith Stein em todo desenvolvimento de sua produção intelectual, obras e conferências. Ela voltou sua atenção para alguns problemas concretos fundamentais no Volume II de Husserl. Compreende que:

O método para lidar com esses problemas foi desenvolvido por ele mesmo durante toda a investigação. Naquela ocasião, ele descobriu que esse método, em sua opinião, era ideal para lidar não apenas com questões lógicas, mas com todas as questões filosóficas em geral, e tornou-se cada vez mais estabelecido nele a convicção de que é o método, o único que poderia levar a um tratamento científico da filosofia (STEIN, 2007, p.546, Tomo 3)⁶³.

Ao propor repensar tudo a partir da sua nova epistemologia, será possível reconstruir tudo que a razão empírica havia enrijecido, pois, a fenomenologia busca desvencilhar um certo conceito duvidoso sobre o fenômeno em questão (COELHO,

⁶² La Investigaciones lógicas [...] abría las puertas de la fenomenología; un método de análisis que era revolucionario en el campo de la filosofía. [...] Su idea como profesor [...], era la de ofrecer a sus clases los problemas de la filosofía junto con el método por él perfeccionado, de modo que los alumnos pudiesen trabajar sobre esos problemas en los años futuros. Nunca pensó en ofrecer soluciones definitiva (STEIN, 2016, p.326, Tomo 1 – Autobiografía - tradução nossa).

⁶³ En el volumen II dirigió su atención a algunos problemas concretos fundamentales. El método para tratar esos problemas fue elaborado por él mismo a lo largo de la investigación. Con esa ocasión hizo el descubrimiento de que ese método, en su opinión, era idóneo para tratar no sólo cuestiones lógicas, sino todas las cuestiones filosóficas en general, y se fue afianzando en él más y más el convencimiento de que es el método, el único que podía llevar a un tratamiento científico de la filosofía (STEIN, 2007, p.546, Tomo 3 – A significação da fenomenologia como visão de mundo - tradução nossa).

2012, p.21-22). Que a partir do método fenomenológico de Husserl poderá se apresentar maior clareza e evidência ao conhecimento do essencial do fenômeno em si. Nessa perspectiva, “a tarefa da fenomenologia husserliana se propõe a análise pura e à pura consideração de essências” (ALES BELLO, 2000, p.16).

Enfim, Husserl apresenta a redução fenomenológica como viés capaz de possibilitar o conhecimento claro e seguro de tudo aquilo que se manifesta no mundo vivido. E a tarefa é, agora, “dentro do âmbito da evidência pura ou do dar-se em si mesmo (*Selbstgegebenheit*), rastrear todas as formas do dar-se e todas as correlações e exercer sobre todas elas a análise esclarecedora” (HUSSERL, 2008, p. 31). E como já dito anteriormente, mas reiterando a seguir:

As ciências objetivas não lidam com dados absolutos (imanentes) e não vão ao fundamento último, pois ainda têm como suporte um conhecimento transcendente (exterior). Para Husserl é permitido dispor de todas as ciências só enquanto fenômenos, portanto, não como sistemas de verdades vigentes que possam ser entregues a como ponto de partida (SILVA, 2018).

O mais interessante no método fenomenológico husserliano é poder pensar a existência da consciência enquanto consciência de outra coisa. Isto é, a viabilidade da forma de compreender a intencionalidade: toda consciência é consciência de algo, que não seja ela mesma (MOURA, 2006, p.21). Com a fenomenologia ocorre um esvaziamento da consciência – suspensão do fenômeno (*epoché*). Já na imaginação o que há é uma negação do mundo:

[...] certamente, a ‘construção do conceito’ e, da mesma maneira, a livre ficção se efetuam espontaneamente, e aquilo que é gerado espontaneamente é, sem dúvida, um produto do espírito. Por exemplo, o centauro tocando flauta é representação [...] mas não que a representação seja uma experiência psíquica. O centauro mesmo não é, naturalmente nada de psíquico, não existe, nem na alma, nem na consciência, nem onde quer que seja, ele [...] é única e exclusivamente fruto da ‘imaginação’ (HUSSERL, 2006, p.68).

Husserl assevera que a consciência está sempre para algo, que não está necessariamente a nossa frente. Com isso, nega que o domínio da fenomenologia seja o da imanência dos objetos à consciência. A fenomenologia é o estudo dos fenômenos que aparece à consciência (ALES BELLO, 2000, p.46). Nesse sentido,

ele rompe com o “princípio de imanência”⁶⁴, pois não se trata mais de um mundo exterior que poderia ser representado para a consciência enquanto descrição de uma essência, mas de algo vivido enquanto sentido: imanente à consciência (MOURA, 2006, p.15).

A redução fenomenológica proposta por Husserl, não coloca em questão a existência do fenômeno, mas o que é vivido pela consciência como essência da coisa em si. Onde podemos abordar o exemplo da árvore em Husserl:

[...] a árvore pura e simples, a coisa na natureza, é tudo menos esse percebido de árvore como tal, que, como sentido perceptivo, pertence inseparavelmente à percepção. A árvore pura e simples pode pegar fogo, pode ser dissolvida em seus elementos químicos etc. Mas o sentido – o sentido desta percepção, que é algo necessariamente inerente à essência dela – não pode pegar fogo, não possui elementos químicos, nem forças, nem qualidades reais (HUSSERL, 2006, p. 206).

Nesse exemplo clássico, poderíamos apreender que a essência da árvore está na consciência do sujeito: a árvore surge como um conjunto de conteúdos subjetivos e é a árvore própria um fenômeno subjetivo. Mas ao oposto, Husserl com sua fenomenologia propõe por alocarmos a árvore fora de nós, logo a essência não está em nós, mas na árvore em si, nela mesma (MOURA, 2006, p.23).

A consciência não pode ser compreendida tal como local ou espaço onde se depositam conteúdos solidificados pela razão empírica, mas como uma forma de vinculação de uma consciência (sujeito) com outra consciência (fenômeno) (SILVA, 2018). Todavia, não se trata de uma ‘Ciência da Essência’, pois o fenômeno que se manifesta, também manifesta sua essência, tal como sua existência, ou seja, tal como ele é (MOURA, 2006, p.17). O que compreendemos, até então é que a fenomenologia busca pela essência do fenômeno, a partir da experiência dos atos da consciência do próprio fenômeno, em relação à consciência da pessoa.

Husserl chama a esses atos de *noese*, que é o nome dado a essa atividade da consciência: o pensamento. E para aquilo que é visado pelos atos é nomeado de *noema*, que é o objeto desse pensamento, que habita a consciência (MOURA, 2006, p.26-27). Pode-se afirmar que a fenomenologia tem por missão revelar o que há de

⁶⁴ Um pressuposto que comanda a filosofia clássica, que tem como premissa que tudo aquilo de que somos conscientes (o mundo da representação) está na consciência (REALE; ANTISERI, 1991, p.561, Vol. 3).

essencial nesses atos. O traço basilar da consciência é a intencionalidade (ALES BELLO, 2000, p.38). Portanto, sintetizamos essa ideia, nos seguintes dizeres:

Noema seria o aspecto objetivo da vivência (p. ex., árvore verde, iluminada, não iluminada, percebida, lembrada, etc.). Noese é o aspecto subjetivo da vivência, constituído por todos os atos de compreensão que visam a apreender o objeto, tais como perceber, lembrar, imaginar, etc. [...] Logo, transcendente é o mundo exterior (livro, árvore, cadeira), e transcendental é a percepção do objeto na consciência [...] (ABBAGNANO, 2000, p. 713-714; 973).

A fenomenologia considera a relação que a consciência mantém com as coisas (fenômenos) e seus significados/essências. E com a intencionalidade, a própria consciência se clareia, pois ela não é uma interioridade; não há “um dentro”, mas somente “o fora” dela mesma e será esse “sair” dos parâmetros tradicionais da forma como se concebe a consciência que a constitui como consciência (MOURA, 2006, p.23-24).

Em um modo característico do método fenomenológico parte do significado das palavras, distingue cuidadosamente os diferentes significados que são atribuídos às palavras na linguagem usual e está gradualmente entrando nas coisas mesmas, destacando um sentido preciso das palavras: este é um passo que se faz necessário, porque só podemos delimitar com precisão os significados das palavras se trouxermos intuitivamente as mesmas coisas mencionadas com as palavras. Ora, as próprias coisas que têm que ser adivinhadas através do significado das palavras não são coisas individuais da experiência, mas, como o próprio significado das palavras, algo universal: a ideia ou a essência das coisas. Portanto, a visão que nos leva a dar essas coisas não é percepção e experiência sensível, mas um ato intelectual peculiar que Husserl caracterizou como uma visão de essências ou intuição (STEIN, 2007, p.547, Tomo 3)⁶⁵.

Husserl, a partir das meditações de Brentano, concebe a intencionalidade não como característica dos fenômenos psíquicos, mas como a relação entre o sujeito e o objeto da consciência num todo. A intencionalidade é a característica essencial das vivências (ALES BELLO, 2000, p.36). A intencionalidade é a maneira pela qual a

⁶⁵ De un modo característico del método fenomenológico parte del sentido de las palabras, distingue cuidadosamente los diferentes significados que se atribuye a las palabras en el lenguaje habitual y se va adentrando paulatinamente hacia las cosas mismas destacando un sentido preciso de las palabras: este es un paso que resulta necesario, porque sólo podemos delimitar con precisión los significados de las palabras si nos traemos a clara dación intuitiva las cosas mismas mentadas con las palabras. Ahora bien, las cosas mismas con las que hay que acertar a través del sentido de las palabras no son cosas individuales de la experiencia, sino, al igual que el sentido mismo de las palabras, algo universal: la idea o la esencia de las cosas. Por consiguiente, la visión que nos trae a dación esas cosas no es percepción y experiencia sensible, sino un acto intelectual peculiar que Husserl ha caracterizado como visión de esencias o intuición (STEIN, 2007, p.547, Tomo 3 – A significação da fenomenologia como visão de mundo - tradução nossa).

“consciência é”, enquanto um transcender em direção à outra coisa (COELHO, 2012, p.15). Todas as vivências têm de alguma forma também alguma intencionalidade. Dado que determina a revogação da ciência positiva, inserindo a subjetividade humana, sem excluir a objetividade, que é a consciência de algo (fenômeno).

A palavra intencionalidade nada significa senão essa particularidade fundamental e geral que a consciência tem de ser consciência de alguma coisa, de portar, em sua qualidade de cogito, o cogito dela mesma (HUSSERL, 2001, p.14).

Ainda, todo ato do pensamento é intencional, tendo em vista, que a consciência é definida como intenção voltada ao objeto:

O ato primeiro da consciência é querer dizer, designar (*meinen*); distinguir a significação entre outros signos, dissociá-la do eu, da imagem, elucidar as diversas maneiras dentre as quais uma significação vazia vem a ser preenchida por uma presença intuitiva (seja ela qual for), é isto que é descrever fenomenologicamente a significação. Este ato vazio de significar outra coisa não é senão a intencionalidade. Se a intencionalidade é a propriedade notável da consciência de ser consciência de [...] escapar a si mesmo em direção a um outro, o ato de significar contém o essencial da intencionalidade (HUSSERL, 2001, p.9).

Deste modo, concebe-se que a fenomenologia husserliana torna-se uma alternativa de explorar o fenômeno em sua essência mais pura, ou melhor, em sua originalidade. Mas a consolidação de como compreendemos as coisas (o mundo ou fenômenos no mundo) foi obstruindo a nossa maneira de apreender as coisas em si, pois recordemos que a existência da coisa supõe a da consciência.

Poderíamos partir do fenômeno concreto e completo que temos diante de nós em nosso mundo de experiência, do fenômeno de um indivíduo psicofísico que se distingue claramente de uma coisa física. [...] E poderíamos também investigar como tudo o que aparece além do mero corpo físico dado na percepção externa é constituído na consciência. [...] Poderíamos também considerar as experiências singulares concretas desses indivíduos. [...] O mundo em que vivo não é apenas um mundo de corpos físicos, além de mim também há outros sujeitos com experiências [...]. Este não é um conhecimento inquestionável, dado que precisamente aqui sucumbimos a enganos tão variados que, de tempos em tempos, estamos inclinados a duvidar da possibilidade de conhecimento neste campo em geral [...] (STEIN, 2005, p.81, Tomo 2)⁶⁶.

⁶⁶ Podríamos partir del fenómeno concreto, completo, que tenemos ante nosotros en nuestro mundo de experiencia, del fenómeno de un individuo psicofísico que se distingue nítidamente de una cosa física. [...] Y también podríamos investigar cómo se constituye en la conciencia todo aquello que nos aparece más allá del mero cuerpo físico dado en la percepción externa. [...] Podríamos considerar

Pode-se afirmar que o método fenomenológico husserliano é uma proposta para compreendermos o mundo de uma maneira nova, tal como uma nova visão de mundo. A tarefa da fenomenologia husserliana é “colocar em um alicerce seguro todo procedimento científico, [...] mas também toda experiência pré-científica na qual o procedimento científico é erigido” (STEIN, 2007, p.547, Tomo 3)⁶⁷. Não significa eliminar ou desvalorizar as demais ciências existentes, mas sim, entendê-las como não suficientes para se alcançar elementos mais importantes do que as próprias ciências até então apresentaram, por isso a fenomenologia chega à essência.

2.2.2 A fenomenología de Scheler

A fenomenologia estruturada por Husserl é um movimento que proporcionou novos rumos ao cenário da filosofia europeia do século XX. E Max Scheler, sendo contemporâneo, seguidor e amigo de Husserl, aplicou em sua fenomenologia, abrangentemente, ao campo dos valores, do homem e de Deus. Ele incorpora a figura típica do sensor fenomenológico das essências (AQUINO, 2014, p.244).

Tendo em vista que a partir da fenomenologia husserliana é possível analisar uma fenomenologia que buscará, de maneira mais geral, a compreensão dos fenômenos, pode-se afirmar que “embora não exista uma preocupação antropológica no pensamento de Husserl, paradoxalmente, há uma constante reflexão sobre o ser humano” (KUSANO, 2014, p.44). Esse é um dos fatores – de desenvolvimento de uma ontologia – que levam Scheler e outros a distanciar-se de Husserl, lógico, sem desprezar a elaboração de todo seu método:

[...] a investigação sobre a construção de essências do mundo concreto, na qual Scheler e os discípulos de Husserl de Göttingen, próximos de Scheler, viram a sua tarefa e já haviam feito um trabalho frutífero: eles se separaram dele neste momento, e nesse ponto, embora reconheçam seu talento de

además las vivencias singulares concretas de estos individuos. [...]El mundo en el que vivo no es sólo un mundo de cuerpos físicos, además de mí también hay en él sujetos con vivencias [...]. No es éste ningún saber indubitable, dado que precisamente aquí sucumbimos a tan variados engaños que, de vez en cuando, estamos inclinados a dudar de la posibilidad de un conocimiento en este terreno en general [...] (STEIN, 2005, p.81, Tomo 2 – O problema da Empatia - tradução nossa).

⁶⁷ [...] es colocar sobre un fundamento seguro todo procedimiento científico, [...] pero también toda experiencia precientífica sobre la que se erige el procedimiento científico (STEIN, 2007, p.547, Tomo 3 – A significação da fenomenologia como visão de mundo - tradução nossa).

pesquisador e saibam classificá-lo a partir de seu ponto de vista (STEIN, 2007, p.550, Tomo 3)⁶⁸.

Scheler é fortemente caracterizado a partir da história em que estava vivendo: o pós-guerra, uma Alemanha reerguendo-se diante de uma política nazista que desencadeou a Segunda Guerra Mundial, claro, a tensão diante da negação das questões relacionadas aos valores éticos (KIRCHNER; MIGUEL, 2018). A sua filosofia empenhou-se para responder aos questionamentos da vida humana. Scheler busca, no método fenomenológico, proposto por Edmund Husserl, “o caminho para alcançar a radicalidade própria da atitude filosófica sem perder de vista a objetividade dos valores éticos e morais” (COELHO, 2012, p.23).

Scheler desenvolve o método intuitivo e descritivo da fenomenologia para com a ética, e assim, tornou-se o fundador da denominada ética material dos valores (AQUINO, 2014, p.249), que então se opõe ao formalismo e à ética kantiana referente à lei e ao dever. Nessa perspectiva, ele transformou o método fenomenológico de Husserl.

O grande mérito de Scheler reside nos campos da ética, da filosofia da religião e da sociologia filosófica. Neles, ele realizou pesquisas fundamentais com uma atitude puramente objetiva. Ele o fez confiando na força da intuição das essências; esta igualmente sujeita à análise crítica foi longe disso: eram todos fenomenologistas que tinham tomado uma posição mais dura contra a atitude crítica como atitude espiritual fundamental. Isso tinha a ver com sua concepção religiosa, que diante do mundo de Deus exigia também dos filósofos um olhar reto, tão aberto quanto os olhos das crianças. Mas também tinha a ver com o fato de que ele não era um pesquisador tão rigoroso e sóbrio quanto Husserl, e que ele também rejeitava teoricamente sua concepção de filosofia como uma ciência estrita. Desta forma, é compreensível não só que ele rejeitou o idealismo transcendental, mas também que ele não mostrou qualquer interesse para toda a problemática da constituição (STEIN, 2007, p.550-551, Tomo 3)⁶⁹.

⁶⁸ [...] la indagación en el edificio de esencias del mundo objetual, en la que Scheler y los discípulos de Husserl de Gotinga que estaban cerca de Scheler vieron su tarea y ya habían realizado un trabajo fecundo: se han separado así de él en este punto, aunque él reconoce su talante de investigadores y sabe clasificarlo desde su punto de vista (STEIN, 2007, p.550, Tomo 3 – A significação da fenomenologia como visão de mundo - tradução nossa).

⁶⁹ El gran mérito de Scheler reside en los campos de la ética, la filosofía de la religión y la sociología filosófica. En ellos ha realizado con una actitud puramente objetiva investigaciones fundamentales. Lo hizo confiando en la fuerza de la intuición de esencias; someter ésta en si misma a un análisis crítico quedaba lejos de él: ha sido de todos los fenomenólogos el que ha tomado una posición más dura contra la actitud crítica como actitud espiritual fundamental. Eso tenía que ver con su concepción religiosa, que ante el mundo de Dios exigía también a los filósofos la mirada rectilínea, abierta como lo está la mirada de los niños. Pero también tenía que ver con el hecho de que él no era un investigador de corte tan estricto y sobrio como Husserl y de que rechazaba también teóricamente la concepción de éste de la filosofía como ciencia estricta. De este modo es comprensible no sólo que rechazase el idealismo transcendental, sino que tampoco mostrase comprensión alguna para toda la problemática

Scheler desenvolveu diversos assuntos, mas se sobressaiu, sobretudo, em seu pensamento sobre a teoria dos valores, sociologia do conhecimento, filosofia da religião e cultura e antropologia filosófica (AQUINO, 2014, p.242). Suas principais obras são: *Ressentimento na formação da moral* (1912); *Sobre a Fenomenologia e Teoria da Simpatia e Amor e Ódio* (1913); *O formalismo na ética e a ética material dos valores* (1913-1916); *Essência e formas de simpatia* (1923); e *A posição do homem no cosmos* (1928). Com esses escritos, ela estruturou sua linha fenomenológica e, assim, levá-la ao vasto mundo das coisas, desde o mais distante como Deus, a pessoa, os valores (KIRCHNER; MIGUEL, 2018).

Dessa forma, Stein segue um viés ético e mergulha na complexidade do ser humano com o desejo em compreender o sentido da vida, “a verdade que radica no mais profundo de cada homem e ao mesmo tempo em que constitui sua dignidade e a base de sua felicidade e plenitude” (STEIN, 2005, p.63, Tomo 2)⁷⁰. O que reforça a necessidade de desvelar o desejo da verdade na humanidade, dá-se por conseguinte a unidade às investigações fenomenológicas steinianas.

Como mérito de Scheler, a referência ao mundo dos valores materiais (o prazer pelos sentidos, o útil, o belo, o verdadeiro, o moralmente bom, o sagrado) e seu significado para a edificação da personalidade permanecem. Ele abriu os olhos para muitos especialmente pelos valores da esfera religiosa e, é claro, em uma concepção especificamente católica. Graças a ele, ideias como virtude, arrependimento, humildade, para as quais, nos círculos da moderna descrença, todo o entendimento desapareceu, elas voltaram a ser acessíveis em seu sentido original àquelas de seus “desprezadores” que eram pessoas instruídas. É um dever de gratidão ao falecido sublinhar como muitos abriram o caminho para a genuína fé católica (STEIN, 2007, p.554, Tomo 3)⁷¹.

de la constitución (STEIN, 2007, p.550-551, Tomo 3 – A significação da fenomenologia como visão de mundo - tradução nossa).

⁷⁰ La verdad que radica en lo más profundo de cada ser humano, al mismo tiempo que constituye su dignidad y la base de su felicidad y plenitud (STEIN, 2005, p.63, Tomo 2 – Nota introdutória na obra Problema da Empatia - tradução nossa).

⁷¹ Como mérito de Scheler probablemente permanezca la referencia al mundo de los valores materiales (lo agradable para los sentidos, lo útil, lo bello, lo verdadero, lo moralmente bueno, lo santo) y su significación para la edificación de la personalidad. Abrió los ojos a muchos especialmente para los valores de la esfera religiosa y, por cierto, en una concepción especificamente católica. Gracias a él ideas como virtud, arrepentimiento, humildad, para las que en los círculos del descreimiento moderno había desaparecido toda comprensión, volvieron a ser accesibles en su sentido originario a aquellos de sus "despreciadores" que eran personas cultas. Es un deber de agradecimiento frente al difunto subrayar a cuántos abrió el camino a la genuina fe católica (STEIN, 2007, p.554, Tomo 3 – A significação da fenomenologia como visão de mundo - tradução nossa).

Segundo Scheler, o ser humano é um microcosmo que possui os elementos universais e se apresenta em três formas: biológico, psíquico e espiritual. Estes elementos caracterizam o homem como um ser diferencial dos outros e quaisquer seres existentes (AQUINO, 2014, p.242). Também aborda a compreensão do homem como um ser capaz de perguntar e captar a essência das coisas. Questionando, assim, a validade do pensamento moderno em relação ao humano considerado como subjetividade pura, como eu transcendental, como consciência de si (COELHO, 2012, p.24).

Nesse sentido, a partir dos conceitos de subjetividade pura, eu transcendental, consciência de si, Scheler verifica a constituição da pessoa e a hierarquia dos valores. Segundo ele, o conhecimento teórico dos objetos não pode ser considerado somente pelas faculdades cognitivas dadas *a priori*, mas pressupõe um exercício “amoroso do humano” frente ao ser dos objetos (COELHO, 2012, p.25).

[...] para Scheler se trata de substituir o olhar que criticamente examina (“apertando os olhos”, como ele dizia) pelo olhar direto, aberto e confiante, especialmente para o mundo dos valores. Em muitos, isso certamente agiu de forma libertadora e benéfica [...] (STEIN, 2007, p.555, Tomo 3)⁷².

Assim, assevera o que faz o homem diferenciar-se dos outros entes “é a capacidade afetiva pelo fato de ligar ao pensamento o âmbito do discurso ético-valorativo e não por ser dotado de razão ou possuir uma subjetividade” (COELHO, 2012, p.25). Esse novo enfoque sobre a fenomenologia mostra o mundo dos valores tais como as virtudes que permite ao ser humano resgatar o sentido originário desses valores.

Enfim, a contribuição de Scheler ao círculo fenomenológico está na análise em torno da ética e da moral, sendo que para com o pensamento steiniano, sua influência, “reside em torno da ética, da filosofia da religião e da complexidade do ser humano inserido na sociedade” (COELHO, 2012, p.25-26). O que fomenta ainda mais em Stein o desejo pela verdade na vida humana.

⁷² [...] se trataba para Scheler era de substituir la mirada que examina críticamente (“entrecerrando los ojos”, como él decía) por la mirada rectilínea, abierta y confiada, especialmente para el mundo de los valores. En muchos esto actuó ciertamente de forma liberadora y benéfica [...] (STEIN, 2007, p.555, Tomo 3 – A significação da fenomenologia como visão de mundo - tradução nossa).

2.2.3 Edith Stein e o encontro com seu desejo da verdade

Relembramos de sua biografia, que em 1913, Edith muda-se para Gotinga para aprofundar seus estudos. Sendo que a Escola de Filosofia de Gotinga era regida por Husserl. Logo, poucos dias após chegar, pôs-se em contato com os círculos de filosofia e passou a participar das aulas de Adolf Reinach.⁷³ Todavia, seu desejo era a partir de Reinach aproximar-se de Husserl e a cursar suas aulas de fenomenologia, onde foi admitida por ele.

Entre os círculos filosóficos de que Edith participava estava o de Max Scheler na qual também estudava a fenomenologia e que desenvolvera uma linha na questão da simpatia diante do cristianismo, assim exerceu sobre ela uma fascinante, profunda e benéfica influência. Recomendava aos seus alunos que se mantivessem abertos em sua inteligência em relação ao que aprendiam e quanto mais poderiam aprender. Não se deve permanecer com preconceitos e barreiras diante do saber.

Para mim e para muitos outros, a influência de Scheler naqueles anos foi algo que ultrapassou os limites do rigoroso campo da filosofia. Não sei em que ano ele retornou à Igreja Católica. De qualquer forma, era a época em que ele estava saturado de ideias católicas, fazendo propaganda delas com todo o brilho de seu espírito e a força de sua palavra. Este foi meu primeiro contato com esse mundo até então completamente desconhecido. Isso não me levou ainda à fé, mas me abriu para uma esfera de "fenômenos" antes da qual eu nunca mais poderia ficar cega (STEIN, 2016, p.366, Tomo 1)⁷⁴.

A partir desse momento na vida Edith Stein a ciência que era, e sempre seria, seu grande amor, daria espaço para uma nova dimensão: a transcendência. Garcia diz, uma das estudiosas do pensamento steiniano, que “a pessoa não é uma realidade terminada de uma vez: o homem é e se faz. O homem aspira à plenitude, está aberto a tudo o que é grande, nobre, para transformar-se progressivamente” (GARCIA, 1988, p.58).

⁷³ Foi um filósofo alemão (1883-1917). Além de seu trabalho na área da fenomenologia e da filosofia em geral, é creditado para o desenvolvimento de um precursor da teoria do discurso atos de Austin e Searle. Seu trabalho foi baseado principalmente na análise de Husserl de significado nas *Investigações Lógicas*, porém as críticas apontadas por ele dão corpo ao seu pensamento.

⁷⁴ Tanto para mí como para otros muchos, la influencia de Scheler en aquellos años fue algo que rebasaba los límites del campo estricto de la filosofía. Yono sé en qué año volvió a la Iglesia Católica. En todo caso era la época en que se hallaba saturado de ideas católicas, haciendo propaganda de ellas con toda la brillantez de su espíritu y la fuerza de su palabra. Este fue mi primer contacto con este mundo hasta entonces para mí completamente desconocido. No me condujo todavía a la fe, pero me abrió a una esfera de "fenómenos" ante los cuales ya nunca más podía pasar ciega (STEIN, 2016, p.366, Tomo 1 – Autobiografía - tradução nossa).

Essa mudança de perspectiva vai causar uma transformação, mesmo em sua maneira de se posicionar frente à religião. Não que ela se torne uma mulher crente, mas seu ateísmo colapsa, dando lugar a uma atitude, se quisermos, agnóstica. O encontro com Max Scheler, no início de sua estada em Gotinga, é um exemplo disso: “Esse foi meu primeiro contato com este mundo até então completamente desconhecido” (SANCHO, 2016, p.50, Tomo 1)⁷⁵.

E isso reflete como era Edith Stein: alguém que tinha sede da verdade. Tendo também a caridade como um elemento marcante em sua identidade que trouxera do berço, em 1915, estando em curso a Primeira Guerra Mundial, diante da Cruz Vermelha, tratou por cinco meses dos enfermos da guerra.

Já em 1916 o cenário em sua vida muda novamente, em 03 de agosto defende sua tese de doutorado: *O problema da empatia*, tendo Edmund Husserl como seu orientador. Obtém qualificação máxima na sua defesa. Sua tese é publicada. Passa a dar aulas particulares de iniciação à fenomenologia até 1920. Tenta nesse período exercer o magistério no ambiente universitário, mas é impedida por ser mulher.

Entretanto, algo também de suma importância que ocorre em 1917: é a morte do seu primeiro professor – Adolf Reinach – em campo de batalha. A pedido da esposa – Ana Reinach – e recém-viúva, Stein volta para Gotinga para organizar o acervo científico deixado pelo nobre filósofo. Edith ao chegar à casa da família Reinach estava receosa por ter que se encontrar com a viúva, pois a conhecera jovem e feliz, agora estaria envolta em dor.

Mas enganou-se. A senhora Reinach recebeu-a muito diferente do que imaginava. Percebeu que a dor ao invés de revoltá-la, a tinha transformado. Por ser cristã encontrou outro sentido na dor, na perda, na ausência do marido. Fato que provocou intensa impressão em Stein:

Foi este o meu primeiro contato com a cruz e com a força divina que ela emana. Vi tangivelmente diante de mim a Igreja nascida do sofrimento redentor de Cristo, do seu triunfo sobre os estigmas da morte. Neste

⁷⁵ Este cambio de perspectiva va a provocar un cambio, incluso, en su modo de posicionarse frente a la religión. No que se convierta en una mujer creyente, pero sí se derrumba su ateísmo, dando paso a una actitud, si queremos, agnóstica. El encuentro con Max Scheler, al inicio de su estancia en Gotinga, es un ejemplo de ello: "Este fue mi primer contacto con este mundo hasta entonces para mí completamente desconocido. No me condujo todavía a la fe, pero me abrió a una esfera de 'fenómenos' ante los cuales ya nunca más podía pasar ciega" (SANCHO, 2016, p.50, Tomo 1 – Introdução Geral - tradução nossa).

momento minha incredulidade desmoronou-se, meu judaísmo abalou-se e Cristo irradiou-me no mistério da Cruz (STEIN, 2016, p.654, Tomo 1)⁷⁶.

Não ocorrera até então nenhuma adesão a uma profissão religiosa específica, pois o ambiente em que Edith Stein estava era permeado tanto luteranismo como pelo catolicismo. Há sim uma forte aproximação ao cristianismo. Mas foi quando passou a residir em Friburgo, em Breisgau, para ser assistente particular de Husserl, que em 1921, conheceu Hedwig Conrad-Martius – mulher demasiadamente inteligente e com um amor pela filosofia que ia a par com o de Stein.

Essa convivência proporcionou novas perspectivas. E durante o verão, na casa de campo de sua nova amiga, lê a biografia de Teresa D'Ávila. Nessa ocasião ela vive uma experiência de fé que pode ser considerada como ápice de sua definitiva adesão ao cristianismo (SANCHO, 2016, p.67, Tomo 1). Como ela mesmo relata: “Desde que no verão de 1921, a "Vida" de nossa Santa Teresa caiu em minhas mãos e pôs fim à minha longa busca pela verdadeira fé” (STEIN, 2016, p.500, Tomo 1)⁷⁷.

Após ter estudado sobre a doutrina católica procura um padre em janeiro de 1922 e pede para ser batizada na Igreja paroquial de Bergzabern, tendo como sua madrinha Hedwig Conrad-Martius. Convertida ao catolicismo, Edith vive a radicalidade da fé numa entrega incondicional a Deus (GARCIA, 1988, p.47). Onde se encontra com os escritos de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. E que também irá reformular a visão de Edith Stein sobre o ser humano. Será abordada no capítulo seguinte a compreensão de pessoa na estruturação de seu pensamento fenomenológico, antropológico, pedagógico e, certamente, teológico.

⁷⁶ Este fue mi primer contacto con la cruz y con la fuerza divina que emana. Vi tangiblemente ante mí la iglesia nacida de los sufrimientos redentores de Cristo de su triunfo sobre los estigmas de la muerte. En este momento mi incredulidad se derrumbó, mi judaísmo se sacudió y Cristo me irradió en el misterio de la Cruz (STEIN, 2016, p.654, Tomo 1 – Cartas, n.66 - tradução nossa).

⁷⁷ Desde que en el verano de 1921 cayó en mis manos la "Vida" de nuestra Santa Madre Teresa y puso fin a mi larga búsqueda de la verdadera fe (STEIN, 2016, p.500, Tomo 1 – Autobiografía - tradução nossa).

3 A FENOMENOLOGIA DO HUMANO

O método fenomenológico fundamenta-se no movimento de “voltar às coisas mesmas”, ou seja, aos fenômenos, que nada mais são que aquilo que aparece à consciência. Logo, sinteticamente, a finalidade da fenomenologia é uma investigação pura, sem qualquer influência de análises ou descrições científicas. Ela procura apresentar o que verdadeiramente o fenômeno é, ou seja, sua essência.

A necessidade de “ir à essência” deve-se pelo fato da experiência humana no mundo vivido – *Lebenswelt* que é um conceito empregado por Edmund Husserl para indicar o “mundo da vida” ou “mundo vivido”, ou seja, o mundo da vivência humana – que vem antes de qualquer sistematização racional, isto é, da ciência. Assim, a fenomenologia, voltando às coisas mesmas, elimina as influências da racionalidade objetificante positiva do conhecimento e propõem uma investigação da consciência e de seus fenômenos. Por isso a fenomenologia deve buscar apreender o fenômeno precisamente como ele se oferece em nossa consciência.

Nesta perspectiva, a fenomenologia contesta a concepção positivista do século XIX, que objetiva o mundo em um conhecimento científico longínquo do homem e de sua subjetividade, e desenvolve a humanização da ciência, rompendo com o dualismo: homem-mundo ou homem-espírito (ALES BELLO, 2000, p.43).

Tendo em vista que a razão científica moderna, historicamente, germinada nos séculos XVI e XVII, exponencialmente com Francis Bacon (1561-1626) e Descartes (1596-1650), tem como principal atributo: a ruptura com o pensamento medieval. Assim, o fator determinante, no século XVI, da razão científica moderna é o advento do Renascimento que institui o antropocentrismo versus o teocentrismo medieval; que passa a estimar o indivíduo e suas capacidades, ciências como fundamento da construção do conhecimento.

É importante ressaltar essas questões, pois, no Renascimento, suscita-se a Revolução Científica – evidenciando Copérnico (1473-1543) e Galileu (1564-1642) com extraordinárias pesquisas no campo da física, astronomia e matemática. Isso significa que se desenvolve uma nova caracterização de visão de mundo, que se baseia na concepção do progresso humano através do desenvolvimento da ciência e da razão. Eis a Modernidade estruturando seus alicerces.

Na modernidade o homem coloca-se no lugar de Deus, todavia, o progresso científico destrona o ser humano de seu posto, e se “autointitula” a “salvadora” da humanidade. Já nos próximos séculos, o mundo moderno que fora estruturado nas promessas de igualdade, fraternidade e liberdade, da Revolução Francesa, juntamente com os ideias da prosperidade científica conduz a fragmentação do mundo, do pensamento e do ser humano. Diante deste contexto é que surge a questão do humano e de seu significado, que como dito, encontra-se em uma visão fracionada. Mas que pode ser analisada a partir de diferentes perspectivas, entre elas, a fenomenologia.

O nosso mundo é o mundo da vida (*Lebenswelt*), sendo que, o mundo científico ou da ciência “é um sistema material, real e fechado, é um mundo inabitado e inabitável” (DARTIGUES, 2003, p.78). Enquanto o mundo vivido é aquele que a nós se manifesta e oferta nossas principais vivências; e que tem elementos próprios de verdade e experimentação. Logo, para a fenomenologia, a rigorosidade e objetividade da ciência não são eliminadas, e sim, associadas ao mundo da vivência humana, pois, nós não conseguiríamos viver num mundo somente conjecturado pela ciência.

O interessante da fenomenologia não é o mundo que existe, e sim, a forma como o conhecimento desse mundo se dá e realiza-se em cada indivíduo. A fenomenologia é, antes de tudo, o método pelo qual o conhecimento do mundo acontece na percepção que o indivíduo tem dele. Assim, a intencionalidade da consciência é que induz a consciência ao fenômeno, na mesma perspectiva que o fenômeno é apreendido pela consciência:

[...] ter consciência das vivências, segundo Husserl, é dizer que o ser humano tem a capacidade de ter consciência dos seus atos enquanto ele está vivendo estes atos, enquanto está realizando estes atos. Este processo acontece através da percepção das coisas que é o resultado que faz com que o ser humano possa dar-se conta. [...] Este dar-se conta é a consciência de algo, por exemplo, a consciência de tocar em alguma coisa. Desta forma, podemos dizer que ver e tocar são vivências e, dessa forma, pode ser registrada por nós e delas termos consciência. [...] Ter consciência dos atos que são por nós registrados são vivências (ALES BELLO, 2006, p. 32-34).

A fenomenologia não tem a necessidade ou mesmo finalidade de aplicar a dúvida cartesiana⁷⁸, mas sim, realizar a *epoché* – isso requer a suspensão de tudo: crenças, preconceitos, teorias, para que o conhecimento das coisas exteriores ao fenômeno seja eliminado a fim de que o foco dirija-se ao fenômeno falar por si mesmo – que significa descrever os fenômenos presentes na consciência quando são colocados entre parênteses perante qualquer conceito histórico-cultural. Assim, na fenomenologia todas as coisas que se mostram a nós, tratamos como fenômenos, porém:

[...] o fato de se mostrarem não interessa tanto, mas sim, compreender o que são, isto é, o seu sentido e/ou significado. [...] O grande problema da filosofia hoje em dia, é buscar o sentido das coisas, tanto de ordem física, quanto cultural, religiosa, etc.. Das coisas que se mostram para nós. [...] que para compreender o sentido dos fenômenos, devemos fazer uma série de operações, pois nem sempre conseguimos compreender tudo imediatamente (ALES BELLO, 2006, p.69-71).

E é nessa linha que entendemos o ser humano como fenômeno no pensamento steiniano, pois, “nos possibilita a olhar para a pessoa humana como um ser unitário, um ser que ao mesmo tempo é espiritual e material, que se encontra como ponto de união entre as dimensões psico-físico e espiritual” (MANGANARO, 2016, p.10). O que remete a investigação da essência humana, nunca desligado do mistério da verdade, que compõem a natureza humana, naquilo que é o indivíduo: corpo-alma-espírito:

A unidade do ser humano, de um lado, é o seu constitutivo; de outro, tem que ser conquistada como meta da sua realização plena. A pessoa unificada é uma pessoa espiritual que está em uma livre posição não só diante do seu corpo, senão também diante de sua alma. Esta unidade, percebível no plano experiencial-fenomenológico, se manifesta como algo essencial ao ser humano, como elemento que tem uma incidência decisiva no grande projeto fenomenológico de Edith Stein, voltado para pensar o binômio finito-infinito, pois não se trata de uma simples antropologia, mas de uma filosofia da pessoa humana [...]. (MANGANARO, 2016, p.10).

⁷⁸ Para o método cartesiano a dúvida metódica é uma peça fundamental, pois possibilita recusar tudo aquilo em que se nota a mínima suspeita de incerteza e, por isso, é posta a serviço da verdade. Assim, a dúvida cartesiana é metódica e provisória, pois é um meio para atingir a certeza não constituindo um fim em si mesmo; é hiperbólica porque considera como falsas todas as coisas em que se note a mínima suspeita de incerteza; também é universal e radical uma vez que incide não só no conhecimento em geral, como também sobre os seus fundamentos, as suas raízes (DESCARTES, 1983, p.9-11, Nota Introdutória).

Assim, a corporeidade é a realidade humana que se erige em cada momento no mundo, pois o ser humano é a sua corporeidade. Nessa perspectiva, a corporeidade é o devir criativo, que tem possibilidades infinitas de vivências que desenvolvem a consciência empática em relação com o “mundo da vida” com afirmava Husserl. Logo, “fazer fenomenologia é compreender o sentido da humanidade através de uma epistemologia analítica das experiências (*Erlebnisse*)” (MANGANARO, 2016, p.14).

Sendo que a presença do ser humano no mundo pode ser compreendida por meio de sua corporeidade, e esse corpo é o fenômeno que vamos investigar. Pois o corpo é que nos põe em relação com o mundo e nos proporciona modificá-lo. Assim, a investigação fenomenológica da dimensão da interioridade “não é separada do interesse pela empatia e pelos vínculos intersubjetivos: deste modo, a investigação sobre a pessoa humana torna-se uma gramática fenomenológica da relação” (MANGANARO, 2016, p.13).

3.1 UMA TRAJETÓRIA DE AUTOCONHECIMENTO

O percurso existencial, filosófico e espiritual de Edith Stein é marcado pelo estudo da pessoa humana e pela defesa de sua liberdade e dignidade. Na análise desta realidade misteriosa ela se deixa guiar pela verdade que está na base de sua visão fenomenológica. Há nos seus escritos certo equilíbrio na passagem da filosofia para a teologia e da visão natural para uma visão iluminada pela fé. Pois, “para Edith Stein a teologia não é apenas uma ciência ou um estudo sistemático, mas [...] indica a própria palavra de Deus, Cristo, o sumo teólogo” (PERETTI, 2016, p.9, Prefácio).

Edith Stein aprende na escola de Husserl o método fenomenológico, de ir diretamente às coisas, aos fenômenos, com um olhar atento, intenso, respeitoso e livre de qualquer preconceito. A fenomenologia representava para o grupo de colegas e de discípulos de Husserl, como uma espécie de uma ‘nova escolástica’, como uma posição capaz, por um lado, de fundamentar a filosofia como um saber rigoroso libertando-a do relativismo e do psicologismo e, por outro de superar a posição neokantiana que aparecia ainda, muito ligada ao idealismo e incapaz de colher a realidade (SANCHO, 2016, p.24, Tomo 1)⁷⁹.

⁷⁹ [...] como una "nueva escolástica", debido a que, apartándose la mirada filosófica del sujeto, se dirigía ahora al objeto: el conocimiento parecía ser de nuevo un recibir, que obtiene su norma de las

Assim, o dito husserliano “retornar às coisas mesmas” (*Zurück zu den Sachen selbst*), atraiu fortemente seus discípulos. Desta forma, Edith Stein analisa com o método fenomenológico os fenômenos, os fatos, as questões, as temáticas culturais e os problemas humanos. A pessoa humana é estudada do ponto de vista filosófico, concebida e definida, por sua vez, nos seus aspectos biológicos, psíquicos, intelectual, espiritual e religioso.

Falar de pessoa é reservar um destaque para a dignidade humana [...]. Edith Stein, na esteira de uma longa tradição que remonta aos primeiros séculos da Era Cristã, fala de indivíduo, mas fala também de pessoa, seguindo a definição dada por Boécio de Roma (475-525): pessoa é a substância individual de natureza racional [...]. Essa definição é o que leva os autores, entre eles Edith Stein, a distinguir pessoa humana de pessoa divina. Assim, falar de pessoa humana não é um pleonasma, pois é possível falar de pessoa divina (SAVIAN FILHO, 2014, p.xviii – prefácio).

A fenomenologia, sobretudo aquela praticada na escola de Husserl e no Círculo de Göttingen, com Von Reinach (1842-1905), Max Scheler (1874-1928), Conrad-Martius (1888-1966) e Von Hildebrand (1889-1977) é uma das correntes mais fecundas e claras da filosofia contemporânea, especialmente para entender a interioridade humana. Pois, em Edith Stein “a fenomenologia é um pensar sem preconceitos sem censura e cesuras que se deixa atravessar pelo exercício da cura e da acolhida” (MANGANARO, 2016, p.21). Vejamos como ela sintetiza o melhor das leituras que faz dos pensadores que auxiliam na estruturação de suas ideias:

A atualidade de Edith Stein é determinada também por uma proposta inteiramente pós-moderna, de confrontar e de fazer dialogar, Husserl com Tomás de Aquino, na íntima convicção de uma integração, e não de uma separação, entre modernidade e tradição, entre fenomenologia e pensamento cristão. [...] O que une, para Edith Stein, os dois pensadores é o rigor e a clareza (*Klarheit*), e também o traço distintivo de filosofar que lhe é próprio: a busca por um fundamento. O método husserliano consiste em uma análise das essências objetivas [...]. E há, em Edith Stein, um ulterior aprofundamento especulativo agora mais consciente da união, na distinção constitutiva da razão e da Revelação (MANGANARO, 2014, p.24-25).

Não há como ignorar que, para os condiscípulos e para ela, o encontro com a corrente filosófica fenomenológica a liberou de discriminações e a colocou à escuta da verdade. Foi o primeiro passo de sua conversão ao cristianismo. É o gênero de filosofia e de antropologia de que hoje necessitamos: que abra à verdade e descubra

a interioridade humana, conectando-se com a fé cristã. Deste modo, aprofundar o sentido da concepção de pessoa humana no pensamento de Edith Stein é não conceber o ser humano como um indivíduo dotado de consciência e situado em contraposição ao mundo, mas sim, segundo Savian Filho, compreender que “o que o indivíduo tem de individual, se todas as essências são comungadas com outros indivíduos, é apenas seu ato de ser” (2014, p.LV – prefácio). Ou seja, observar o outro como fenômeno é permitir que ele manifeste o que de fato ele é, sem pré-conceitos ou rotulações pré-concebidas por nós, pois ao ter o ser humano como fenômeno se atinge a questão da consciência “que passa a ser o nome de nossa relação com tudo e não apenas o nome de uma faculdade interna para analisar o que é externo” (SAVIAN FILHO, 2014, p.XVIII – prefácio).

3.1.1 A fenomenologia steiniana a partir da empatia

Como será descrito adiante, no ponto sobre a fenomenologia steiniana em relação a Husserl, discorreremos um pouco sobre a questão da empatia no início da vida acadêmica de Edith em Gotinga, junto a seu mestre, e que abordaremos alguns elementos relevantes a seguir. Pois, o tema da empatia é de suma importância por várias questões: a primeira sem dúvida vem do fato de que a experiência empática fundamenta a intersubjetividade, também, vem do interesse em atualizar e aplica a investigação fenomenológica da empatia em diversas dimensões da vida humana (SAVIAN FILHO, 2014, p.07).

Ao abordar o fenômeno da empatia, comparando as várias teorias que estavam em vigor na época e evidenciando a nitidez do novo método fenomenológico (SANCHO, 2005, p.31, Tomo 2), Edith Stein busca uma resposta ao problema relativo ao “eu” – que é o centro da pessoa humana – e ao problema relativo ao significado do “ser” em geral. Procura, ao mesmo tempo, esclarecer para ela mesma, com a ajuda do método fenomenológico, a verdadeira essência da empatia (PERETTI, 2010, p.43), e qual é o momento empático que caracteriza a relação intersubjetiva. Eis a individualidade como chave de compreensão:

Sobre o tema da individualidade, Edith dedicou muitas de suas melhores páginas e referências em boa parte de seus escritos, e é um tema recorrente ao longo de seus trabalhos. No contexto de “Ser finito” a questão é novamente colocada, sobre a qual depende a compreensão global do ser humano: “Quando lidamos com o ser pessoal do homem, muitas vezes

tocamos em outra questão que já encontramos em outros contextos e que devemos esclarecer agora se queremos entender a essência do homem, seu lugar na ordem do mundo criado e sua relação com o ser divino, é a questão do 'ser individual' (da individualidade) do homem". Isso não significa esquecer a dimensão relacional, mas é exatamente o oposto: nela é explicada e desenvolvida em plenitude (SANCHO, 2007, p.44-45, Tomo 3)⁸⁰.

Na busca pelo “que é o humano?”, Edith desenvolve e define por empatia o entendimento de que esta é a experiência da experiência dos outros, da qual se participa em comunhão afetiva, entendendo por vivência empática, a maneira como cada sujeito se coloca em contato com os outros sujeitos e os conhece (PERETTI, 2010, p.42). Em sua tese de doutorado, Edith desenvolve a ideia de Husserl sobre a empatia como a experiência da consciência alheia, o que também a conduzirá a concluir que “a noção de pessoa é o resultado de um processo cognitivo-valorativo e não um ponto de partida” (ALES BELLO, 2014, p.9).

Seu desenvolvimento metodológico abarca no início de sua escrita, fenomenologia e os conceitos básicos de Edmund Husserl: percepção interna, percepção externa, reflexão, intencionalidade, etc. (SANCHO, 2016, p.27, Tomo 1). Seu desígnio é, de um lado, definir a essência desse tipo de atos experienciais *sui generis*⁸¹; e de outro lado, abordar o fenômeno como um problema de constituição, isto é, por meio da empatia compreender como a essência do indivíduo psicofísico ou personalidade são constituídas na consciência (SANCHO, 2016, p.27, Tomo 1).

Em sua crítica a Theodor Lipps, Stein faz uma distinção benéfica entre empatizar (*empfinden*) e outros fenômenos semelhantes, como: compaixão (*mitgeföhlen*), consentir (*mitfühlen*) e sentimento de identificação (*einföhlen*) (SAVIAN FILHO, 2014, p.33-34). Pois, a compaixão é um sentimento orientado para a realidade que o outro vive e que muitas vezes, não se torna prática e/ou próxima, ao contrário da empatia que não é apontada para a dimensão de permanecer na

⁸⁰ Al tema de la individualidad Edith le ha dedicado muchas de sus mejores páginas y reflexiones en buena parte de sus escritos, y es un tema recurrente a lo largo de todas sus obras. En el contexto de "Ser finito" se vuelve a plantear la cuestión, de la cual hace depender la comprensión global del ser humano: "Cuando tratamos del ser personal del hombre, rozamos con frecuencia otra cuestión que ya hemos encontrado en otros contextos y que debemos aclarar ahora si queremos entender la esencia del hombre, su lugar en el orden del mundo creado y su relación con el ser divino; se trata de la cuestión del 'ser individual' (de la individualidad) del hombre". Ello no significa olvido de la dimensión relacional, sino todo lo contrario: en ella se explica y desarrolla en plenitud (SANCHO, 2007, p.44-45, Tomo 3 – Introdução Geral - tradução nossa).

⁸¹ Terminologia, do latim, significa, literalmente, “de seu próprio gênero”, isto é, “único em seu gênero”; também utiliza-se como adjetivo para indicar que algo é único, peculiar, particular, algo que não tem correspondência igual ou mesmo semelhante com outrem (ABBAGNANO, 2000, p.120-123).

esfera dos sentimentos de outras pessoas, mas para se solidarizar, fazer-se próximo da outra pessoa. Já consentir é a atitude racional e “calculada” de dispor-se ou não à vivência do outro, ao contrário da empatia que é doadora de sentido da vivência do outro à minha vivência, ou seja, é algo que se manifesta mutuamente, não premeditado (SAVIAN FILHO, 2014, p.35-36).

Ainda, a empatia também não é um sentimento de identificação com a realidade externa da pessoa com quem nos deparamos, pois Stein está interessada em mostrar a especificidade da empatia como uma experiência da experiência originária de outrem, um ato no qual o “eu” é direcionado para conviver com a essência da experiência alheia, sendo que podemos perceber melhor que a empatia não pode se confundir com a percepção externa no seguinte exemplo:

Um amigo vem até mim e diz que perdeu o irmão e percebo sua dor. O que é essa percepção? Sobre o que é baseada, e de onde conluo a dor [...]. Talvez seu rosto esteja pálido e amedrontado, sua voz rouca e comprimida, talvez também expresse sua dor com palavras. Todos esses são, claro, tópicos de pesquisa, mas isso não me importa aqui. O que eu quero saber é isso, o que a percepção é em si, não por qual caminho eu chego a ela (STEIN, 2005, p.82, Tomo 2)⁸².

O “dar-se conta” ou percepção “da dor” do outrem só por meio de suas expressões físicas ou externas é somente a visualização das reações da “dor interior”. Pois a dor não é algo externo, como a alegria ou qualquer outro elemento dessa dimensão da vida humana, mas só as reações desses sentimentos podem ser manifestas externamente. Logo, o que podemos ter, externamente, “são os traços físicos de meu amigo, sua face de dor, mas isso não significa perceber fisicamente a dor, pois, [...] esses traços não são a dor, nem minha experiência da dor [...]”. (SAVIAN FILHO, 2014, p.35-36).

Assim, a concepção da empatia como uma vivência, como reconhecimento do outro em relação conosco, começará a delinear toda a concepção do pensamento fenomenológico de Stein. Desenvolve-se como um movimento de percepção da experiência do outro, logo, uma aproximação em direção ao outro, um testemunho sensível daquilo que ele vive diante de mim. Todavia, a compreensão de empatia

⁸² Un amigo viene hacia mí y me cuenta que ha perdido a su hermano, y yo noto su dolor. ¿Qué es este notar? Sobre lo que se basa, el de dónde conluo el dolor [...]. Quizá está su cara pálida y asustada, su voz afónica y comprimida, quizá también da expresión a su dolor con palabras. Todos éstos son, por supuesto, temas de investigación, pero eso no me importa aquí. Lo que quiero saber es esto, lo que el notar mismo es, no por qué camino llevo a él (STEIN, 2005, p.82, Tomo 2 – O Problema da Empatia - tradução nossa).

em Edith Stein que aprofundaremos mais adiante, não se limita ou se reduz às concepções históricas, pois a:

[...] palavra empatia (*Einfühlung*) ao longo da história e em autores reconhecidos, principalmente nos séculos XIX e XX, em áreas como as artes. A palavra alemã *Einfühlung* consiste em duas partes: *Ein*, “em”, e *fühlen*, “sentir”. Uma possível tradução, segundo Ales Bello e Manganaro, é entropatia, trazendo a expressão *pathos* do grego e podendo significar “sentir dentro”, “sentir em”. Na tradução da obra de Stein para as línguas neolatinas (francês, italiano, espanhol e português), *Einfühlung* é traduzido normalmente como empatia, que se assemelha a entropatia, “sentir dentro o outro”. A empatia é frequentemente tratada como sinônimo de simpatia, o que, fenomenologicamente, é uma vivência psíquica, uma reação; daí compreende-se como entropatia (RANIERI; BARREIRA, 2012, p.14-15).

Edith realiza uma aproximação entre a psicologia, mesmo esta estando ainda desenvolvendo-se, e a fenomenologia, destacando a abrangência e os limites da psicologia sobre o tema da empatia. Assim, concernente aos elementos abordados pela tese *O Problema da Empatia*, percebe-se que o percurso metodológico utilizado, orientado pela fenomenologia, começa a descrever a empatia a partir da comparação de outros atos, questionando-se inicialmente: o que é dar-se conta da vivência alheia? (RANIERI; BARREIRA, 2012, p.20-21). Mas Stein “não dá uma definição única de empatia e emprega um vocabulário variante para falar dela” (SAVIAN FILHO, 2014, p.31). Observemos a importância da empatia nas ciências:

[...] a diferenciação das tarefas a serem realizadas pela fenomenologia e psicologia [...] ainda não é proclamada de forma alguma a completa independência mútua de ambas. [...] vimos na consideração do método fenomenológico que nenhuma ciência ou qualquer outra ciência de fatos particulares é assumida em absoluto, portanto, tampouco, está ligada a nenhum resultado da psicologia genética. [...] No entanto, a psicologia está absolutamente ligada aos resultados da fenomenologia. A fenomenologia tem que investigar o que é a empatia de acordo com sua essência. Essa essência geral de empatia deve permanecer preservada onde quer que seja realizada. O processo dessa realização é investigado pela psicologia genética; pressupõe o fenômeno da empatia e deve reconduzi-lo quando sua tarefa é resolvida (STEIN, 2016, p.100, Tomo 1)⁸³.

⁸³ [...] la diferenciación de las tareas que han de realizar la fenomenología y la psicología [...] no está aún proclamada en modo alguno la completa independencia mutua de ambas. [...] hemos visto en la consideración del método fenomenológico que no es supuesta en absoluto ninguna ciencia ni ninguna ciencia de hechos en particular, por tanto tampoco está ligado a ningún resultado de la psicología genética. [...] Sin embargo, la psicología está absolutamente ligada a los resultados de la fenomenología. La fenomenología ha de investigar lo que es la empatía según su esencia. Esta esencia general de la empatía debe permanecer preservada dondequiera se realice. El proceso de esta realización lo investiga la psicología genética; ella presupone el fenómeno de la empatía y debe reconducir a él cuando su tarea está resuelta. (STEIN, 2016, p.100, Tomo 1 – O Problema da Empatia - tradução nossa).

E nesta perspectiva, ela confronta a empatia, essencialmente, com a percepção externa, afirmando a impossibilidade de se perceber uma vivência alheia em si, isto é, “perceber em mim uma vivência vivida por outro de modo idêntico ao outro, mesmo sendo possível perceber consequências e reações da mesma” (RANIERI; BARREIRA, 2012, p.22). A fenomenologia do ser humano começa com o encontro do outro que deve acontecer numa relação empática e consciente – o eu e o outro.

Compreendendo a importância da empatia em Stein e buscando a essência dos atos de empatia das experiências da consciência do eu puro, vai se estruturando a fenomenologia steiniana. Onde que para este último – o eu puro –, deve determinar a estrutura dos sujeitos que entram em relação empática, estrutura como indivíduos psicofísicos (corpo vivo e psique) e pessoas espirituais (espírito); temas que abordaremos mais especificamente no capítulo seguinte.

Assim, Edith aplica-se à pesquisa sobre a pessoa humana iniciada na obra *O Problema da Empatia*, expandindo para o campo das ciências do espírito. Não se contenta em definir o significado das estruturas do sujeito, pois está intimamente interessada em escavar as relações intersubjetivas: a família, a comunidade e o estado, demonstrando, ao mesmo tempo, sua propensão e profunda sensibilidade para com os problemas pedagógicos (PERETTI, 2010, p.54-55). E, vivamente está claro que a verdade para ela é a “força vital” de sua atividade e de suas renúncias na vida pessoal e acadêmica.

Para a fenomenologia da empatia steiniana é importante ter em vista que a empatia se desenvolve nos três estados: corpo vivo, alma/psique e espírito. Logo, “possuir um corpo próprio significa possuir a capacidade de manifestar a consciência enquanto corpo vivente expressivo com suas sensibilidades perceptivas próprias e alheias” (ALMEIDA, 2014, p.46). O que permite, a partir de um ato educativo, a fomentar a empatia enquanto capacidade constitutiva da pessoa própria:

A empatia, destarte, possibilita autoconhecimento e autorreflexão. E ainda, ela pode favorecer a aproximação do outro de uma maneira significativa, a saber: entre pais e filhos; entre professor e aluno; entre empregador e empregado; entre amigos; enfim, entre indivíduos sociais que se esbarram nas avenidas da existência. Isso pode implicar num reconhecimento da vivência alheia culminado em um mundo humano denso de respeito e ajuda mútua nas necessidades mais pessoais. A compreensão íntima da vida do outro proporciona uma tomada de posição que oxalá seja de profunda empatia, ou seja, participação e reconhecimento da vida alheia como via de aceitação do diferente e nunca de julgamentos, mas de visibilidade à vida

do outro e suas vivências individuais. Sendo assim, decorrem da compreensão do outrem intercâmbios experienciais (ALMEIDA, 2014, p.53).

Nesse sentido, pela empatia pode-se assentir em um processo eficaz, como metodologia fenomenológica, como a perspectiva de garantir a veracidade da experiência de cada pessoa para construir um mundo mais consciente da vida intersubjetiva como forma comunitária, como principalmente, constituir a pessoa como um ser empático. Assim, a empatia pode cooperar no desenvolvimento que é necessário à humanidade perante as relações, logo, há possibilidade da constituição da pessoa humana diante da importância da experiência alheia (ALMEIDA, 2014, p.52).

O que também permite a capacidade de abertura a si mesmo e a proximidade do outro. E nesse sentido, ter o outro diante de si como apenas outro, não um ser coisificado. Por tal motivo, é necessário um capítulo todo para se tratar do que é a empatia, do que ela não é, do que é a pessoa que “empatiza” e é “empatizada”, e principalmente, referente a Deus, que é a Empatia por excelência.

3.1.2 Uma experiência empática em meio à guerra

A Primeira Guerra Mundial eclodiu quando Edith Stein estava em meio da árdua investigação sobre a empatia. Mas sente que não pode fechar-se na sua pesquisa, ficando indiferente ao grito de sofrimento e ajuda dos soldados feridos que lutavam na guerra. E assim, alista-se como enfermeira voluntária da Cruz Vermelha para cumprir uma missão natural de sua essência: ser uma pessoa empática.

Então, Stein muda sua abordagem teórica para uma abordagem prático-social que lhe traria uma verdadeira experiência da empatia: ela se matriculou como enfermeira por um longo tempo em um hospital de guerra na Áustria. O contato efetivo com os corpos sofredores dos soldados lhe causará uma profunda impressão em sua experiência com a empatia (*Einfühlung*). (ALES BELLO, 2000, p.63). Assim escreve:

Imediatamente após o exame, pedi à Cruz Vermelha de Breslau que pudesse entrar no Serviço de Saúde. Como não recebi resposta, decidi ficar em Göttingen até o final do semestre para assistir às aulas e dedicar o resto do tempo ao trabalho do doutorado. Mais uma vez voltei ao estudo do grego, pois queria fazer o exame grego. Desta vez mandei todas as minhas coisas para casa antes de mim, porque não tinha certeza se voltaria. Uma

vez em Breslau, a primeira coisa que fiz foi apresentar o pedido de exame complementar do grego no Conselho provincial-federal. Eu quero fazer isso no outono. Eu permaneceria em casa por algumas semanas até quando eles me telefonaram. Era uma senhora da Cruz Vermelha que queria falar comigo. Na Alemanha, não havia, como sempre, uma demanda por enfermeiras, mas na Áustria a necessidade era grande. Se eu quisesse ir para lá, deveria estar preparada para viajar para Mährisch-Weilskirchen – no início da manhã, eles decidiram o ato (STEIN, 2016, p.415, Tomo 1)⁸⁴.

Os hospitais militares na Boêmia e na Morávia estavam predominantemente nas mãos de enfermeiras alemãs. A organização profissional das enfermeiras era responsável por equipar os hospitais, enquanto a Cruz Vermelha se preocupava com o envio de auxiliares (PERETTI, 2010, p.48). A responsável pela organização do hospital era Irmã Margarete, a quem cabia a direção de cento e cinquenta enfermeiras e auxiliares, além dos médicos e dos administradores militares. Edith Stein foi alocada no departamento de doentes com tifo, onde trabalhou por três meses, no período noturno e, em seguida, no departamento de cirurgia, na sala operatória. Durante as semanas de trabalho na sala operatória havia suficientemente aprendido os rudimentos elementares da cirurgia de guerra. Nas horas livres, passava o tempo escrevendo cartas e/ou lendo (STEIN, 2016, p.416, Tomo 1).

Talvez pela consciência que a levava para ser solidária à dor do outro, ao tentar convencer sua mãe dessa decisão que tomara – “Isso realmente foi um tormento ao qual eu tinha horror real. Mas se aqueles nas trincheiras tiveram que sofrer isto, por que eu deveria ser privilegiada?” (STEIN, 2016, p.416, Tomo 1)⁸⁵ – me fizeram ser tão querida pelos colegas, superiores e pacientes, por minha extrema laboriosidade, diligência e dedicação. Edith Stein dedicava-se aos feridos da guerra, com cuidado, considerando-os como pessoas humanas (PERETTI, 2010,

⁸⁴Inmediatamente después del examen pregunté a la Cruz Roja de Breslause podía ingresar en el Servicio Sanitario. Como no recibiera respuesta alguna decidí quedarme en Gotinga hasta el final del semestre con objetode asistir a las clases, y dedicar el resto del tiempo al trabajo del doctorado. De nuevo volví al estudio del griego, ya que quería hacer cuantoantes el examen de griego. Esta vez envié a casa todas mis cosas delante de mí, porque no estaba segura de volver. Una vez en Breslau lo primero que hice fue presentar en el Consejo provincialescolar la solicitud para el examen complementario de griego; loquería hacer en otoño. Llevaría en casa unas semanas cuando me llamaronpor teléfono. Era una señora de la Cruz Roja que quería hablar conmigo.En Alemania no había, como siempre, demanda de enfermeras, pero enAustria la necesidad era grande. Sí quería ir allí debería estar preparadapara viajar a Mährisch-Weilskirchen-" a principios de abril. Me decidí en el acto (STEIN, 2016, p.415, Tomo 1 – Autobiografía - tradução nossa).

⁸⁵ Realmente esto era un tormento al que yo tenía verdadero horror. Pero si los que estaban en las trincheras tenían que sufrir esto, ¿por qué habría de ser yo una privilegiada? (STEIN, 2016, p.416, Tomo 1 – Autobiografía - tradução nossa).

p.48-49). Além disso, é belo e tocante ver na sua *Autobiografia* como o cuidado e o respeito para com os pacientes era por ela cultivado:

Às vezes era necessário emprestar um instrumento ou medicação de uma seção para outra; Quando chegou a nossa vez, o Dr. Pick estava encarregado de me dizer: "Enfermeira Edith, eu ficaria muito grato se você fizesse por isso". (Ele nunca falou em tom dominante, mas sempre suplicando educadamente). Isso porque ele raramente voltava de mãos vazias. As enfermeiras admiraram e se acostumaram a me mandar. Mas logo percebi por que eles tinham menos sucesso do que em tais ocasiões: eles pediam o que precisavam em um tom muito exigente ou roubavam secretamente, depois o guardavam para sua seção como um saque conquistado. Se alguém se comporta assim, era natural ser visto como um usurpador chato e rejeitado. De minha parte, humildemente, conforme solicitado, pedi o que era necessário, prometendo devolver o empréstimo uma vez utilizado. Eu quase nunca me neguei a nada (STEIN, 2016, p.426, Tomo 1)⁸⁶.

Não obstante a luta interna e o desejo de permanecer no campo de batalha, Edith Stein retorna a Breslau, despedindo-se dos colegas médicos, enfermeiros e doentes, com admiração e afeto, sem, todavia considerar definitivo seu retorno esperava ser chamada novamente pela Cruz Vermelha (PERETTI, 2010, p.50).

Como visto acima, com o início da Primeira Guerra Mundial, Stein resolveu assumir um voluntariado como enfermeira na Cruz Vermelha, interrompendo a escrita de seu doutorado – que foi retomado somente no final dessa etapa de serviço voluntário. Nessa mesma época, Husserl havia se mudado para assumir uma cátedra na Universidade de Friburgo. Onde mais tarde, após o término do serviço de voluntariado, Stein irá acompanhar seu mestre e defender sua tese em Friburgo.

Enfim, ela estava de volta à vida acadêmica, após sua pausa na pesquisa diante do trabalho de enfermagem. E sem perder tempo dedicou-se ao trabalho de doutorado. No tempo da Cruz Vermelha, sua relação com Husserl não havia sofrido complicações (SANCHO, 2016, p.454, Tomo 1, nota de rodapé). As relações com

⁸⁶ Algunas veces era necesario prestar un instrumento o medicamento una sección a otra; cuando nos tocaba a nosotros, el doctor Pick se encargaba de decirme: "Enfermera Edith, le estaría muy agradecido si usted misma fuese por ello". (Nunca hablaba en tono dominante, sino siempre rogando cortésmente). Esto se debía a que raras veces regresaba con las manos vacías. Las enfermeras se admiraban de ello y se acostumbraron a enviarme a mí. Pero pronto advertí por qué ellas tenían menos éxito queyo en tales ocasiones: pedían lo que necesitaban en tono demasiado exigente o lo robaban en secreto, manteniéndolo después para su sección como un botín conquistado. Si una se comporta así, era natural que se la mirase como una usurpadora molesta y que se la rechazase. Yo, por mi parte, humildemente, como se requería, pedía lo que hacía falta, prometiéndolo devolver lo prestado una vez utilizado. Casi nunca se me denegó nada (STEIN, 2016, p.426, Tomo 1 – Autobiografía - tradução nossa).

ele não se deterioraram devido à distância, tornaram-se ainda mais fortes e mais cordiais. Pois Husserl entendeu a decisão de Stein.

Havia troca de cartas entre eles. “Ele me escreveu longas cartas com sua bela, fina e meticulosa caligrafia, e ficou muito feliz com minhas novidades. Ele também ficou comovido por eu estar na Morávia, sua terra natal” (STEIN, 2016, p.454, Tomo 1). Como ela também relata que naturalmente, cada carta de Husserl foi uma alegria para ela⁸⁷.

Ressalta-se que a solidariedade humana e a experiência da morte de muitos dos seus colegas de universidade no campo de batalha lapidaram em Edith Stein a percepção de uma realidade que transcende a vida terrena, mas que não será ainda, o processo de conversão de uma fé em Deus (PERETTI, 2010, p.55). Todavia, em contato com a esposa de Adolfo Reinach e com Hedwig Conrad-Martius, ambos religiosos, sente-se sempre mais motivada em conhecer e aprofundar os textos sagrados. Mas, o fato que a levou à decisão definitiva para o catolicismo foi a leitura da vida de Santa Teresa D’Ávila, enquanto se encontrava na casa da sua amiga Hedwig Conrad-Martius, no verão de 1921.

Adolf Reinach morre no campo de batalha em Bélgica. Sua esposa Anne pede para Edith Stein ajudá-la a reorganizar seus escritos para a publicação. Ela resiste. Temia não ser capaz de confortar sua amiga. Sabia do grande amor que unia o casal, da vida feliz que levaram e pensava que não poderia suportar a dor de encontrar a senhora Reinach sozinha. Não teria palavras para confortá-la. Mas diante da resignação de Anne, que buscava força, calma e coragem na fé católica, maravilha-se e admira sua atitude. De improviso se abre diante dela um caminho desconhecido: a esperança cristã. Mais tarde, contando esta experiência para o padre jesuíta Hirschmann, confessa: ‘Foi o primeiro encontro com a Cruz, a minha primeira experiência da força divina que da Cruz emana e se comunica para aqueles que a abraçam. Foi o momento em que resplandeceu a luz de Cristo, Cristo no mistério da Cruz’ (PERETTI, 2010, p.55).

⁸⁷ De este modo quedé libre y, después de que en "mi descanso del trabajo de enfermera" había hecho el examen de griego (así bromeaba Husserl sobre mis actividades), sin pérdida de tiempo me dediqué al trabajo de doctorado. Me quedé en Breslau para estar pronta, en todo caso, ante una posible llamada. Sin embargo, me resultaba grato el trabajar completamente sola y sin ninguna influencia, sin interrupciones debidas a los informes que, contra mis deseos, debía dar al maestro. Las relaciones con él no se habían deteriorado por la lejanía, incluso se habían hecho más cálidas y cordiales. Él podía comprender perfectamente mi decisión, él que había dejado marchar voluntarios a sus dos jóvenes hijos al regimiento de Gotinga. Él seguía mi actividad compartiéndola cordialísimamente. Me escribía largas cartas con su hermosa, fina y esmerada letra, y se alegraba mucho de mis noticias. También le conmovía que yo estuviera en Moravia, su tierra natal. Me preguntó enseguida si desde WeiBkirchen podría ver al Patriarca, que le era familiar [984] por su lugar de nacimiento, Prosnitz. Naturalmente, cada carta del maestro era para mí una alegría. Estuve muy triste cuando una vez comprobé que una carta suya se había perdido. Era tan atento que si en algún tiempo no había recibido respuesta a sus cartas, se preocupaba de enterarse de cómo me iba (STEIN, 2016, p.454, Tomo 1 – Autobiografía - tradução nossa).

Como sabemos, Stein iniciou uma nova fase tanto em sua vida quanto em seu pensamento. E, como sempre foi voraz em sua busca pela verdade, após encontrar e ler a obra citada, descobre o que tanto procurava e tendo em vista a sua conversão, começou a se dedicar especialmente ao estudo da filosofia medieval, dedicando-se principalmente a leitura dos padre da Igreja e da escolastica destacando-se Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, que irão influenciar sua filosofia e teologia.

Assim, Stein procura analisar os fenômenos humanos sob a ótica da dimensão espiritual, a partir da liberdade, para mergulhar na investigação fenomenológica dos diferentes tipos de associações humanas. Ao voltar-se para a dimensão dos fenômenos sociais propõe uma leitura fenomenológica acerca da pessoa humana vista nas suas diversas relações. O ser social do homem se revela em toda sua pluralidade (ALES BELLO, 2000, p.145). A acepção fenomenológica sobre o ser humano em Edith Stein favorece a tentativa de compreender sua essencialidade através das diversas experiências. Logo, a atitude fenomenológica está para compreender a si mesmo, o outro, o mundo e Deus.

3.2 A PESSOA HUMANA: UM GRANDE PROJETO FENOMENOLÓGICO

A realidade da Europa repartida pelos nacionalismos belicistas transformou o território europeu em campo de extrema violência, em que imperava a visão totalitarista que provocou o surgimento do nazismo; as ações de controle e poder sem limites que levaram a Itália, sob o comando de Benito Mussolini, e a Alemanha, com Adolf Hitler, aos atos da maior barbárie a que o mundo contemporâneo assistiu (HOBSBAWM, 2001, p.235).

De fato, esta foi uma época de genocídios, execuções, mutilações físicas, esterilização em massa, perseguições por raça, credo religioso, ideologia política, isolamentos e trabalho forçado em campos de concentração nazistas (MOCELLIN, 1998, p.27). Registrou-se uma violação total dos direitos humanos, sobretudo os direitos das pessoas e grupos contrários ao regime nazista ou que representassem alguma divergência aos seus líderes e simpatizantes.

Nesses grupos estavam inclusos trabalhadores urbanos e rurais, bem como suas lideranças e representantes de sindicatos de qualquer categoria profissional,

mulheres, negros, judeus, outras etnias e minorias religiosas, crianças, adolescentes, idosos, professores e alunos universitários (HOBSBAWM, 2001, p.289-290). A razão que nega o humano é irracional, o que acontecia na Europa era a desumanização da sociedade.

Nesse cenário de crise e de enfermidade a ação da fenomenologia será a de evidenciar a razão por meio das suas vivências, experiências e tradições. Vincular o mundo da vida à consciência é extraí-lo da penumbra, é tirá-lo da opacidade de uma realidade, em si estranha, e subordiná-lo à claridade da razão e ao domínio da liberdade (SANCHO, 2007, p.152-153, Tomo 3). A partir da perspectiva fenomenológica, expande-se em esperanças espirituais, apresenta um espaço para novas ideias e propicia possibilidades de constituição de um mundo novo.

A concepção fenomenológica provoca um novo olhar sobre os mesmos fatos, as mesmas coisas, os mesmos problemas, “com atitude de reflexão, repensando, reelaborando, reconstruindo os dados fundamentais que estão intrinsecamente voltados para o mundo da vida” (ALES BELLO, 2000, p.56). Ao perceber a sua dimensão de humanidade, o homem liberta seu espírito, princípio fundamental para o exercício do pensamento e da fé. A atitude fenomenológica possibilitará ao ser humano compreender o mundo de forma dinâmica e mutável, e não de forma engessada por uma visão de mundo idealizada (SANCHO, 2007, p.29, Tomo 3). É necessário compreender o significado de cada um e contribuir para um projeto de educação orgânico e coerente com as aspirações de formação humana voltado para a autonomia, logo, significativo e emancipador do ser humano.

Na obra “*A Estrutura da pessoa humana*”, a autora dedica dois capítulos importantes para discutir o conceito de pessoa, são eles: ‘O ser social da pessoa’ (cap. VIII) e a ‘Passagem da consideração filosófica do homem àquela teológica’ (cap. IX). Ambos nos ajudam a colher as conexões desse grande projeto fenomenológico, voltado para pensar o binômio finito-infinito relacionado ao ser humano. Para tratar desse binômio se faz necessário fazer referência também a outras obras de Edith Stein, pois há em seus escritos uma continuidade teórica que nos revela que seu projeto fenomenológico não é somente grande mas também coerente.

É importante salientar que no projeto de Edith Stein expresso na obra *A Estrutura da Pessoa humana*, “a antropologia teológica é o verdadeiro fundamento de uma filosofia da educação” (MANGANARO, 2016, p.73-74). Edith Stein insiste

sobre a relação entre educação e transcendência como mostra na obra Beckmann-Zöller na sua Introdução à edição alemã *Was ist der Mensch? Theologische Anthropologie*⁸⁸. Mas que podemos conferir, mais especificamente, no capítulo IX da obra “*A Estrutura da Pessoa Humana*”, ao tratar da ação educativa unida à fé:

Educar significa levar outras pessoas a se tornar aquilo que devem ser. Porém, não se pode educar sem saber o que é o ser humano e como ele é, para onde deve ser conduzido e quais são os caminhos possíveis. Desta maneira, aquilo que a nossa fé diz sobre o homem é um fundamento teórico indispensável para a ação pedagógica prática, se achamos que é tarefa da educação seja conduzir os homens *através daquilo* que a nossa fé indica com fim do ser humano. Este fundamento tem relevância também para a ciência da educação (STEIN, 2004, p.743, Tomo 4)⁸⁹.

No seu projeto educativo, Stein objetiva desenvolver uma antropologia teológica em oposição ao nacional-socialismo, e na sua *Autobiografia*, conforme assevera Manganaro (2016, p.75): “articula o sentido profundo entre teoria e práxis e mostra a ligação entre pessoa humana e consciência histórica [...]”. Edith Stein é levada a refletir sobre a comunidade, povo e história, mas também sobre o indivíduo, que nunca é absorvido pelo todo orgânico, porque é irrepetível, não anônimo. Assim, “é a unicidade de cada singularidade, a originalidade do *proprium* que leva ao *novum*: a com-unicidade, ou seja, a unidade de nós é um *novum* que preserva e potencia o *proprium* de cada um” (MANGANARO, 2016, p.77).

A partir da experiência religiosa de Edith Stein entendemos a importância da fé e da espiritualidade para a formação do ser humano. Nesse sentido, é interessante analisarmos sua trajetória enquanto pessoa para melhor compreendermos suas aspirações para a formação dos indivíduos. Ao determo-nos em estudar sua história pessoal entendemos como a experiência de fé em determinado momento de sua vida, plenificou o significado de seu pensamento e sua compreensão de formação humana. Assim, sua fenomenologia do humano vai sendo elaborada em unidade com sua experiência de vida e sobre a influência de seu mestre Husserl, e do contato com a filosofia medieval.

⁸⁸ Que é o homem? Antropologia teológica.

⁸⁹ Educar quiere decir llevar a otras personas a que lleguen a ser lo que deben ser. Pero no será posible educar sin saber antes qué es el hombre y cómo es, hacia dónde se le debe conducir y cuáles son los posibles caminos para ello. De esta manera, lo que nuestra fe dice sobre el hombre es un fundamento teórico indispensable para la labor educativa práctica, si es que consideramos que el objetivo de la educación es conducir a los hombres hacia allí donde nuestra fe sitúa el objetivo del hombre. Este fundamento tampoco puede carecer de importancia para la pedagogía como ciencia (STEIN, 2004, p.743, Tomo 4 – A Estrutura da pessoa humana - tradução nossa).

3.2.1 A fenomenologia steiniana em relação a Husserl

A vivência de Edith Stein com Husserl e suas obras influenciaram diretamente seu pensamento filosófico. Todavia, é importante ressaltar que Stein não assimilou passivamente as ideias de Husserl, tendo em vista, que expôs também suas discordâncias em relação a seu mestre, especificamente para com alguns pontos de seu pensamento (SANCHO, 2016, p.52-53). De maneira especial quando decide demitir-se de sua carreira como assistente de Husserl na Universidade de Friburgo. Ao contrário do intercâmbio imaginado, Stein se deparou com um Husserl solitário, submerso em suas reflexões e não muito aberto ao diálogo. Com isso, foi se indispondo com seu cargo de assistente e decidiu pôr fim à parceria com o filósofo, vejamos:

No fundo, o que não suporto é a ideia de ficar à disposição de alguém. Eu posso me colocar a serviço de uma coisa e fazê-la de diversas maneiras por amor a alguém. Mas, em suma, ficar a serviço de uma pessoa apenas para obedecê-la, isso eu realmente não posso. E, se Husserl não se acostumar a me tratar como uma verdadeira colaboradora - como eu sempre contemplei nossa relação e também a ele em sua teoria - teremos, pois, que nos separar (STEIN, 2016, p.604, Tomo 1)⁹⁰.

Ainda, Edith considera Husserl um idealista, mas não como um adepto de um idealismo que só se preocupa com os conteúdos ideais e sim, como quem afirma que todo ser deve ser visto como experienciável e cognoscível necessariamente, portanto, “para todo ser corresponderia idealmente uma consciência, por meio da qual tal ser se constitui. Isso equivaleria dizer que é impensável um mundo natural ao qual não corresponda uma consciência” (SAVIAN FILHO, 2014, p.xxxv – prefácio). Também se podem verificar no comentário de Goto e Moraes as divergências que estavam ocasionando as rupturas com o pensamento de Husserl:

Apesar das inúmeras oposições ao idealismo fenomenológico de Husserl, a filósofa buscou compreender esse giro idealista, apresentando assim uma visão original a respeito dessa questão. Entendemos que o embate entre

⁹⁰ En el fondo está la idea de ponerse a disposición de alguien, cosa que no puedo soportar. Puedo ponerme al servicio de un asunto, y puedo hacer cualquier cosa por amor a una persona, pero estar al servicio de una persona, dicho brevemente: obedecer, esto no puedo. Y si Husserl no se acostumbra a ello otra vez, considerarme como colaboradora -tal y como yo he contemplado siempre nuestra relación y también él en la teoría- tendremos, pues, que separemos (STEIN, 2016, p.604, Tomo 1 – Cartas, n.32 - tradução nossa).

idealismo e realismo na fenomenologia é uma discussão polêmica e que acabou dividindo o movimento fenomenológico. Os discípulos de Gotinga, interessados no resgate da ideia de verdade absoluta promovido por Husserl nas *Investigações Lógicas*, não concordaram com o suposto idealismo de *Ideias I*. Para eles, a Fenomenologia das Investigações, de cunho realista, não era compatível com a visão então apresentada no Tomo I das *Ideias* em 1913. Essa aparente ruptura entre essas duas obras ficou conhecida como o giro idealista de Husserl, o que ocasionou o afastamento dos discípulos de Göttingen, que não concordaram com esse giro (GOTO; MORAES, 2016, p.61-62)⁹¹.

Entretanto, este é um fato que não desmerece Husserl, pois Stein fez dele seu primeiro mestre e da fenomenologia seu suporte investigativo. Nessa perspectiva, desenvolveu um entendimento autônomo e original de fenomenologia, pois não ficou restrita às noções de Husserl, delineando sua própria aceção do método fenomenológico (GOTO; MORAES, 2016, p.53). E, segundo Alfieri (2014, p.7), a diferença entre os dois filósofos se apresenta basicamente sob duas perspectivas bem evidentes: Husserl queria estruturar a fenomenologia como ciência rigorosa, enquanto Edith queria alcançar uma fenomenologia em termos antropológicos e ao mesmo tempo, dialogar com os resultados da tradição medieval, não negligenciando nunca o valor educativo que poderia produzir tal abordagem.

Relembremos que Edith Stein foi também uma das alunas mais próximas a Husserl, principalmente no período em que estavam em Gotinga e Friburgo, onde foi orientada por ele em sua tese de doutorado intitulada sobre O Problema da Empatia (*Zum Problem der Einfühlung*, 1917) – tema que trataremos no capítulo seguinte desenvolvendo a fundamentação da ideia de pessoa empática e Deus empático – que expõe que a vida e pesquisa devem estar intrinsecamente conectadas. E, mais tarde, Stein, devido a sua capacidade intelectual e reconhecido entendimento de Fenomenologia, participa das discussões, elaboração e transcrição de importantes textos de Husserl (SANCHO, 2016, p.51-52), pois é nesse contexto que amadurecem as pesquisas realizadas por Edith Stein.

Assim, mesmo diante das divergências com seu mestre, Edith Stein levou em consideração muitos elementos de suas ideias. Nesse sentido, entendemos que suas críticas foram admissíveis e sólidas, demonstrando uma ampla compreensão

⁹¹ Tanto Husserl quanto Stein acredita ser um falso problema pretender saber se a filosofia deve partir do objeto ou do eu, logo, é perda de tempo investigar se a filosofia adota um realismo ou idealismo. A saber, por realismo entende-se, sinteticamente, uma orientação filosófica que afirma a existência dos objetos independente da consciência. E por idealismo entende-se, resumidamente, uma orientação filosófica que dá ênfase à consciência dos objetos (SAVIAN FILHO *in* ALFIERI, 2014, p.xxix – prefácio).

do método fenomenológico. Quanto á fenomenologia do mundo humano, Stein apresentou “uma complementação da perspectiva fenomenológica, mais do que um afastamento propriamente dito da mesma” (ALES BELLO, 2000, p. 52).

Na sua dissertação sobre *o Problema da Empatia*, ela aceita o método proposto pelo mestre, e o aplica de forma genial, na análise da relação intersubjetiva, na consciência do outro. De acordo com Ales Bello (2000, p. 83), Edith Stein, “indica de maneira clara, breve e eficaz as linhas fundamentais da investigação fenomenológica”. Dentre os principais fenômenos humanos Stein analisa na sua dissertação, a vivência particular, *Erlebnis*, constituída pela experiência do outro, isto é, através da empatia (*Einfühlung*), como pode-se ver:

Quando Edith Stein iniciou o estudo sobre a empatia, ela já havia adquirido conhecimento sobre algumas noções importantes referentes à pessoa humana em um curso que Husserl dera em Göttingen sob o título “Natureza e Espírito”. [...] Desse modo, a antropologia de Edith Stein parte da vida humana real para compreender o ser humano. [...] Não se trata, portanto, de uma vitrine na qual se mostrariam realidades abstratas; o ponto de partida é sempre a vida em sua densidade (ALFIERI, 2014, p.31).

A empatia representa um particular e profundo aspecto da análise da subjetividade e enfatiza o problema da comunicação entre o “eu” e o “tu”. Edith Stein na sua Tese *O Problema da Empatia*, discute a questão da intersubjetividade e, como afirma Angela Ales Bello na *Fenomenologia do ser humano*, faz uma descrição fenomenológica “da forma em que os sujeitos humanos se reconhecem mutuamente tais, isto é, precisamente sujeitos e não objetos, como as coisas do mundo físico ou os produtos manufaturados, bem como diferente dos animais” (ALES BELLO, 2000, p.160). Sendo que no mundo as pessoas se relacionam com todo tipo de fenômeno, mas existe uma distinção entre relacionar-se com alguma coisa meramente física e relacionar-se com um ou mais pessoas. Qual seria essa distinção? Alfieri, ilustra com o seguinte exemplo:

... em uma sala, vejo cadeiras e pessoas. Qual a diferença entre cadeira e pessoa? Com a cadeira, experimento uma vivência que vai em direção à cadeira, mas a cadeira não me devolve nada em troca por essa vivência, não tem o poder de corresponder a ela. A pessoa, sim. As vivências que visam uma pessoa não seguem uma via de mão única como acontece em relação às coisas meramente físicas. Essas vivências chegam até a pessoa e retornam enriquecidas pelas qualidades que encontram. Por isso, podemos dizer que há um acréscimo ao nosso fluxo de vivências (2014, p.85).

Assim, desde o seu primeiro trabalho científico, Edith Stein se interessa pelo mundo humano, sendo que o fluxo das vivências é uma das características essenciais investigadas por ela sobre a questão da empatia, como por exemplo, “a abertura para a compreensão do outro e a atenção pela comunidade” (ALES BELLO, 2000, p.160), atitudes que serão definidas mais tarde nos seus escritos sobre a mulher como característica do aspecto feminino do ser humano.

Edith Stein alarga os horizontes da literatura sobre a empatia, oferecendo uma contribuição original às investigações iniciadas por Husserl⁹². Na análise da empatia quer responder à pergunta: o que significa “como posso ter acesso ao que a outra pessoa vivencia? A empatia é muito mais do que perceber a vivência ou experiência que a outra pessoa está passando, é sentir junto ao outro, que sente algo originário, mas que será sempre originário somente no outro, nunca em nós viveremos o que o outro vive em si, mas sim, a experiência da vivência alheia:

Edith Stein afirma que nunca poderemos saber, com total certeza, o que outro ser humano vive, mas com base em suas expressões corporais e, sobretudo, pela linguagem que ele emprega, podemos compreender o que ele manifesta porque conhecemos, em primeira pessoa, a essência do que ele exprime ou diz viver. [...] A empatia não tem nada a ver com simpatia, compreensão do próximo, benevolência etc. Nesse sentido, ela não corresponde ao que, em geral, se entende por esse termo. Nas definições de Edith, a empatia é a experiência da experiência alheia (SAVIAN FILHO, 2014, p.XXXIX – prefácio).

Além de fazer a experiência da vivência alheia, a empatia proporciona um aprofundamento do sentido e concepção da pessoa humana. Deste modo, a empatia é, numa linguagem mais simples, um mergulhar na humanidade do outro juntamente com esse mesmo outro, e de saber partilhar com ele pensamentos e emoções em diferentes situações da vida. A empatia pode ser considerada, ainda, como a capacidade de penetração afetiva, e de saber aproximar-se do outro sem perder a própria individualidade; é uma especial relação do eu ao tu, uma fenomenologia humana (PERETTI, 1997, p. 57, nota 57).

⁹² Edith Stein encontra-se diante de várias obras inerentes ao assunto da empatia por ela analisado, aprofunda o núcleo essencial de cada corrente. Elencamos aqui uma série de obras certamente estudadas pela filósofa. LIPPS, T. Manuale di psicologia (1903); HUSSERL, E. Ricerche Logiche (1900-1901); SCHELER, M. Fenomenologia e teoria dei sentimenti di simpatia (1913); Il formalismo e l'ética dei valori (1913); Dilthey, W. W. Introduzione alle scienze dello spirito (1883); Contributi allo studio della individualità (1896); GROETHUYESEN, B. Il co-sentire; PÄNDER, A. Motivo e motivazione; LANGE, K. L'essenza dell'arte (1907). (PERETTI, 1997, p. 11. nota 20). (as outras parte cita somente nas referências

É a possibilidade de um conhecimento da alteridade e da subjetividade cuja existência, em sede teórica, é compreendida como “fonte de conhecimento da experiência vivida pelo outro, enquanto experiência de sujeitos estranhos” (STEIN, 1987, p. 65-67). Mas, tal experiência é vivida de modo originário por aquilo que é inerente à forma, e de modo não originário por aquilo que é relacionado ao conteúdo, enquanto que tal experiência nos é dada pelo fato de tomar consciência da coisa do outro através de uma relação. A relação empática propicia troca de experiências e enriquece a interioridade dos seres em comunicação, proporciona a descoberta de valores que podem ser reconhecidos numa ação pedagógica.

3.2.2 A fenomenologia steiniana em relação a Scheler

Também, como abordado no capítulo anterior, Edith Stein é atraída pelo pensamento de Max Scheler, pois sua postura e sua fé colaboraram para adentrá-la no mundo dos valores. Segundo Stein, ele – Scheler – “não me conduziu ainda na fé, mas me abriu um novo campo de “fenômenos” diante dos quais não pude permanecer cega” (STEIN, 2016, p.366, Tomo 1)⁹³. Nesse momento, percebe-se que ela conscientiza-se da importância de se libertar dos juízos racionais e, assim, considerar as experiências relativas à transcendência divina. Principalmente por compreender a importância do *wert*, ou seja, do valor ou valores:

A matéria sujeita à formação espiritual não é constituída por meras sensações, e o mundo em que vivemos não é apenas um mundo perceptivo. As duas coisas estão intimamente relacionadas. O animal sente prazer e desprazer, e suas respostas são determinadas por suas reações. O homem sente prazer e desprazer em certas coisas, e é precisamente por isso que elas parecem agradáveis ou desagradáveis. Ele se sente ameaçado ou elevado, e precisamente por essa razão as respectivas coisas parecem elevadas ou ameaçadoras. Seus sentimentos são, por um lado, uma escala de seus estados internos, nos quais ele se reconhece como sendo de um ou outro "humor"; por outro lado, são uma pluralidade de atos intencionais em que certas qualidades de objetos são dadas ao homem, as quais chamamos de qualidades de valor (STEIN, 2003, p.651-652, Tomo 4)⁹⁴.

⁹³ Este fue mi primer contacto con este mundo hasta entonces para mí completamente desconocido. No me condujo todavía a la fe, pero me abrió a una esfera de “fenómenos” ante los cuales ya nunca más podía pasar ciega (STEIN, 2016, p.366, Tomo 1 – Autobiografía - tradução nossa).

⁹⁴ La materia sometida a información espiritual no está constituida por meras sensaciones, y el mundo en el que vivimos no es meramente un mundo perceptivo. Las dos cosas están estrechamente relacionadas. El animal siente placer y displacer, y sus respuestas vienen determinadas por ellos. El hombre siente placer y displacer en ciertas cosas, que precisamente por eso le parecen agradables o desagradables. Se siente amenazado o elevado, y precisamente por eso las cosas respectivas le

Segundo Stein, Scheler sustenta-se num edifício voltado para os valores que conduzem ao ser supremo. No entanto, o ponto fraco de seu projeto está na falta de rigor, do fundamento científico (ALFIERI, 2014, p.68-69). Mas o que se aponta como contribuição à fenomenologia seria a abertura ao mundo dos valores materiais que possibilita uma compreensão para a edificação da personalidade (COELHO, 2012 p. 29). Deste modo, clarifica pontos que antes eram obscuros ao pensamento fenomenológico. Assim, o método fenomenológico steiniano possui uma atividade valorativa, todavia, essa atividade não visa identificar “coisas de valor”, mas “mostrar que certos atos da consciência não são neutros. Desta forma envolvem atração ou repulsa por seus objetos” (ALFIERI, 2014, p.68-69), uma tomada de posição, veja:

[...] o mundo é revelado como um mundo de valores: como um mundo de agradável e desagradável, de nobre e vulgar, o belo e do feio, do bom e do mau, do sagrado e do profano. Também nos mostra como um mundo de utilidade e nocivo, excitante e repulsivo, o que nos faz sentir bem ou feliz e o que nos deprime ou nos faz sentir infelizes. (A primeira série é uma escala de valores objetivos, a segunda é a escala de sua relevância para o sujeito que os captura). Mas os valores também revelam algo sobre o próprio homem: uma estrutura peculiar de sua alma, que é afetada por valores de uma maneira mais ou menos profunda, com diferentes intensidades e repercussões mais ou menos duradouras. Analogamente ao que acontece no campo da percepção, estamos aqui diante de uma conjunção de passividade e atividade, de ser movido e de liberdade. [...] Os valores nos convidam a contemplar mais de perto, a penetrá-los mais profundamente: posso segui-los ou não, e se os acompanho posso fazê-lo em direções diferentes. Também choques internos estão abertos à intervenção de liberdade: posso entregar-me a uma alegria que nasce dentro de mim, e permitir que ela tire o máximo de seus efeitos, ou também pode me fechar, reprimindo-a, negando-a agir em mim. [...] valores não apenas motivam um avanço no campo cognitivo, nem são apenas certa resposta de nossos sentimentos, mas são motivos em um novo sentido: com efeito, eles exigem uma determinada tomada de posição de vontade e uma ação correspondente: o crime não exige apenas indignação, mas medidas de punição e defesa contra ele (STEIN, 2003, p.652, Tomo 4)⁹⁵.

parecen elevadas o amenazantes. Sus sentimientos son, por un lado, una escala de sus estados interiores, en los que se reconoce a sí mismo como estando de uno u otro "humor"; por otro lado, son una pluralidad de actos intencionales en los que se le dan al hombre ciertas cualidades de los objetos, a las que denominamos cualidades de valor (STEIN, 2003, p.651-652, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana - tradução nossa).

⁹⁵ [...] el mundo se nos revela como un mundo de valores: como un mundo de lo agradable y lo desagradable, de lo noble y lo vulgar, de lo bello y lo feo, de lo bueno y lo malo, de lo sagrado y lo profano. También se nos muestra como un mundo de lo útil y [23] lo nocivo, lo entusiasmante y lo repelente, lo que nos hace sentirnos bien o felices y lo que nos deprime o nos hace sentirnos desgraciados. (La primera serie es una escala de valores objetivos, la segunda es la escala de su relevancia para el sujeto que los capta). Pero los valores nos revelan también algo del hombre mismo: una peculiar estructura de su alma, que resulta afectada por los valores de modo más o menos profundo, con intensidades distintas y repercusiones más o menos duraderas. Análogamente a lo que sucede en el campo de la percepción, estamos aquí ante una conjunción de pasividad y actividad, de ser conmovido y de libertad. [...] Los valores nos invitan a una contemplación más

Todavia, é necessário certo cuidado na compreensão da relação entre sentimento e valor, sendo que não se trata de uma conexão causal, tendo em vista que o sentimento se vincula ao valor de maneira imediata, sem um ato de reflexão. É indispensável perceber que a fenomenologia de Stein não opera apenas na associação entre valor e sentimento, mas remete à vivência em que o sujeito não apenas vê diante de si um fenômeno, mas também, sente imediatamente atração ou resignação a ele. Pois Scheler propõe essa vinculação imediatamente e

chegava a dizer que o sentimento é um tipo de experiência cujos objetos são inacessíveis para o intelecto, pois o intelecto é cego diante deles, assim como a audição e o tato são cegos diante das cores. Com efeito, os valores são os objetos intencionais do sentimento, assim como a realidade é o objeto intencional do conhecimento. Os valores não resultam de atos cognitivos [reflexão] nem são deduzidos, mas são encontrados numa hierarquia objetiva (ALFIERI, 2014, p.149).

Ainda, o que distingue Stein de Scheler se move no campo da investigação sob a empatia, onde é o fenômeno da empatia, esse pressuposto que permite chegar ao conhecimento da pessoa como sujeito espiritual, na constituição da qual resulta ligada a relação transcendental intersubjetiva que se dá a conhecer no mais íntimo do seu ser. Enquanto Scheler não conhece essa dimensão da pesquisa steiniana, pois para ele a pessoa é considerada apenas como o indivíduo anímico, ou seja, o eu psicofísico (AQUINO, 2014, p.249). E que em Edith já verificamos na sua exposição sobre o tema de seu doutorado. De fato,

A "empatia" não é somente um ato do conhecimento humano. Para chegar a compreender esse "mecanismo" há ter que alcançar antes uma compreensão mais profunda e objetiva do ser humano. A "empatia" lhe demonstra, sem deixar lugar a dúvidas, que o homem é um ser espiritual, transcendente, aberto, chamado a realizar-se no mais profundo de seu ser, porém sem deixar de confrontar-se com o outro (SANCHO, 2016, p.51-52, Tomo 1)⁹⁶.

detenida, a penetrar en ellos con más profundidad: puedo darles seguimiento o no, y si les doy seguimiento puedo hacerlo en diversas direcciones. También las conmociones interiores están abiertas a la intervención de la libertad: puedo entregarme a una alegría que se alza en mi interior, puedo permitirle que surta todos sus efectos, o puedo también cerrarme a ella, reprimirla, negarle cabida en mí. [...] los valores no solamente motivan un avance en el terreno cognoscitivo, tampoco meramente una determinada respuesta de nuestros sentimientos, sino que además son motivos en un nuevo sentido: en efecto, exigen una determinada toma de posición de la voluntad y la actuación correspondiente: el crimen no sólo exige cólera, sino castigo y medidas de defensa contra él (STEIN, 2003, p.652, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana - tradução nossa).

⁹⁶ La "empatía" no es solo un acto del conocimiento humano. Para llegar a comprender ese "mecanismo" ha tenido que alcanzar antes una comprensión más profunda y objetiva del ser humano.

Esse novo contato gera intensos questionamentos em Stein, que irão orientá-la na procura de clareza sobre a questão religiosa. Pois, quer entender qual é a relação que existe entre o humano e Deus. Deste modo, entre reflexões tensões, e resistências, “começa a avaliar três aspectos possíveis para viver a fé em Deus: o retorno ao judaísmo, a passagem para o protestantismo como havia feito seu mestre Edmund Husserl e a conversão ao cristianismo, como Max Scheler” (PERETTI, 2010, p.41). Porém, precisa trilhar ainda um longo caminho para descobrir que Deus-Pessoa é a Verdade que tanto buscava.

Ao introduzir-se no mundo da fenomenologia, lentamente Stein se aproxima a uma conversão “filosófica” que a conduz às raízes da filosofia cristã. Mas antes desta conversão, já na sua dissertação encontramos uma passagem particularmente significativa: essa diz respeito à possibilidade do ser humano de se colocar em contato com Deus e a modalidade de relação que os une:

E nesse modo que um homem acolhe a vida psíquica do outro [...], é nessa maneira que ele acolhe também, na qualidade de crente, o amor, a ira e o mandamentos divinos [...]; não diferentemente a graça pode acolher a vida do homem, Deus, enquanto conhecimento perfeito, não se enganará nunca das vivências dos homens, enquanto os homens se enganam entre eles sobre o conhecimento das recíprocas vivências. [...] Mas também para a realidade divina as vivências dos homens não se tornam vivências próprias, nem possuem a mesma espécie de dar-se (STEIN, 2005, p.201-202, Tomo 2)⁹⁷.

Essa passagem deixa-nos maravilhados quando pensamos que Edith Stein desde a sua juventude era indiferente diante dos problemas religiosos, mas percebemos que em sua etapa filosófico-fenomenológica trata das realidades divinas, pois sabe que essa é uma importante dimensão na vida do ser humano (ALES BELLO, 2014, p. 34).

La "ernpatía" le demuestra, sin dejar lugar a dudas, que el hombre es un ser espiritual, trascendente, abierto, llamado a realizarse en lo más profundo de sí pero sin dejar de confrontarse con el otro. Es un paso decisivo en ese camino ascendente hacia la comprensión del problema hombre, y hacia la disposición a encontrarse con el Otro (SANCHO, 2016, p.51-52, Tomo 1 – Introdução geral - tradução nossa).

⁹⁷ Hemos llegado a la persona espiritual a través del individuo psicofísico, al hablar de su constitución topábamos con el espíritu [...] Ha habido hombres que creyeron experimentar la acción de la gracia divina en un cambio repentino de su persona, otros que se sintieron guiados en el obrar por un espíritu protector [...] En cualquier caso, el estudio de la conciencia religiosa me parece el medio más adecuado para la respuesta a nuestra cuestión, como por otro lado es su respuesta del más alto interés para el terreno religioso [...] Es cierto que yo me siento uno con otros y dejo que sus sentimientos se conviertan en motivos de mi querer, pero no es esto lo que me da a los demás, sino que ya tiene como presupuesto su darse (STEIN, 2005, p.201-202, Tomo 2. O Problema da Empatia - tradução nossa).

Relembramos que em Gotinga Edith Stein encontra-se também com Marx Scheler e atribuía a Husserl o primado do método fenomenológico, todavia, sua análise parava na redução a essência, que aplicava a análise dos sentimentos e em particular à dimensão religiosa. Edith Stein, embora considere que o primado da descoberta fenomenológica se deve atribuir a Husserl, confessa preferir a atitude de busca de Scheler no que diz respeito aos problemas religiosos. Tendo em vista que “os meus preconceitos racionalistas, nos quais tenho crescido sem saber, caíram por terra, e o mundo da fé aparece improvisamente diante de mim” (STEIN, 2016, p.366, Tomo 1).

O afastamento de Edith Stein de Husserl não foi determinado pela acusação de idealismo, mas sim do contato que esta teve com o pensamento filosófico Agostiniano e Tomista, sendo esta fundamentada numa visão teocêntrica e não antropocêntrica como a de Husserl, porém eles procuram a verdade. Mas a verdade segundo Santo Agostinho e Santo Tomás, “identifica-se com a revelação divina que é perscrutada pela mente humana. Mediante essa busca, a mente exerce sua capacidade de filosofar, mas percebe, ao mesmo tempo, que a luz do conhecimento lhe advém do alto” (ALES BELLO, 2014, p. 35).

A história desta pensadora, “uma das mulheres mais significativas deste século” conforme afirma Spinelli na ficha crítica do filme “*A Sétima Morada*”, não pode prescindir do seu ambiente familiar, das suas crises interiores, do ambiente filosófico marcado pela fenomenologia de Edmund Husserl, pela sua conversão e pelos seus múltiplos interesses nos âmbitos da psicologia, da filosofia, da pedagogia, da questão feminina, no âmbito científico, histórico, político, jurídico e teológico (SPINELLI, 1996, p.05)⁹⁸

Ao propormos algumas reflexões sobre a fenomenologia, é importante sublinhar a contribuição de Husserl na filosofia contemporânea, particularmente nas questões relativas à história, às ciências, à antropologia e à questão de “Deus”⁹⁹. Nos seus escritos, tais questões são abordadas de um ponto de vista filosófico, científico, sociológico e, também psicológico. Husserl abre perspectivas para uma

⁹⁸ SPINELLI A. *A Sétima Morada*: Santa Edith Stein. Ficha crítica. São Paulo 1996, p. 5.

⁹⁹ Na introdução ao livro Edmund Husserl. *Pensare Dio-Credere Dio*, Angela Ales Bello afirma: “Metto il termine “Dio” fra virgole perché il mio intento será di mostrare che la nozione della divinità è olto articolata, nel senso che Dio si dice in molti modi e mi propongo di ricercare se l’indagine fenomenologica possa chiarire lê modalidatà di approccio dell’essere umano.” (ALES, BELLO, Angela. **Edmund Husserl**. *Pensare Dio-Credere Dio*. Padova: Messaggero di Sant’Antonio- Editrice, 2005, p. 5.)

análise teológica da questão de Deus: como filósofo examina a questão de Deus de um ponto de vista teórico, como crente reflete sobre sua fé e sobre o objeto de sua fé e, examina sua relação pessoal com Deus.

Edith Stein, discípula de Husserl dirá que, não obstante, durante o percurso de sua existência tenha manifestado posições egocêntricas e imanentista sobre Deus:

Husserl nunca contestou os direitos da fé. A fé é, segundo a sua concepção (junto com outros atos religiosos, que podem ser levados em consideração - de fato ele sempre deixou aberta a possibilidade de uma contemplação sobrenatural como fonte de experiência religiosa), a autoridade competente no âmbito religioso como os sentidos os são no âmbito experiência externa" (ALES BELLO, 1985, p.9)¹⁰⁰.

A pergunta sobre "o que é a verdade?" guia e motiva as decisões de Edith Stein. Deste modo, a fenomenologia apresenta-se como o melhor caminho para a busca da verdade. Mas de qual verdade estava falando? Antes de tudo a verdade sobre si mesma: Quem sou eu? – aquela verdade que revela o mistério do ser humano. Então mais importantes do que os livros se tornam as pessoas, e sua investigação filosófica num primeiro momento, se orientará inteiramente sobre a pessoa humana. O método fenomenológico foi o instrumento essencial para penetrar e analisar a estrutura e o sentido do ser humano.

3.2.3 A fenomenologia steiniana em relação ao método tomista

Podemos dizer que para Stein aquele que a conduziu em seus primeiros passos em busca da verdade fora Husserl, mas é em Agostinho (354-430) e Tomás de Aquino (1225-1274)¹⁰¹, que encontramos seu conceito de individuação, que

¹⁰⁰ Tradução nossa. "Indubbiamente Husserl não ha mai inteso contestare i diritti della fede. La fede é, secondo la sua concezione (insieme ad altri atti religiosi, che possono essere presi in considerazione – infatti egli ha sempre lasciato aperta la possibilita di una contemplazione soprannaturale come fonte de esperienza religiosa), l'autorità competente nell'ambito religioso come i sensi lo sono nell'ambito dell'esperienza esterna". (STEIN, Edith. *La fenomenologia de Husserl e a filosofia de San Tomaso d'Aquino*, tr. It. A. Ales Bello, in "Memorie Dominicane", n. 7. Pistoia, 1976, p. 290. Citado por ALES BELLO, Angela. *Husserl. Sul problema di Dio*. Roma: Edizioni Studim, 1985, p.9.

¹⁰¹ Tomás de Aquino nasceu em Roccasecca em 1221. Apesar da hostilidade da família, entrou na ordem dos dominicanos, e de 1248 a 1252 foi discípulo de Alberto Magno. A seguir ensinou em Paris e depois nas principais universidades europeias (Colônia, Bolonha, Roma, Nápoles), conforme era costume dos dominicanos. Morreu em 1274 no mosteiro de Fossanova. Santo Tomás e o representante máximo da Escolástica. Sua filosofia e considerada como preparação para a fé, mas exatamente por isso ela goza de autonomia própria. Além disso, a filosofia de Tomas tem uma função apologética, pois permite discutir com quem não aceita nenhuma fé. Assim, influenciado por

promove a iluminação de seu pensamento e aprofundamento do método fenomenológico. Pois a fenomenologia em Stein constituiu um processo para, primeiramente, compreender o sentido da própria fenomenologia, depois, com o estilo husserliano, ela avança e encontra na síntese da melhor parte da filosofia medieval as razões para melhor desenvolver o mesmo (SANCHO, 2016, p.56-57, Tomo 1). Como podemos observar na compreensão da pesquisadora a seguir:

Embora a autora nunca tenha abandonado a fenomenologia, ao converter-se ao cristianismo ela passa a se dedicar ao estudo da escolástica e, mais especificamente, a São Tomás de Aquino, sofrendo influências determinantes na forma de encarar a realidade e, conseqüentemente, de fazer filosofia. [...] aprofunda e a dilata com as contribuições da nova impostação. Entender a conversão e o papel do tomismo em seu pensamento são cruciais para entender como ela irá delinear, nos anos seguintes a abordagem da fenomenologia e, principalmente, da antropologia filosófica (KUSANO, 2014, p.45).

É apropriado mencionar que o tomismo observado por Edith Stein é o conjunto de doutrinas teológicas e filosóficas puras de Tomás de Aquino. A importância do pensamento de Tomás de Aquino está precisamente em incorporar o pensamento lógico e racional de raiz aristotélica com a fé cristã. Logo, a fé melhora a razão, assim como a teologia aprimora a filosofia (REALE, ANTISERI, 1991, p.557, Vol. 1). Assim, a metafísica é uma das disciplinas da filosofia que detém, em unidade com os princípios da realidade, um serviço à teologia: ao falar sobre o 'ente'¹⁰². Que exerce, em nossa autora, forte influência na fenomenologia:

Edith Stein constrói boa parte do seu pensamento à luz da filosofia de Tomás de Aquino. A escola tomista dizia que o princípio da individuação está na matéria assinalada pela quantidade [...]. Na linha de pensamento de Tomás de Aquino, observa-se que, quando a matéria recebe uma forma, significa que a matéria é formada quantitativamente [...]. Desse modo, dois indivíduos seriam diferenciáveis pelas suas materialidades formadas [...]. Se considerássemos, porém, dois indivíduos idênticos materialmente, o que os distinguiria entre si? Suas posições no espaço. Assim, para a escola

Aristóteles, Platão e Santo Agostinho, criou um sistema filosófico e teológico próprio e original que gradualmente tornou-se importante a ponto de marcar toda a filosofia medieval. Aqueles que seguem o pensamento de São Tomás ou alguma de suas doutrinas são conhecidos por tomistas. No Concílio de Trento, a doutrina tomista ocupou lugar de honra e, a partir do papa Leão XIII, foi adotada como pensamento oficial da Igreja Católica (REALE; ANTISERI, 1991, p.552-554, Vol.1).

¹⁰² O conceito fundamental é o de ente, com o qual se indica qualquer coisa que exista. Ele pode ser tanto lógico ou puramente conceitual, como real ou extramental. Essa distinção é da maior importância, porque significa que nem tudo o que é pensado existe realmente. O ente lógico e o ente real são duas vertentes que se precisa manter distintas. Assim, a metafísica de Tomás distingue o ente da essência e privilegia o primeiro em relação a segunda. Logo, tudo o que existe e ente, enquanto, a essência é o "o que é" de uma coisa (REALE; ANTISERI, 1991, p.556, Vol.1).

tomista, a matéria assinalada pela quantidade e a dimensão espaço temporal seriam suficientes para dizer o que individua uma pessoa (ALFIERI, 2014, p.40).

E do contato com a filosofia agostiniana e o pensamento medieval tomista, e de certa forma mais no tomismo, diante das dúvidas que este lançou sobre a forma de perceber a essência e a existência, principalmente no que concerne ao ser humano, de acordo com Alfieri, Edith Stein vai dando forma a sua compreensão do humano. Ela se pergunta

...se seria possível que a individualidade se refira diretamente ao conteúdo sensível do ser singular. [...] A questão é fundamental para Edith Stein, porque se trata de fazer concordar ou não o princípio que individua [...] com as determinações de conteúdo fisicamente perceptíveis (materiais). [...] Stein percebe que, se se admitir que o princípio da individuação se dá pela matéria assinalada pela quantidade, ao sujeito restaria ser manipulado pelo exterior. Mas, seria possível dizer que a singularidade é apenas o que observamos exteriormente das pessoas? (ALFIERI, 2014, p.40-41).

Assim, na filosofia medieval existem duas dimensões na concepção de pessoa: seu ser de essência e seu ser de existência. A forte influência do pensamento aristotélico, que se tornou amplamente conhecido no Ocidente no século XIII e serviu de fundamento ao pensamento racionalista e que também orientou a concepção cristã da realidade, tradicionalmente apoiada na corrente filosófica platonista (REALE, ANTISERI, 1991, p.561, Vol. 1).

Assim, relida por Stein na filosofia agostiniana e no tomismo, fornecendo as ideias que a fizeram ter uma maior compreensão de que a fenomenologia que se desenvolve no mundo da essência – não que a realidade da existência não seja importante – pois, a manifestação de nós mesmo (fenomenologia do humano) é uma parte daquilo que somos na realidade essencial (ALFIERI, 2014, p.39).

Isso não significa que a essência, no método fenomenológico steiniano, represente um elemento junto com a matéria (existência), todavia – a essência – concerne para a unidade de sentido que o fenômeno releva para a consciência. Também pelo fato que, segundo Edith, a matéria assinalada pela quantidade da tradição tomista “não pode ser o fundamento da coisa única, pois, mesmo sendo a forma o elemento ativo, enquanto matéria é o elemento passivo” (ALFIERI, 2014, p.41). Neste contexto:

[...] esbarraríamos com a questão daqueles que estão considerando, talvez, o mais importante para um confronto entre Tomás de Aquino e Husserl: a questão acerca da tão enaltecida intuição ou visão da essência. Com efeito, essa questão foi o maior obstáculo que os materialistas e os positivistas, os kantianos e os neoescolásticos encontraram na fenomenologia. É muito compreensível que, numa consideração superficial, a impressão seja recebida: o método fenomenológico e o método escolástico são fundamentalmente diferentes; na segunda, a elaboração e utilização lógica da experiência sensível (se nos limitarmos ao campo do conhecimento natural); no primeiro encontramos uma intuição supostamente imediata de verdades eternas, que, de acordo com a concepção escolástica, está reservado para espíritos bem-aventurados, mais ainda, se você entender o que o "immediatismo" em sentido estrito é reservado somente para Deus. Mas deve-se dizer, no entanto, que, pelas duas formas de pesquisa, as coisas são simplificadas demais, se acredita que esse é o fim do assunto (STEIN, 2007, p.211, Tomo 3)¹⁰³.

Para Stein, seu mestre Husserl será sempre o alicerce da filosofia e fonte basilar de sua concepção fenomenológica, todavia, o pensamento agostiniano e medieval enriquecem seu arcabouço de estudos. As averiguações destes dois movimentos (husserliano e da filosofia-teologia católica), de períodos que se espaçam totalmente, são em Edith, o impulso em seu pensamento pela mesma busca da verdade, sendo essa busca aprofundada no desenvolvimento de uma ciência rigorosa que não é produto da sensibilidade, fantasia, especulação ou mera opinião, mas, tarefa arraigada de uma razão indagadora (MACHADO, 2017, p.99). Assim, Stein começou a unir, ou melhor, aprimorar sua concepção de fenomenologia com o pensamento católico. Ela começou a buscar uma conciliação:

[...] entre a tradição escolástica, principalmente Tomás de Aquino, e a fenomenologia, fazendo uma ponte entre a filosofia católica e a moderna. Dessa forma, a combinação dessas duas correntes filosóficas influenciou significativamente a sua concepção de fenomenologia. O que mostra que ela [...] nunca deixou de ser fenomenóloga, visto que prosseguiu com suas análises fenomenológicas e de diversos temas e problemas. Por exemplo, pode-se perceber claramente a presença do método fenomenológico até em obras mais tardias, como no escrito *A estrutura da Pessoa Humana*, de

¹⁰³ [...] tropezaríamos con la cuestión que los que están alejados considerarían quizás como la más importante para una confrontación entre Tomás de Aquino y Husserl: la cuestión acerca de la tan decantada intuición o visión de la esencia. En efecto, esta cuestión fue la mayor piedra de tropiezo que los materialistas y los positivistas, los kantianos y los neoescolásticos encontraron en la fenomenología. Es muy comprensible que en una consideración superficial se reciba la impresión: el método fenomenológico y el método escolástico son fundamentalmente distintos; en el segundo se halla la elaboración y utilización lógica de la experiencia sensible (si nos limitamos al terreno del conocimiento natural); en el primero encontramos una intuición supuestamente inmediata de verdades eternas, la cual, según la concepción escolástica, está reservada para los espíritus bienaventurados, más aún, si se entiende lo de "inmediatez" en sentido estricto, está reservada únicamente para Dios. Pero habrá que decir, no obstante, que por ambos caminos de investigación se simplifican demasiado las cosas, si se cree que con ello está zanjada la cuestión (STEIN, 2007, p.211, Tomo 3 – Ensaio de uma confrontação da fenomenologia de Husserl e da fenomenologia de Santo Tomás de Aquino - tradução nossa).

1932, onde Stein realiza uma antropologia fenomenológica (RANIERI; BARREIRA, 2012, p.57).

O contato com o pensamento medieval e de certa forma com de São Tomás de Aquino acontece em circunstâncias da vida pessoal de Edith Stein, em que ela muda radicalmente seu modo de viver e pensar. Após o evento já citado, em pouco tempo, ela se converte ao catolicismo e se dedica com afinco aos estudos da escolástica (SANCHO, 2016, p.57, Tomo 1), no qual ela irá realizar além de um diálogo com o pensamento de Husserl com Tomás de Aquino que confrontam ideias, mas principalmente, “do qual a autora extrai elementos ontológicos fundamentais que serão confrontados com os resultados obtidos por Duns Escoto¹⁰⁴” (ALFIERI, 2014, p.36). Neste contexto:

Todo conhecimento começa com os sentidos. Tal é a proposição fundamental que Tomás estabeleceu para o conhecimento humano, e é certamente a proposição mais citada de toda a filosofia escolástica. Parece que Husserl estava em contradição com isso, quando ele enfatiza que, para uma visão da essência, não é necessário nenhum fundamento na experiência. Mas essa afirmação não significa que o fenomenólogo possa administrar sem todo o material sensível. A única coisa que ele diz é que o filósofo, ao filosofar, por exemplo, sobre a natureza da coisa material, não precisa de uma análise da experiência real de uma coisa material; que, quando utiliza uma percepção corrente ou uma memória de uma coisa percebida de fato, não faz uso da realidade que reside na percepção e na memória; que o que lhe interessa não é aquilo que existe de fato, mas apenas que alguma intuição clara de uma coisa material tem que existir como material inicial; uma intuição clara da fantasia poderia eventualmente fornecer melhores serviços do que uma percepção corrente difusa. Mas, seja qual for a natureza da intuição de que se serve, cada um deles inclui em si material sensível, de tal forma que não é suprimido, muito menos, essa proposição [de Tomás]. Por outro lado. Estava longe da mente de Tomás afirmar, por exemplo, uma percepção externa atual como base para qualquer conhecimento (STEIN, 2007, p.212-213, Tomo 3)¹⁰⁵.

¹⁰⁴ Chamado por seus contemporâneos de *Doctor Subtilis* pela fineza e profundidade de sua doutrina, João Escoto nasceu no povoado de Duns, na Escócia, em 1266, quando Tomas de Aquino e Boaventura de Bagnoregio encontravam-se no auge de sua produção científica e morre em 1308. Durante sua vida, em Paris, centro de polêmicas entre tomistas, averroistas e agostinianos, ele amadureceu a necessidade de ir além daqueles contrastes, baseando-se, por um lado, na autonomia e nos limites da filosofia e, por outro, no âmbito específico e na riqueza dos problemas da teologia. Para evitar equívocos Escoto propõe submeter a análise todos os conceitos complexos para reduzi-los a conceitos simples, e para isso elabora a doutrina da distinção. Ha três tipos de distinção: a real (por exemplo: Sócrates é diferente de Platão); a formal (por exemplo: entre inteligência e vontade); a modal (conforme graus de intensidade). A estas se acrescenta a distinção de razão (lógica), que se refere ao âmbito mental e não ao real. A doutrina da distinção, em seu complexo, leva ao conceito de univocidade [...]. A noção de ente unívoco é alcançada por meio da distinção modal: o ente unívoco e o ser que se obtém prescindindo de todos os modos específicos em que é concretizado. (REALE; ANTISERI, 1991, p.598-601, Vol.1).

¹⁰⁵ Todo conocimiento comienza con los sentidos. Tal es la proposición fundamental que Tomás asentó para el conocimiento humano, y se trata seguramente de la proposición más citada de toda la filosofía escolástica. Parece como si Husserl estuviera en contradicción con ello, cuando acentúa que

A orientação básica da fenomenologia de ir às coisas mesmas, isto é, às essências, de buscar os fundamentos primeiros do conhecimento na perspectiva tomista, proporcionou reencontrar-se mais intensamente com os elementos da religião, como processo de produção acadêmica e vivência da religião cristã, onde podemos confirmar a partir do seu itinerário dentro da vida monástica carmelita, que é um processo que exige tempo, leitura, aprofundamento e respeitosa reflexão (SANCHO, 2016, p.58-59, Tomo 1).

O que desejamos afirmar é a intensa busca pela verdade e o encontro com a mesma, que moveu e conduziu Stein à fenomenologia enquanto possibilidade abrangente e rigorosa de investigação dos fenômenos, mas principalmente, para com a constituição do ser humano pela empatia, também nos auxilia nesta mesma busca pessoal e, possivelmente, em um encontro com uma dimensão abissal resultante da fenomenologia do ser humano e assim, na compreensão dos dilemas da nossa vida, mas especialmente, por encontrar nossa essência.

Stein não só desejou a verdade, ela a buscou e quando a encontrou, pela abrangência e magnitude de toda essa Verdade, de maneira sintética, ela se encontrou diante de uma maior sede pelo mistério: “o que é o homem?”. Logo, a partir de sua fenomenologia da empatia encontrava maior certeza que o espírito humano pode expressar em nível de manifestação tudo aquilo que é, desde que alcance uma formação que promova sua constituição. Assim, Stein promove um encontro entre a cultura medieval e a cultura moderna desenvolvendo uma concepção própria de fenomenologia (ALMEIDA, 2014, p.67), sem abandonar as linhas gerais de seu mestre Husserl. Stein em seus escritos esclarece qual é o objetivo de sua fenomenologia, assevera que:

para una visión de la esencia no se precisa ningún fundamento en la experiencia. Pero esta afirmación no quiere decir que el fenomenólogo pueda arreglárselas sin todo el material sensible. Lo único que pretende decir es que el filósofo, cuando filosofa, por ejemplo, acerca de la naturaleza de la cosa material, no necesita un análisis de la experiencia actual de una cosa material; que, cuando se sirve de una percepción actual o de un recuerdo de una cosa percibida de hecho, no hace uso de la puesta de realidad que reside en la percepción y en el recuerdo; que a él lo que le interesa no es esa cosa que existe de hecho, sino únicamente que alguna intuición clara de una cosa material tiene que existir como material de partida; una clara intuición de la fantasía podría prestar eventualmente mejores servicios que una percepción actual difusa. Pero, cualquiera que sea la índole de la intuición de la que uno se sirva, cada una de ellas incluye en sí material sensible, de tal manera que no queda suprimida, ni mucho menos, aquella proposición [de Tomás]. Por otro lado, estaba muy lejos de la mente de Tomás el reclamar, por ejemplo, una percepción exterior actual como base para cualquier conocimiento. (STEIN, 2007, p.212-213, Tomo 3 – A fenomenologia de Husserl e a filosofia de Santo Tomás de Aquino - tradução nossa).

O objetivo da fenomenologia é a clarificação e com ela a fundamentação última de todo conhecimento. Para se chegar a este objetivo é preciso que seja excluído de toda consideração todo o duvidoso. Não faz uso dos resultados de ciência alguma, [...] porque uma ciência que almeja ser clarificação última de todo conhecimento científico, não pode apoiar-se por sua vez sobre uma ciência já fundamentada, mas que se deve fundar em si mesma (STEIN, 2005, p.79, Tomo 2)¹⁰⁶.

Para Stein não havia dúvidas de que o objetivo primordial da fenomenologia é o da clarificação (MACHADO, 2017, p.98-99), principalmente do que é o ser humano, de todo o mistério que o circunda, um esclarecimento mais definido da essência e abertura desafiante à possibilidade da constituição da pessoa humana, em relação à experiência da experiência alheia.

Assim, numa fase madura de seu pensamento, ela também irá aprofundar o conceito de pessoa para desenvolver uma fenomenologia com centralidade antropológico-teológica na associação dos conceitos: essência e pessoa (MACHADO, 2017, p.104). Assim, com o auxílio da fé cristã, compreende que o ser humano, é necessitado da graça divina, mas livre para seguir o destino que quiser, pois ao manter-se próximo a Deus, realiza plenamente sua liberdade e constituição, pois afastar de Deus é afastar-se da própria perfeição. Dessa forma, a graça divina forma, eleva e torna perfeita a natureza humana.

Edith Stein alicerça seu discurso sobre a pessoa humana a partir de uma antropologia filosófica construída durante o semestre letivo de 1932-1933 quando chamada a lecionar no Instituto de Pedagogia Científica em Münster. No seu curso ela escolhe um título muito expressivo para o seu curso: *A estrutura da pessoa humana*. O objetivo é fornecer uma base teórica para a prática educacional. O discurso sobre a “estrutura” (*Aufbau*) é tipicamente fenomenológico e se refere às camadas da consciência, que se “constroem” uma sobre a outra, em uma dinâmica em que cada uma fundamenta e alicerça a sucessiva e a superior. No texto de Edith Stein, o vínculo teórico não consiste em uma exibição ou ilustração dos graus constitutivos (da matéria-prima para o que é mais especificamente humano,

¹⁰⁶ Objetivo de la fenomenología es la clarificación y, con ello, la fundamentación última de todo conocimiento. Para llegar a este objetivo excluye de su consideración todo que es de alguna manera “dubitable”, lo que puede ser eliminado. Ante todo, no hace uso de los resultados de ciencia alguna: [...], porque una ciencia que quiere ser la clarificación última de todo conocimiento científico no puede apoyarse a su vez sobre una ciencia ya fundamentada, sino que se debe fundar en sí misma (STEIN, 2005, p.79, Tomo 2 – O Problema da Empatia - tradução nossa).

passando pelo que é orgânico e animal), mas em uma filosofia pensada e vivida em primeira pessoa.

Ao refletir sobre a estrutura da pessoa humana fenomenologicamente remete à questão da constituição, da sua fundamentação, da sua essência, portanto, apresenta deste modo, não uma simples antropologia, mas uma verdadeira e própria filosofia da pessoa humana, de uma “lógica” do humano que olha para a teologia como seu próprio complemento e realização (MANGANARO, 2016, p.73-74).

Assim, na obra steiniana há uma superação da visão impessoal da vida associativa, organizacional, intersubjetiva e social. A pessoa está no centro e a cultura exprime o sentido espiritual dos povos, que Edith Stein chama de logos. A ideia de formação (*Bildung*) assume uma conotação específica no seu pensamento. Toda formação é autoformação e toda educação é autoeducação. O ser humano é chamado a educar-se para uma “fenomenologia do nós”, a uma fenomenologia da alteridade, que veremos no capítulo a seguir.

4 A CONSTITUIÇÃO DA PESSOA HUMANA

Edith Stein, em sua tese doutoral “*O Problema da Empatia*”, examina o desenvolvimento e a constituição da pessoa humana que dá-se mediante as experiências empáticas¹⁰⁷, expressas na estrutura do ser humano pelo: corpo, alma e espírito. Essa compreensão leva aprofundar os elementos na obra “*A Estrutura da Pessoa Humana*”, o que podemos conferir na tese de Novinsky, estudiosa brasileira sobre o pensamento steiniano:

Stein descreve com grande profundidade o que é o ser humano e quais as condições necessárias a seu desenvolvimento e realização [...]. Descreve o corpo, a psique e o espírito. Descreve como cada ser humano é singular, único, mas partilha com todos os outros seres humanos a mesma estrutura, uma vivência perceptiva estruturalmente semelhante, em que a atração e a repulsão estão sempre presentes (NOVINSKY, 2014, p.215-216).

Realizamos-nos como pessoas, na medida, em que, nos compreendemos e nas relações que estabelecemos com o mundo que nos rodeia. As formas – formação pessoal, familiar, social, acadêmica, profissional, espiritual etc – como construímos nossa história, ou melhor, desenvolvemos e aprofundamos nossa humanidade, são caminhos ou vias para a constituição de cada pessoa como um ser único e singular, contudo não nos afasta da essência comum das outras pessoas (NOVINSKY, 2014, p.173). Cabe ressaltar que o ser humano sempre foi a grande motivação e o objetivo de estudos de Edith Stein.

Procuramos responder à pergunta: “O que é o homem?” Começamos pela experiência, na qual se dão seres humanos. Analisamos o conteúdo desta experiência para deixar aquilo que se apresenta como contingente e fazer surgir o essencial. [...] É próprio do ser do homem o fato de ser um processo evolutivo, um tornar-se determinado por um motivo. Aquilo que temos diante de nós na experiência é sempre um estado transitório deste processo (STEIN, 2003, p.740-742, Tomo 4)¹⁰⁸.

¹⁰⁷ Empatia é uma possibilidade de captar, conhecer a experiência alheia. Trata-se de uma compreensão do outro que se caracteriza por não ser imediatamente intelectual: somente num segundo momento se torna intelectual. De fato, todas as vivências se transformam em conhecimento intelectual e em juízo somente *a posteriori* (ALES BELLO, 2015, p.86).

¹⁰⁸ Hemos intentado responder a esta pregunta: ¿qué es el hombre? Hemos partido de la experiencia, en la que se nos dan hombres. Hemos analizado el contenido de esa experiencia, para dejar a un lado lo contingente y subrayar lo esencial. [...] Es propio también del ser del hombre el hecho de que constituye un proceso de desarrollo, un hacerse dirigido a un objetivo. Cuanto tenemos a la vista en la experiencia es un estadio transitorio de ese proceso (STEIN, 2003, p.740-742, Tomo 4 – A Estrutura da Pessoa Humana – tradução nossa).

Para Edith Stein o ser humano como é um ser complexo e, ao mesmo tempo, dinâmico: o ser humano está sempre em construção, se autodesenvolvendo. É próprio da natureza humana desenvolver-se, conhecer suas limitações e potencialidades. Recordemos a ideia inscrita no Templo de Delfos: “conhece-te e assim conquistarás o mundo”. O que nos faz perceber que desde todos os tempos, desde que o ser humano se entende como ser humano, ele se pergunta sobre sua existência no mundo, sua missão e sobre sua essência. Levada também por essas questões, Stein, fenomenóloga como é, investiga o ser humano, movida pela Verdade encontrada e mais tarde reverenciada.

Assim, a tomada de consciência de si mesmo no âmbito da empatia é feita com o auxílio do método fenomenológico, este ajuda aprofundar o sentido da concepção de pessoa humana na obra steiniana, e que deve ser compreendida como uma orientação, um modo de agir, como uma postura que se concretiza pela investigação de tudo o que é envolvido em nossa capacidade de ter consciência do mundo e de nós mesmos; e não segundo uma concepção mecanicista ou método instrumental imposto no desenvolvimento de uma cultura moderna ou pós-moderna (SAVIAN FILHO, 2014, p.xviii).

Sabemos que muitos dos discípulos de Edmund Husserl se ocuparam com o estudo sobre o ser humano numa perspectiva fenomenológica e antropológica. Entre eles, destacam-se Max Scheler, que examina a posição do homem no interior do cosmo, sem deixar de lado o conhecimento, o amor e a vontade. Hedwige Conrad-Martius também oferece uma contribuição pessoal na interpretação metafísica da natureza, ao considerar o homem um mistério; Martin Heidegger em sua tentativa de ter acesso ao ser, sente a necessidade de passar por uma analítica ontológica do *Dasein*¹⁰⁹ e, certamente, Edith Stein faz da análise da estrutura da pessoa humana o fio condutor de suas investigações (PERETTI, 2009, p.108).

¹⁰⁹ Heidegger afirma que o único ente diverso dentre os outros existentes, é o *Dasein* (ser-aí), seria o único ente capaz de compreender o ente diverso dele. Utiliza o método fenomenológico para a compreensão do ser. Seu estudo de análise existencial é o *Dasein*. Esse termo designa a manifestação do ser enquanto ente. O *Dasein* se compreende a si mesmo enquanto ser que existe. Sua principal preocupação é pensar o ser. Essencialmente é compreender o sentido do ser observando as condições de possibilidade de todos os entes e, sobretudo do *Dasein*. Heidegger em suas pesquisas mostra, especialmente, o quanto esse ente precisa, além da compreensão do ser, obter uma noção original de seu ser. O *Dasein* permanece sempre em construção, pois é projeto para o seu futuro (REALE; ANTISERI, 1991, p.583-585, Vol.3).

Stein desenvolve sua concepção sobre a constituição da pessoa em um primeiro momento na obra *O Problema da Empatia e*, depois na obra *A Estrutura da Pessoa Humana*. Vejamos o que a autora refere:

O corpo vivo é caracterizado em frente ao corpo físico pelo fato de ser portador de campos de sensação, estar no ponto zero de orientação do mundo espacial, é capaz de se mover livremente e está constituído com órgãos que possibilitam o movimento, é um campo de expressão das experiências do eu que pertence ao instrumento de sua vontade. Obtivemos todas essas características a partir da consideração de nosso próprio indivíduo, e agora temos que mostrar como é constituído para nós os outros indivíduos (STEIN, 2005, p.138, Tomo 2)¹¹⁰.

Os seres humanos possuem uma peculiaridade individual impressionante e a concepção que cada um elabora do outro não é somente uma questão de intelecto, é mais um confronto interior que vai, de certo modo, em profundidade, ou pelo menos há um pouco disso, em cada encontro vivo da manifestação do “meu eu” para o “eu do outro” pelo nosso emocional, observemos:

O ser humano experimenta a existência humana e a humanidade nos outros, mas em si mesmo também. [...] Em tudo aquilo que o ser humano experimenta, pode sentir também algo de si. A experiência que ele faz de si mesmo é totalmente diferente daquela que faz de todo o resto. A percepção exterior do próprio corpo não é a ponte para a experiência do próprio eu. O corpo com certeza é percebido exteriormente, mas esta não é a experiência fundamental e si, funde com a percepção com a qual, do interno, eu sinto o corpo vivente e eu nele. Isso implica que eu sou consciente de mim, não somente do meu corpo vivente, mas de todo o eu corporal-animado-espiritual. A existência do homem é aberta ao interior, uma existência *aberta para si mesma*, mas por isso mesmo é também *existência aberta ao externo*, que pode acolher em si um mundo (STEIN, 2003, p.594, Tomo 4)¹¹¹.

¹¹⁰ El cuerpo vivo está caracterizado frente al cuerpo físico por el hecho de que es portador de campos de sensación, se encuentra en el punto cero de la orientación del mundo espacial, es capaz de movimiento libre y está constituido con órganos móviles, es campo de expresión de las vivencias del yo que le pertenece e instrumento de su voluntad. Hemos obtenido todas estas características a partir de la consideración del individuo propio. Ahora hay que mostrar cómo se constituye para nosotros el ajeno (STEIN, 2005, p.138, Tomo 2 – O Problema da Empatia – tradução nossa).

¹¹¹ El hombre experimenta la existencia del hombre y la condición humana en otros, pero también en sí mismo. En todo lo que el hombre experimenta se percibe también a sí mismo. La experiencia que tiene de sí mismo es por completo distinta de la que tiene de todo lo demás. La percepción externa del propio cuerpo no es el puente hacia la experiencia del propio yo. El cuerpo también se percibe por fuera, pero esta no es la experiencia fundamental, y se funde con la percepción desde dentro, con la que noto la corporalidad ya mí en ella. Mediante esa percepción soy consciente de mí mismo, no meramente de la corporalidad, sino de todo el yo corporal-anímico-espiritual. La existencia del hombre está abierta hacia dentro, es una existencia abierta para sí misma, pero precisamente por eso está también abierta hacia fuera y es una existencia abierta que puede recibir en sí un mundo (STEIN, 2003, p.594, Tomo 4 – A Estrutura da Pessoa Humana – tradução nossa).

Em Stein o que constitui a pessoa é a sua singularidade que está em seu núcleo¹¹² – centro da alma (*Kern*) – onde a experiência que temos de nós mesmos leva a distinguir em todo ser humano, três fundamentais dimensões: primeira, o nosso contato com o mundo (corpo); segunda, a nossa experiência a partir do emotivo-consciente (alma); e por última, a nossa tomada de consciência de nós mesmos, quando conhecemos e agimos livremente (espírito). Portanto, a dimensão espiritual permite que possamos viver nossa corporeidade racionalmente (SAVIAN FILHO, 2014, p.xxxvii). Mas toda essa singela síntese compõe uma grande construção sobre o ser humano na concepção steiniana, que vai lapidando-se na medida em que ela vai adentrando o mundo acadêmico e experimentando a oportunidade de auxiliar na formação de outras pessoas.

Recordemos que Edith Stein foi chamada a ensinar no Instituto de Pedagogia Científica de Münster, no semestre invernal (1932-1933) onde escolheu como tema do curso “*A estrutura da pessoa humana*” que viria a ser a base para a elaboração de uma filosofia da educação. Assim, o termo utilizado por ela neste contexto é aquele de “ciência da educação” ou “pedagogia”, todavia, a concepção mais adequada seria a de “filosofia da educação”. A reflexão filosófica sobre a educação fomenta o desenvolvimento de uma antropologia que, em Stein, será uma transição filosófica para teológica (SAVIAN FILHO, 2014, p.xvi).

Além disso, a obra “*A estrutura da pessoa humana*” proporciona compreender até que ponto foi realizado, por Edith, uma fecunda leitura das obras de São Tomás de Aquino; e também como foi articulada a aquisição dos conceitos propostos e seu distanciamento com o pensamento tomista. É importante esclarecer esse elemento, porque o percurso da formação de Stein possui uma característica essencial, que consiste em não negar aquilo que já foi adquirido, mas em inseri-lo em um contexto mais amplo. Por isso não podemos fechar o pensamento steiniano em um ou outro filósofo, teólogo ou estudioso, pelo fato dela fazer uma síntese do melhor de cada autor que ela leu e a influenciou na construção de suas concepções.

Observando que nossa autora realiza uma filtragem de conceitos de muitos pensadores, compreendemos que, segundo Savian Filho (2014, p.xvii), Stein fala de indivíduo, mas fala também de pessoa, e ao abordar a concepção de pessoa ela

¹¹² O núcleo – elemento último profundo – representa aquilo que diz respeito às características absolutamente singulares. Esse núcleo identitário não se desenvolve mas dá a direção, como se indicasse a estrada ao espírito e a psique. Se soubermos identificar a estrada indicada, haverá possibilidade de seguir o próprio princípio de identidade pessoal (ALES BELLO, 2015, p.83).

resguarda um destaque para a dignidade de cada ser humano, pois ela segue a definição dada por Boécio de Roma (475-525) que “pessoa é a substância individual de natureza racional” (SAVIAN FILHO, 2014, p.xviii). Assim, falar de pessoa humana não é um pleonasma, pois é possível falar de pessoa divina ao referir-se ao mistério cristão da Trindade. Assim, podemos nos perguntar:

[...] o que significa ser pessoa? Por que não dizemos simplesmente que somos indivíduos? Ou cidadãos? Não o fazemos porque esses termos reduzem muito a experiência daquilo que somos. [...] indivíduos também são as pedras, nas espécies minerais; as plantas, nas espécies vegetais [...]. Quanto a nós, somos indivíduos como membros da espécie humana. [...] ao dizer isso, não enfatizamos o que nos distingue dos outros animais, ou seja, nossa capacidade de reflexão, autorreflexão e comunicação [...] que é nossa característica distintiva em meio ao gênero animal (SAVIAN FILHO, 2014, p.xvi-xvii).

A concepção de pessoa é uma das mais relevantes para as ciências humanas, especialmente, a filosofia, teologia, antropologia etc. Todavia, o entendimento de pessoa está dentre as expressões e conceituações universalizadas, que acabam na tendência de todos as utilizarem distantes do significado real, repetí-las desconexamente, esvazia toda riqueza que a ideia de pessoa possui (VAZ, 1992, p.171-172). Não poucas vezes, a referência generalizada à compreensão do conceito pessoa, assim como a de dignidade da pessoa humana, acabam ficando escassas em sua originalidade, logo, dificulta-se o aprofundamento de aspectos para a construção do conceito de pessoa humana.

Todavia, a noção de pessoa é ainda recente na história humana, pois não se localizam na cultura clássica anterior à greco-cristã nenhuma conceituação propriamente dita a respeito desse termo. Mas foi, precisamente, no auge da Filosofia Patrística, com o advento do Cristianismo, que recebeu evidência a construção da ideia de pessoa, diante da Teologia Trinitária, desenvolvendo ao mesmo tempo, a necessidade uma antropologia teológica (VAZ, 1992, p.174).

Desta maneira, o termo pessoa percorreu múltiplos territórios semânticos, advindo desde a linguagem teatral, onde provavelmente reside sua origem, passando pela linguagem das profissões, pela gramática, retórica e, por fim, pela linguagem filosófica e teológica (VAZ, 1992, p.173-175). Mas foi com Santo Agostinho de Hipona (354-430)¹¹³ que se começou a desenvolver o conceito de

¹¹³ É considerado um dos maiores teólogos do cristianismo, como também um dos maiores filósofos desde Aristóteles. Agostinho realizou a primeira grande sistematização do pensamento cristão,

pessoa a partir da definição de singularidade e a individualidade, sendo estruturadas as potências da inteligência, da memória e da vontade. Ele, sendo o precursor da reflexão sobre a pessoa humana, como subjetividade vivente, em seu tratado *De Trinitate* (400-416)¹¹⁴, apresenta um primeiro ensaio em que se exprime a subjetividade do eu. Onde Agostinho, em outra obra sua – *De Magistro* (389)¹¹⁵ – assinalou-se que Deus é o mestre interior cuja pessoa deve transcender para compreender a si mesma e permitir interiormente se formar enquanto pessoa humana (ALMEIDA, 2013, p.227). Neste contexto, vejamos que:

[...] quando tiverem descoberto interiormente que são verdadeiras as coisas que foram ditas, elogiarão seus mestres, ignorando que elogiam mais a homens instruídos que a mestres, se é que eles mesmos conhecem o que falam. [...] se enganam os homens ao chamar mestres aos que não o são [...] uma vez que, após a exortação do que fala, os discípulos logo aprendem interiormente, julgam ter aprendido exteriormente daquele que ensinou. [...] Mas o que haja nos céus no-lo ensinará aquele que interiormente nos admoesta com sinais por intermédio dos homens para que, voltando para ele no interior, sejamos instruídos (SANTO AGOSTINHO, 2008, p. 414-415).

Entretanto, essa abordagem sobre a formação da pessoa realizaremos mais adiante, agora é importante entender que é em Boécio (477-524)¹¹⁶ que o conceito etimológico de pessoa foi mais propagado, assinalando a origem em *persona*. Foi ele que consagrou, diante da percepção de fronteira e transição do uso filosófico de pessoa para o uso teológico, a primeira formulação doutrinária de pessoa que veio a constituir na raiz teórica dos tratados posteriores. E tanto consolidou o vocabulário acerca da pessoa, como reafirmou a existência de duas naturezas em uma só pessoa, no que se concerne a Cristo (ALMEIDA, 2013, p.227). Enfim, Boécio compreende o ser humano como um composto de corpo mortal e alma imortal. E, por uma parte, a alma é a forma do corpo e, é por ela que o homem é, se define, se

incorporando as ideias de Platão ao Cristianismo, onde seu sofisticado pensamento serviu como base para toda a teologia cristã ocidental.

¹¹⁴ Obra de Santo Agostinho de Hipona que apresenta teses sobre o mistério da Santíssima Trindade, e que foram assumidas por toda a Igreja do Ocidente e continuam a exercer forte influência atualmente. Introduz-nos na ideia do Deus-Trino e de nosso espírito. O desejo de Agostinho é mostrar ser a vida divina particularmente semelhante à atividade íntima da alma que se pensa, se conhece e se ama. Ele almeja fazer a mente humana voltar ao Criador e levá-la a tomar consciência de sua dignidade de imagem de Deus.

¹¹⁵ Obra exemplar não somente para a história da filosofia, como também para a história da linguística como uma obra de fundamental relevância. A brevidade do diálogo constitui uma obra filosófico-teológica importante para a edificação da doutrina posterior de Agostinho, como, por exemplo: o “mestre interior”.

¹¹⁶ Foi um filósofo, poeta, estadista e teólogo romano, cujas obras tiveram uma profunda influência na filosofia cristã do Medievo, sendo incluído entre os fundadores da Escolástica.

entende, se realiza. Porém, a alma não é todo o ser humano, senão só uma parte de sua essência. Nesta perspectiva, ele também reafirmou a existência de duas naturezas em uma só pessoa (ALMEIDA, 2013, p.227).

Diante de todo esse apanhado conceitual, Stein estrutura o princípio de individuação que melhor abrange o sentido de ser da pessoa em Duns Scoto (1266-1308)¹¹⁷. Será nessa compreensão scotista – onde pelo modo de ser de cada ente, que não pode servir de referência à essência de outro ente, se percebe que cada pessoa é única pelo modo individual de ser em sua essência, pois no aspecto corporal, as pessoas coincidem umas com as outras – que ela encontrará base para responder à pergunta: o que torna a pessoa humana um indivíduo da espécie humana e não de outra?

A existência do ser humano é um processo evolutivo. [...] Ela [a alma] confere ao indivíduo uma determinada configuração sensível e a força para fazer movimentos e mediante os próprios movimentos, produzir em outros movimentos [...]. Desde o começo [a] planta ou animal [...] não é somente a “forma” de um vivente, mas que ela mesma é viva [...] se desenvolve no tempo [...]. A mesma coisa deveremos dizer da “forma” do ser humano: na verdade o indivíduo não é antes planta e depois animal, depois ser humano, mas é desde o primeiro instante da sua existência um ser humano [...] e que, no curso deste processo “formativo” do desenvolvimento do indivíduo humano [...] a alma seja [...] como portadora das funções [...] que a consciência e o domínio da vontade humana [...] e que com certeza nos acontecimentos orgânicos e animais ocorrem [...] de modo inconsciente e involuntário (STEIN, 2003, p.708-711, Tomo 4)¹¹⁸.

Mais adiante, analisaremos a alma como o princípio da pessoa. Todavia, não podemos afirmar que assumindo, ou melhor, selecionando o melhor de Duns Scoto, nossa autora lança mão do pensamento tomista e/ou neotomista. Como dito anteriormente Edith Stein possui uma apurada sensibilidade intelectual que permite a ela conservar dos pensadores com quem tem contato tudo aquilo que auxilia no desenvolvimento de seu pensamento fenomenológico sobre o ser humano.

¹¹⁷ Foi filósofo e teólogo escolástico inglês, sendo um severo crítico de São Tomás de Aquino.

¹¹⁸ La existencia del hombre es un proceso de desarrollo. [...] [La alma] da al individuo una determinada figura accesible a nuestros sentidos, así como la fuerza necesaria para realizar movimientos, y a través de sus movimientos producir modificaciones [...].es de antemano planta o animal [...] no sólo es la forma de un ser vivo, sino que es ella misma viva [...] sino que se despliega en el tiempo. [...] Lo mismo hay que decir también de la forma del hombre. El individuo no es primero planta, luego animal, luego hombre, sino que es hombre desde el primer instante de su existencia [...] en el curso de este proceso de información, de desarrollo del individuo humano [...]. Del hecho de que la conciencia y el dominio de la voluntad se extienden hasta las funciones [...] el alma debe ser considerada como la portadora de las funciones [...] orgânicos y animales tienen lugar de modo inconsciente e involuntario (STEIN, 2003, p.708-711, Tomo 4– A Estrutura da Pessoa Humana – tradução nossa).

Pois, a atualidade de Edith Stein é determinada também por uma proposta inteiramente pós-moderna, de confrontar e de fazer dialogar, assim como ela faz com Husserl e Tomás de Aquino, na íntima convicção de uma integração, e não de uma separação, entre modernidade e tradição, entre fenomenologia e pensamento cristão. Neste exemplo o que une, para ela, os dois pensadores é o rigor e a clareza, e também o traço distintivo que lhe é próprio: a busca por um fundamento (MANGANARO, 2016, p.24-25). Nesse sentido somos conduzidos a aprofundar a compreensão steiniana sobre a estrutura da pessoa humana.

4.1 A ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA

Após um curso de Pedagogia no semestre do verão de 1932 sobre “*Problemas da formação das jovens hoje*”, ocorre o curso de antropologia filosófica em Münster (1932-1933), base da obra “*A Estrutura da Pessoa Humana*” em que Edith Stein apresentar sua antropologia teológica. O curso de antropologia desenvolve-se com sua ação pedagógica em Münster; mas desde os tempos da Universidade em Göttingen, no centro dos seus interesses estão as questões filosóficas. Já no seu escrito “*O problema da empatia*”, Edith Stein aborda a questão da pessoa humana (SANCHO, 2003, p.34-45, Tomo 4)¹¹⁹. Vejamos:

A segunda parte do trabalho é dedicada à análise da empatia como um problema da constituição do indivíduo psicofísico. O indivíduo "psicofísico" não é algo simples: é um "composto" de vários estratos: o eu puro, como sujeito de experiência e unidade de consciência; a alma como parte essencial do indivíduo, sua unidade substancial; o corpo ao qual a alma está unida e que é vivida como "experiência", como "meu corpo" e, portanto, como algo vivo (*Leib* e não *Körper*). Antes de concluir, ela enfrenta a questão das relações intersubjetivas, a capacidade de se comunicar com o outro, a possibilidade de empatia. Então, a empatia se manifesta como uma forma de experiência intersubjetiva que possibilita a constituição de um mundo objetivo (SANCHO, 2005, p.32, Tomo 2)¹²⁰.

¹¹⁹ En la espera, recibe una invitación a ser profesora en el Instituto alemán de Pedagogía Científica en la ciudad de Münster. Edith acepta el reto e inicia su actividad a partir del 29 de febrero de 1932. La gran ventaja será la de poder continuar con los temas que germinalmente había comenzado a desarrollar en sus múltiples conferencias. El primer curso que imparte, durante el semestre de verano de 1932, lleva por título Problemas de la formación de la mujer. Durante el semestre de invierno de 1932-1933 dedica sus clases al tema Estructura de la persona humana. Un tercer curso tenía ya preparado para el semestre de verano de 1933, como continuación del anterior y con el tema ¿Qué es el hombre? La antropología de la doctrina católica de la fe. Curso que, sin embargo, no llegó a impartir (SANCHO, 2003, p.34-35, Tomo 4 – Introdução geral – tradução nossa).

¹²⁰ La segunda parte de la obra está dedicada al análisis de la Empatía como problema de constitución del individuo psicofísico. El individuo "psico-físico" no es algo simple: es un "compuesto" de varios estratos: el Yo puro, como sujeto de experiencia y unidad de conciencia; el alma como parte

No pensamento steiniano é preciso ter claro alguns elementos como corpo e alma. Assim, para explicar o termo ‘corpo’, a língua alemã possui dois termos *Körper* e *Leib*. Edith se apropria do termo *Körper* para significar corpo material, objeto da física, e o termo *Leib* para dizer do corpo animado, o corpo vivente. Entretanto, a diferenciação é ressaltada no sentido profundo de cada terminologia, pois *Körper* é usado para indicar o “corpo humano” (matéria), enquanto se torna evidente o uso de *Leib* para referir-se ao “corpo vivente” (pessoa), que é unido a alma (*Seele*)¹²¹ e ao espírito (*Geist*)¹²². Neste contexto:

Tanto as análises de Edmund Husserl quanto aquelas de Edith Stein foram realizadas a partir de um olhar rigorosamente filosófico e buscaram mostrar, por meio de uma pesquisa racional, como é feito o ser humano. Edmund Husserl, partindo dos atos presentes na consciência, atos pelos quais podemos nos tornar conscientes em nível de reflexão, individuou três dimensões no ser humano correspondentes a três esferas de ações distintas qualitativamente: corpórea, psíquica e espiritual. Edith Stein continua a análise proposta pelo seu mestre e vai acrescentando outros elementos de maneira que possam convalidar a estrutura tripartida indicada na sua trilogia: corpo vivente (*Leib*), alma (*Seele*) e espírito (*Geist*). (PERETTI, 2009, p.105).

Stein, na obra “*A estrutura da pessoa humana*” elabora sua compreensão sobre a individuação do ser humano, indicando o ponto de chegada de suas pesquisas sobre a pessoa como organismo vivente e possuidor de uma estrutura pessoal específica. Também a presença da dimensão religiosa e sua

esencial del individuo, su unidad sustancial; el cuerpo al que está unido el alma y que se vive como "experiencia", como "mi cuerpo" y por tanto como algo vivo (Leib y no Korper). Antes de concluir se enfrenta al tema de las relaciones intersubjetivas, la capacidad de comunicación con el otro, la posibilidad de empatizar. Entonces la Empatía se manifiesta como una forma de experiencia intersubjetiva que posibilita la constitución de un mundo objetivo (SANCHO, 2005, p.32, Tomo 2 – Introdução geral – tradução nossa).

¹²¹ O conceito de alma é de difícil compreensão nas argumentações de Edith Stein. O termo *Seele* é usado com uma multiplicidade de significados, indicando por vezes somente a psique e, em outras vezes, psique e espírito e, outras ainda, denotam uma dimensão autônoma do núcleo e do ser da alma, como descrito. Ainda, em Psicologia e ciências do espírito, a autora trata das qualidades caracterizacionais específicas da alma e do núcleo da pessoa. Das características da alma depende a maneira de aceitar os valores e de agir com relação a eles: como apreciar, como se alegrar, como se afligir e como sofrer (PERETTI, 2009, p.134).

¹²² O espírito é entendido, pela autora, como abertura para si mesmo e para o mundo objetivo, possui diferentes graus, dos mais baixos aos mais altos. É abertura para o mundo da subjetividade e das relações recíprocas, é autoconsciência, atividade, força vital que vivifica a vida. Edith Stein enriquece e aprofunda essa visão com as contribuições do cristianismo. Suas análises sobre o espírito subjetivo e objetivo vertem para o puro espírito finito e a Deus, espírito puro por excelência (PERETTI, 2009, p.109).

indispensabilidade estão para o desenvolvimento harmônico do ser humano e para a questão do seu destino último nesta obra.

Sua compreensão do ser humano tem profundas bases teológico-bíblicas. Já em sua primeira etapa, enquanto filósofa fenomenóloga, ainda não sendo cristã, a concepção que elabora do ser humano é profundamente objetiva, no sentido de que não é permitido condicioná-lo por nenhuma escola ou ideologia. Sua compreensão é o resultado da observação e do estudo fenomenológico de seu próprio ser e dos que o rodeiam. Mas,

Os elementos, que definem o ser do homem, são ampliados e adquirem pleno sentido apenas a partir da Revelação bíblica, do mistério de Cristo e da observação experiencial dos místicos [...]. Poderíamos tomar como ponto de partida uma quase definição que Edith nos oferece do ser humano no trabalho que intitulamos aqui como 'Estrutura da pessoa humana': "uma pessoa livre e espiritual". Aqui os elementos que definem o seu ser são encerrados: é uma pessoa, isto é, possui uma individualidade e é capaz de se relacionar; é livre, capaz de estabelecer um rumo e dar sentido à sua vida; é espiritual, isto é, um ser racional e capaz de transcender a si mesmo, abrindo e acolhendo o outro. Terminologicamente falando, a pessoa-humana é definida como: espírito, liberdade, individualidade e relacionamento (SANCHO, 2003, p.40, Tomo 4)¹²³.

Assim, a constituição da pessoa é um dos elementos que no pensamento steiniano é constantemente enfatizado, por isso é interessante analisar sua importância e significado. Edith Stein busca recuperar em seus escritos a individualidade, a personalidade e a irrepetibilidade de cada pessoa. E é neste ponto que ela resgata o valor da dignidade e a vocação do ser humano. O fato de ele ser, confere dignidade, pois o homem não é um ser vazio. É um ser que, apesar das limitações e dos vários condicionantes, carrega consigo um “eu próprio” que deve se conhecer para se realizar. Nisto reside uma das principais chaves para a realização de cada ser humano: ser ele mesmo. E para ser livre, autêntico e feliz é necessário a abertura para formar-se – por si mesmo, pelos outros e principalmente por Deus. Nesse sentido, vejamos:

¹²³ Los elementos, que definen el ser del hombre, se amplían y adquieren plenitud de sentido sólo desde la Revelación bíblica, desde el misterio de Cristo, y desde la observación experiencial de los místicos [...]. Podríamos tomar como punto de partida una quasi-definición que Edith nos ofrece del ser humano en la obra que aquí ofrecemos con el título Estructura de la persona humana: "una persona libre y espiritual". Aquí se encierran los elementos que definen su ser: es persona, es decir, posee una individualidad y es capaz de relación; es libre, capaz de marcar un rumbo y dar sentido a su vida; es espiritual, es decir, un ser racional y capaz de trascenderse a sí mismo, abriéndose y acogiendo al otro. Terminológicamente hablando, el hombre-persona se define como: espíritu, libertad, individualidad y relación (SANCHO, 2003, p.34-35, Tomo 4 – Introdução geral – tradução nossa).

A individualidade é o maior tesouro que o ser humano possui. Não é algo accidental, mas algo essencial na relação com o divino. O que Edith Stein quer fazer perceber é que não só a união com Deus é essencial à vocação do homem, mas também o modo de a realiza-la como um aspecto da imagem de Deus no homem. Assim, descobrir, perceber e favorecer o cumprimento da vontade de Deus para cada pessoa consiste na promulgação da "individualidade" (SANCHO, 2003, p.34-35, Tomo 4)¹²⁴.

Para Edith Stein a individualidade não é apenas uma nota essencial do homem, mas sem ela seria incompreensível entender o que é o ser humano, o seu lugar na criação, sua relação com Deus (SANCHO, 2003, p.42, Tomo 4). A pessoa humana deve ser compreendida, em Stein, como um ser todo cheio de sentido que, no entanto, alcança sua verdadeira plenitude em sua relação com o ser divino, no qual descobre seu ser e vocação original, sendo seu ser individual aberto e fazendo parte de um grupo em que você deve se encaixar e desenvolver sua individualidade.

Nesta perspectiva a compreensão do "ser" é de suma importância no desenvolvimento do pensamento steiniano sobre a estrutura da pessoa humana. Stein reconhece os méritos do idealismo que incide no indicativo de um objetivo de caráter ético e espiritual, mas questiona à carência de uma visão excessivamente otimista do idealismo que ressalta apenas uma atitude intelectualista e menospreza as forças irracionais do ser humano.

A respeito do conceito idealista, se torna clara nesta nova visão do ser humano, o destronamento do intelecto e da livre vontade soberana, o desaparecer de uma orientação a uma finalidade objetiva, que se pode conhecer e que a vontade pode alcançar. Cai também a unidade espiritual da humanidade e o sentido objetivo da sua criação cultural (STEIN, 2003, p.565-566, Tomo 4)¹²⁵.

Ainda nessa linha idealista, Edith Stein depara-se com o pensamento de um de seus companheiros de vida universitária, Heidegger, que também fora discípulo de Husserl, mas desenvolveu outra linha de pensamentos afastando-se do mestre,

¹²⁴ La individualidad es el mayor tesoro que el hombre posee. No es algo accidental, ni siquiera en la vocación a la unión con Dios, sino algo esencial a la misma. Lo que Edith Stein quiere hacer ver es que no sólo es esencial a la vocación del hombre la unión con Dios, sino el modo de realizarla como un aspecto más de la imagen de Dios en el hombre. Así, pues, descubrir, realizar y favorecer el cumplimiento de la voluntad de Dios para con cada persona consiste en la puesta en acto de la "individualidad" (SANCHO, 2003, p.34-35, Tomo 4 – Introdução geral – tradução nossa).

¹²⁵ Comparada con la concepción idealista, en esta nueva imagen del hombre se hace patente el destronamiento del intelecto y de la voluntad libremente dominante. También se dejan de perseguir metas objetivas, accesibles al conocimiento y alcanzables por la voluntad. Se descomponen asimismo la unidad espiritual de la humanidad y el sentido objetivo de su creación cultural (STEIN, 2003, p.565-566, Tomo 4 – A Estrutura da Pessoa Humana – tradução nossa).

mas que Stein reconhece seu mérito na obra o “*Ser e Tempo*” (1927)¹²⁶, em retomar o tema do ser, porém, questiona as concepções fenomenológicas que não conseguem desenvolver uma percepção aprofundada do ser humano, como também indaga que ele altera os traços do método de Husserl. Ou seja:

A grande questão da metafísica é aquela do *Ser*. Para nós ela coloca-se a partir da nossa mesma existência de homens e – segundo a visão de Heidegger – somente a partir dela pode encontrar resposta. Na sua existência de cada dia, o homem é inteiramente absorvido por cada tipo de preocupações e de compromissos de caráter prático. Ele vive no mundo e procura de assegurar-se nele o seu lugar, se move nas formas tradicionais da vida social, mantém relacionamentos com os outros, fala, pensa, sente, como “se” fala, “se” pensa, “se” sente etc. (STEIN, 2003, p.567, Tomo 4)¹²⁷.

Dessa maneira, Heidegger na obra “*Ser e Tempo*”, a partir de sua concepção existencialista, desenvolve seu pensamento acusando¹²⁸ as análises fenomenológicas de Husserl e Scheler como se fossem um antropologismo trazendo novamente a tradicional tripartição em corpo, alma e espírito. Porque para Heidegger a concepção sobre o ser humano embasada na ideia grega de alma e na compreensão teológica de um ser criado por Deus, criam limitações para uma apropriada análise a respeito do ser humano, que acarreta a filosofia ao antropologismo. Vejamos:

Na visão de Heidegger, a descrição das leis puras da consciência permanece atrelada a uma compreensão psicológica, ou seja, permanece vinculada àquele tipo de saber que Husserl pretendeu superar, pois, este se limita a pensar o homem enquanto preso às suas capacidades cognitivas, revelando uma ausência de questionamento acerca do modo de ser daquele que pensa. A aspiração por uma reflexão pura, que marca a fenomenologia, exigiria, de acordo com o autor de *Ser e Tempo*, a consumação do questionar husserliano, ultrapassando-o e abandonando o tema da consciência – que, neste sentido, ainda seria tema psicológico,

¹²⁶ É a maior e mais influente trabalho deste filósofo.

¹²⁷ La gran pregunta de la metafísica es la que versa sobre el ser. Esta pregunta nos viene planteada por nuestra propia existencia humana y, según piensa Heidegger, sólo puede encontrar respuesta desde la existencia humana misma. El hombre está rodeado en su existencia cotidiana de todo tipo de preocupaciones y anhelos. Vive en el mundo y trata de asegurar su puesto en el mismo. Se mueve en las formas tradicionales de la vida social. Entra en relación con otras personas, y habla, piensa y siente como “se” habla, “se” piensa y “se” siente, etc (STEIN, 2003, p.567, Tomo 4 – A Estrutura da Pessoa Humana – tradução nossa).

¹²⁸ “A pessoa não é uma coisa, uma substância, um objeto. Com isso se ressalta e acentua a mesma coisa indicada por Husserl, ao exigir para a unidade da pessoa uma constituição essencialmente diferente das coisas da natureza. [...] Pertence à essência da pessoa apenas existir no exercício de atos intencionais e, portanto, a pessoa em sua essência não é objeto algum. [...] Ser psíquico não tem a ver, pois, com ser pessoa. Os atos são executados e a pessoa é executora de atos. Mas qual o sentido ontológico de “executar”? Como se deve determinar, de modo ontologicamente positivo, o modo de ser da pessoa?” (HEIDEGGER, 2009, p. 92).

com raízes na ciência empírica –, em direção à verdadeira singularidade do homem que está na existência, compreendida ontologicamente. Se a reflexão husserliana não foi tão longe, isto se deve aos entraves que os preconceitos psicológicos e antropológicos representam para o pensamento fenomenológico (CARMO, 2018, p.333-334).

Edith Stein, assevera serem válidas as ideias conquistadas pelo método fenomenológico de ambos, os quais se referem de maneira específica a valorização da pessoa. Por isso que Stein refere-se ao ser humano na completude de suas dimensões como pessoa, tendo em vista que com o acréscimo do adjetivo ‘humana’ (pessoa humana) que provêm da consciência desse termo; usado primeiramente na Teologia Medieval para indicar as pessoas divinas¹²⁹ e somente depois foi atribuída ao ser humano.

Para sarar a sua natureza e para devolver a ela a supremacia sobre a natureza à qual foi destinado por toda a eternidade, Deus mesmo se tornou homem. O Filho do Eterno Pai se tornou o novo chefe do gênero humano; qualquer um que seja ligado a Ele na unidade do Corpo Místico participa à sua afiliação divina, leva em si uma fonte de vida divina que flui verso a vida eterna e que ao mesmo tempo constitui uma fonte de salvação para as enfermidades da natureza decaída: a luz natural do seu intelecto é reforçada pela luz da Graça assim é mais protegida contra os erros, embora não seja imune; sobre tudo o seu olhar espiritual está aberto para tudo àquilo que neste mundo nos testemunha outro mundo; a vontade é orientada ao bem eterno, de modo que não é fácil separá-lo dela, e é fortalecida para lutar contra as forças inferiores (STEIN, 2003, p.570-571, Tomo 4)¹³⁰.

¹²⁹ O Dogma da Santíssima Trindade assevera não uma composição de três indivíduos, mas de Três Pessoas que se relacionam, ou seja, o Pai é Pai porque tem seu Filho, o Filho é Filho porque tem o Pai e os dois são Pai e Filho porque tem uma relação paterno-filial garantida pelo Espírito que há entre os dois. Assim, compreende-se que Santíssima Trindade é uma relação de amor: o Pai é o amante, o Filho é o amado e o Espírito Santo é o amor do Pai e do Filho. Segundo a Igreja Católica “O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. É o mistério de Deus em si mesmo. E, portanto, a fonte de todos os outros mistérios da fé e a luz que os ilumina. [...] A Trindade é *una*. Nós não confessamos três deuses, mas um só Deus em três pessoas: “a Trindade consubstancial”. As pessoas divinas não dividem entre Si a divindade única: cada uma delas é Deus por inteiro: “O Pai é aquilo mesmo que o Filho, o Filho aquilo mesmo que o Pai, o Pai e o Filho aquilo mesmo que o Espírito Santo, ou seja, um único Deus por natureza”. “Cada uma das três pessoas é esta realidade, quer dizer, a substância, a essência ou a natureza divina”. [...] As *pessoas divinas são realmente distintas entre Si*. “Deus é um só, mas não solitário”. “Pai, Filho, Espírito Santo” não são meros nomes que designam modalidades do ser divino, porque são realmente distintos entre Si” (CIC, n.234, 253-254).

¹³⁰ Dios mismo se ha hecho hombre para sanar su naturaleza y devolverle la elevación sobre lo meramente natural que le ha sido asignada desde toda la eternidad. El Hijo del eterno Padre se ha convertido en la nueva cabeza del género humano. Cuantos se unen a él en la unidad del cuerpo místico, participan de su filiación divina y llevan en sí mismos una fuente de vida divina, que salta hasta la vida eterna y al mismo tiempo sana las fragilidades de la naturaleza caída. Asimismo, la luz natural de su entendimiento ha sido fortalecida por la luz de la gracia. Está mejor protegida contra los errores, si bien no asegurada contra ellos. Sobre todo, los ojos del espíritu están abiertos para todo lo que en este mundo nos habla de otro mundo diferente. Por su parte, la voluntad está inclinada al bien eterno, de manera que no es fácil apartarla de él, y queda robustecida para luchar contra las fuerzas inferiores (STEIN, 2003, p.570-571, Tomo 4 – A Estrutura da Pessoa Humana – tradução nossa).

Edith Stein através do aprofundamento nos textos de São Tomás de Aquino e de Santo Agostinho – entre outros já citados – compreende, por meios desta leitura, o tema da natureza aristotélica e platônica. A sua linha de pensamento consiste, nesse sentido e principalmente, em estabelecer uma relação intrínseca entre a leitura aristotélico-tomista da natureza e do ser humano como emergente dessa a interpretação proposta por Husserl e Conrad-Martius. Mas em confrontação com o pensamento tomista, ela se propõe evidenciar paulatinamente e não apologeticamente, que com expressões diferentes muitas vezes, são entendidos os mesmos conceitos: a alma é a vida e a vida é a força vital que se articula na força psicofísica e espiritual.

4.1.1 A constituição do indivíduo psicofísico

A construção do pensamento filosófico de Edith Stein é a análise husserliana da corporeidade como unidade psicofísica. Nas análises de seu pensamento, compreende-se que o indivíduo tem a capacidade de reconhecer-se a partir do contato que estabelece com o outro indivíduo, que é diferente dele. Tendo em vista que sua individualidade manifesta-se diante da particularidade de outros seres humanos. Assim, ao concernente à reflexão entre o “eu” e o “corpo vivo” (*Leib*), Edith Stein, com o desejo de iluminar a compreensão do conceito de empatia, exprime que se faz necessário progredir do psíquico para o psicofísico. E isso ocorre via a compreensão daquilo que vem a ser o corpo vivo.

Nesta perspectiva, compreender a corporeidade como unidade psicofísica é o ponto de partida da filosofia steiniana. Trata-se não da mesma unidade psicofísica do homem-máquina, assim como é analisado pela medicina organicista ou pela biologia, ou ainda, pela física mecanicista unida ao darwinismo da psicobiologia. Pois a medicina, a biologia e a física são ciências tendenciosamente positivistas que se ocupam somente com uma única parte do corpo, isto é, do corpo físico (*Körper*) e, por sua vez, utilizam-se do método de análise linear e classificatório que ignoram as diferenças entre um objeto de outro ou uma pessoa de outra. Essas ciências tratavam o corpo vivente (*Leib*) como objeto inanimado, tal como um cadáver (*Körper*), isto é, como se em cada corpo vivente não habitasse uma alma (*Seele*) e, portanto, como se nada externo não promovesse influências sobre o espírito (*Geist*),

também nas vivências de cada pessoa, conseqüentemente, sobre o amor, sobre o comportamento e sobre as relações entre as pessoas (PERETTI, 2009, p.65-66). Como também em nossos desejos pessoais, internos:

Vivendo em alegria, sua expressão também é experimentada de acordo com o modo do presente; a percepção corporal simultânea é realizada de acordo com o modo da inatividade, não sou - como dizem eles - consciente dela. Se então eu dirijo minha atenção para a mudança percebida do meu corpo vivo, parece-me efetuada pelo sentimento. Juntamente com a unidade da experiência sentida, constitui-se uma conexão causal entre sentimento e expressão. A expressão usa a causalidade psicofísica a ser realizada em um indivíduo psicofísico. (STEIN, 2005, p.143, Tomo 2)¹³¹.

O corpo vivente (*Leib*) é o espaço das sensações, pois os sentidos – tato, visão, audição etc. – este não são somente órgãos do corpo, mas também da alma. Assim, o corpo é organismo de relação, diferente das plantas e dos animais, pois é o lugar onde se manifesta na alma (*Seele*) o espírito (*Geist*), que se desenvolve no “*Leib*” e opera por nele, as sensações de atividades externas. Em vista disso, o corpo vivente deve ser entendido como a unidade psicofísica (*Leib-Geist-Seele*) onde ocorre a manifestação dos eventos de recepção do mundo externo como também da vontade particular (interioridade). Além do mais, o indivíduo psicofísico é dotado de uma própria forma, fechada e determinada em si mesma, essa forma é a individualidade, mas é também uma realidade preservada junto interiormente: o “Eu puro”:

[...] falamos sobre o eu puro como sujeito da experiência desprovido de qualidades e indescritível de outra maneira. Encontramos em vários autores (como Lipps) a concepção de que esse "eu" não é um "eu individual", mas apenas se contrasta com o "você" e o "ele". Mas o que essa individualidade significa? Primeiro de tudo, só que ele é "ele mesmo" e nenhum outro. Essa "mesmice" é experimentada e é a base de tudo o que é "meu". [...] E essa diferenciação se manifesta no modo de dar-se (manifestar-se); em relação a mim o outro se manifesta na medida em que me é dada a percepção diferente do meu "eu": é por isso que o outro é um "eu alheio"; mas é experimentado não como eu me experimento, e é por isso que "ele" é um "outro eu". Desta forma, o "eu" não experimenta uma individualização em

¹³¹ Al vivir en la alegría también está vivenciada su expresión según el modo de la actualidad; la percepción corporal simultánea se realiza según el modo de la inactualidad, no soy =como se suele decir- consciente de ella. Si luego dirijo mi atención al cambio percibido de mi cuerpo vivo, me aparece como efectuado por el sentimiento. Junto a la unidad de sentido vivenciada se constituye, pues, una conexión causal entre sentimiento y expresión. La expresión se vale de la causalidad psicofísica para realizarse en un individuo psicofísico (STEIN, 2005, p.143, Tomo 2 – O problema da empatia – tradução nossa).

oposição ao outro, mas sim por que sua individualidade [...] é destacada em frente à alteridade do meu "eu" (STEIN, 2005, p.118, Tomo 2)¹³².

Nesse sentido, o “Eu puro” não pode ser entendido como uma dimensão do sujeito psicofísico satisfatória para exemplificar a complexidade daquilo que está no “íntimo do ser”: a essência. Esse papel corresponde a alma na sua mais profunda referência a interioridade da pessoa: núcleo da alma, ou “alma da alma” (*Kern*) – conceito utilizado por Stein, que não é redundante, e sim amplo e denso e, pode ser especificado, como aquilo mais terno e íntegro que revela a composição da vida presente no corpo vivente.

A “alma da alma” é de natureza espiritual e a alma como um todo é um ser espiritual. Cujas características são aquelas de ter uma interioridade, no centro, do qual ela deve sair para encontrar os objetos e ao qual ela reporta quanto recebe do externo, um centro do qual também ela mesma pode dar verso ao externo. Aqui está o centro da existência humana (STEIN, 2003, p.708, Tomo 4)¹³³.

Abordamos essa concepção de “núcleo da alma” (*Kern*) aqui somente para iluminar que trataremos mais adiante, pois compreender a unidade do indivíduo psicofísico remete-nos ao estudo dessa área explicitada por Edith Stein. Tendo em vista, que ela afirma que o indivíduo psicofísico é constituído pelo “Eu puro” que é o fundamento de tudo aquilo que pode ser designado como “eu” – por isso a alma não pode ser confundida com o “Eu puro” e nem com a nossa consciência –, assim, ele deve ser compreendido como sujeito da experiência.

A corporeidade – local que experimenta as vivências – representa o ponto central das análises fenomenológicas de Edith Stein e constitui a base para o estudo do sujeito na sua individualidade e na sua dimensão intersubjetiva. É por meio da

¹³² [...] hablado siempre del yo puro como del sujeto del vivenciar carente de cualidades e indescriptible de otra manera. Hemos encontrado en los distintos autores (Lipps) la concepción de que este yo no es un «yo individual», sino que sólo llega a serlo en contraste con el «tú» y el «él». ¿Qué quiere decir esta individualidad? Ante todo, sólo que él es «él mismo» y ningún otro. Esta «mismidad» está vivenciada y es fundamento de todo aquello que es «mío». [...] Y esta alteridad se manifiesta en el modo de darse; él se muestra como un otro respecto a mí en tanto que me está dado de otra manera que «yo»: por eso es un «tú»; pero se vivencia tal como yo me vivencia, y por eso es el «tú» un «otro yo». De esta manera, el yo no experimenta una individualización en tanto que otro le está enfrente, sino que su individualidad [...] se resalta frente a la alteridad del otro (STEIN, 2005, p.118, Tomo 2 – O problema da empatia – tradução nossa).

¹³³ El "alma del alma" es de naturaleza espiritual, y el alma como un todo es un ser espiritual. Lo peculiar de ella es que posee una dimensión interior, un centro, del que tiene que salir para encontrarse con objetos y al que trae cuanto obtiene fuera de ella, pero desde el que también se entrega ella misma hacia fuera. Aquí es donde se sitúa el centro de la existencia humana (STEIN, 2003, p.708, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

corporeidade que se manifesta a vida do “eu psicofísico e espiritual”. Nesse sentido, a relação do “eu” com os “outros” deve ser uma relação empática que permite a superar isolamentos e egoísmos manifestos, não poucas vezes no ser humano, permitindo dar-se em comunhão com o outro/mundo. O interesse de Edith Stein direciona-se sobre a análise da conexão psicofísica que constitui o corpo vivente a fim de fazer uma descrição essencial do ser humano sem, contudo, permanecer num território puramente científico.

Ao nosso conceito de corpo corresponde o termo alemão de “*Leib*” e “*Körper*”. O primeiro termo (*Leib*) indica corpo animado, vivente, e o segundo (*Körper*) significa os aspectos materiais e físicos de um corpo. O corpo vivente não se dá da mesma forma que as coisas físicas, porque é essencialmente constituído de sensações que estão “entre os constitutivos reais da consciência”. Em si, as sensações não são espaciais, não assumem nunca a forma de “*cogito*”, porque não são conscientes de si e, além disso, estão “a certa distância do eu”, e não nele. De fato, nas sensações, não encontramos o “Eu” nem mesmo com a reflexão. No entanto, estão localizadas em “qualquer parte” que ocupa espaço, por exemplo, no cérebro, dessa forma fazem parte de um corpo, precisamente de um corpo vivente, unidade particular que constitui a totalidade dessas “partes”. O “*Leib*”, corpo vivente, é situado no “ponto zero de orientação”, isto é, na linha de demarcação que separa o mundo interior do mundo exterior. Ao corpo cabe essa função porque é constituído de sensações e é apreendido como material; é um “*Körper*” (aspectos materiais e físicos de um corpo) parecido com as coisas do mundo espacial comum e unidas a ele. Como consequência afirma Edith Stein, um “*Leib*” é um corpo do eu. O corpo animado (*Leib*), percebido exteriormente no seu aspecto físico (*Körper*), e a alma formam o indivíduo psicofísico, o eu individual. É necessário evidenciar que, no indivíduo psicofísico, a unidade constituída entre a alma e o corpo é dada por essa fusão (PERETTI, 2009, p.127).

De tal modo, a passagem do corpo material (*Körper*) a compreensão do corpo vivente (*Leib*) que é aberto à sensação, à percepção e à constituição do próprio corpo como um indivíduo psicofísico, possibilita afirmar que as vivências circulam do externo para o interno e depois do interno para o externo, num ritmo dialético bioenergético de representações viventes e palpitantes nas quais podemos individuar a essência, a unicidade e irrepetibilidade do nosso viver (PERETTI, 2009, p.85). Assim, o que distingue o indivíduo como pessoa humana distinta dos outros indivíduos animais e vegetais é tanto a capacidade de sentir e de se movimentar livremente, quanto o fato de ser sujeito livre e consciente de si mesmo.

Por isso a fenomenologia steiniana nos abre novos horizontes interpretativos, em virtude de suas profundas intuições e permite-nos descobrir as riquezas e potencialidades pertencentes à consciência do ser humano. Edith Stein afirma que o

caminho pelo qual elege o seu método tem que se fixar a atenção nas coisas mesmas e ir construindo sobre essa base a concepção do que é homem? Para ela, o objetivo da fenomenologia é o esclarecimento e, com ele, a fundamentação última de todo o conhecimento. Enfatiza que cada fenômeno é base exemplar de uma consideração de essência. A fenomenologia da percepção não se conforma em descrever a percepção singular, e sim o que é percepção no geral, em sua essência (PERETTI, 2009, p.86).

Enfim, os três elementos aqui nesta parte abordados: corpo vivente, espírito e alma (*Leib; Geist; Seele*) são imensos territórios na estrutura da pessoa humana dos quais é possível aprofundar mais níveis para descobrir elementos ainda mais tocantes à compreensão do que é o ser humano. Entretanto, é a alma, particularmente, que contém o elemento basilar para compreender aquilo que toca a constituição ou formação da pessoa humana. Assim, “a alma, [...] está consolidada [...] no corpo vivo, e constitui com ele o indivíduo psicofísico” (STEIN, 2005, p.130, Tomo 2)¹³⁴.

4.1.2 A alma: essência e centro da existência humana

A pessoa humana possui centralidade nas investigações de Edith Stein e é analisada nas mais variadas dimensões: corpo, alma, espírito, valores, relação com os outros e com Deus. Assim, no pensamento steiniano o ser humano é estudado em diversos ângulos, mas sempre numa perspectiva unitária de natureza humana. No processo de sua investigação, Edith Stein afirma a necessidade de considerar a pessoa como uma “realidade única”, como “unidade de corpo vivente, espírito e alma”. Por isso é necessária a compreensão da unidade psicofísica.

Esta observação confirma em Edith uma visão unitária tridimensional ou compreensão do ser humano: corpo-alma-espírito. Não como camadas sobrepostas, mas como dimensões que definem a globalidade do seu ser. Isto implica, necessariamente e como consequência imediata, que a pessoa que negligencia uma dessas dimensões não irá desenvolver a plenitude de seu ser. E se a dimensão que caracteriza e unifica os outros é esquecida, então o resultado é o absurdo e o vazio da existência (SANCHO, 2003, p.41, Tomo 4)¹³⁵.

¹³⁴ El alma [...] está consolidada [...] en el cuerpo vivo, constituye con él el individuo psicofísico (STEIN, 2005, p.130, Tomo 2).

¹³⁵ Esta constatación confirma en Edith una visión o comprensión unitaria tridimensional del ser humano: cuerpo-alma-espíritu. No como estratos superpuestos, sino como dimensiones que definen

No desenvolvimento da obra “*A Estrutura da Pessoa Humana*” nossa autora apresenta o que é próprio do ser humano. Nessa perspectiva, Stein estabelece seu argumento comparando o ser humano com os seres inferiores, a saber: matéria inanimada, plantas e animais. O que o caracteriza a pessoa humana não é apenas sua capacidade de raciocinar, mas algo muito mais amplo: sua capacidade de transcender os limites de sua própria corporeidade e sua capacidade de empatizar, sempre recordando que é o espírito (*Geist*), por meio do corpo (*Leib*) que proporciona na alma (*Seele*) a experiência/vivência das coisas:

‘Ter uma alma’ significa possuir um centro interior onde converge sensivelmente tudo aquilo que vem do externo, do qual surge tudo aquilo que na atitude do corpo aparece proveniente do interno. É o ponto de troca ao qual chegam os impulsos e do qual partem as reações. [...] ligada ao corpo vivo; ela o forma, lhe dá vida, vive nele mesmo; sente aquilo que acontece com ele, e o sente em nele e através dele; os órgãos do corpo vivente são também os seus órgãos; É a alma que o move segundo aquilo do que ele precisa, os instintos da alma estão a serviço da manutenção e do desenvolvimento do corpo, como desejo daquilo que tem necessidade e repulsa daquilo que o ameaça (STEIN, 2003, p.611, Tomo 4)¹³⁶.

Essa unidade psicofísica e a capacidade de empatizar permitem ao ser humano se entender como um ser transcendente – um ser espiritual¹³⁷ –, como um ser que não se esgota em seu corpo e sensibilidade, pois como um ser vivente que sempre evolui e descobre, a partir de uma tomada de consciência sincera e objetiva sobre si mesmo, que não encontra a realização de seu ser em si mesmo.

la globalidad de su ser. Ello implica, necesariamente y como consecuencia inmediata, que la persona que descuide una de esas dimensiones, no desarrollará la plenitud de su ser. Y si se olvida la dimensión que caracteriza y unifica las demás, entonces el resultado es el sinsentido y el vacío de la existencia (SANCHO, 2003, p.41, Tomo 4 – Introdução geral – tradução nossa).

¹³⁶ "Tener alma" quiere decir poseer un centro interior, en el que se percibe cómo entrecocha todo lo que viene de fuera, y del que procede cuanto se manifiesta en la conducta del cuerpo como proveniente de dentro. Se trata de un punto de intercambio, en que impactan los estímulos y del que salen las reacciones. [...] ligada al cuerpo: le da forma y vida, y ella vive en él; nota lo que le pasa, y lo nota en él y a través de él, pues los órganos [8] del cuerpo son los del alma; le mueve, y, por cierto, del modo que el cuerpo necesita; sus instintos están al servicio de la conservación y del desarrollo del cuerpo, apeteciendo lo que éste necesita y rechazando lo que le pone en peligro (STEIN, 2003, p.611, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

¹³⁷ A expressão “ser espiritual” já diz que o termo “espírito” não indica algo de absolutamente simples e único, mas pode ser entendido como um âmbito do ser ao qual pertencem entidades de tipo diferente. A alma é indicada como espírito ou “criatura espiritual”. Ela é caracterizada [...] pelo fato que entra, com um corpo material, na unidade de uma única natureza. [La expresión "ser espiritual" implica ya que "espíritu" no designa algo absolutamente sencillo y único, sino que puede ser entendido como un ámbito del ser al que pertenecen entes de diferentes tipos. Así, cabe considerar al alma como espíritu, o como una "criatura espiritual" caracterizada, [...] por el hecho de que está inscrita junto con un cuerpo material en la unidad de una naturaleza] (STEIN, 2003, p.674, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

A mesma investigação racional como uma abordagem da realidade é uma manifestação da espiritualidade do homem que se transcende a realidade divina. Logo, não podemos entender a relação entre corpo vivente (*Leib*) e alma (*Seele*) como se o corpo pudesse ser a substância mais importante e a alma estando somente ao seu serviço, ou mesmo que ela existe somente por ele. Deve-nos ser claro que há uma unidade nos dois elementos que os equiparam. Não há uma unidade a partir de duas substâncias separadas – ambas se completam – uma matéria “formada” de maneira viva, e tendo em vista que a “forma” se realiza na “matéria” e ao mesmo tempo na matéria se exprime a partir do interior, na atualidade da vida da alma.

A alma não “mora” no corpo vivente como dentro de uma casa, ela não veste o corpo e não tira como um vestido, e se os filósofos gregos o definiram “prisão” e “tumulo” da alma, é para exprimir com isso uma ligação rude e penosa, mas sempre uma “ligação” – e com isso não se faz justiça à unidade da natureza. A alma compenetra totalmente o corpo vivente e em virtude desta compenetração da matéria organizada, não somente a matéria se torna corpo vivente impregnado de espírito, mas também o espírito se torna espírito materializado e organizado (STEIN, 2003, p.681-682, Tomo 4)¹³⁸.

O corpo sempre foi considerado na história da Filosofia Ocidental, como um cárcere, prisão da alma, sendo a carne (*Körper*) o espaço das fraquezas, limitações, o lugar onde são acometidos os pecados; mas também representa, o corpo, aquilo que nos torna visíveis, perceptíveis e nos manifesta/revela aos outros. Logo, percebermos que Edith Stein, nos mais diversos momentos de sua trajetória intelectual, preocupou-se com questões eminentemente filosóficas, sobretudo por ter sempre como foco o ser humano nos seus mais diversos fenômenos. O que nos apresenta uma tentativa de superação de uma visão dualista do ser humano, presente na tradição filosófica, nas correntes materialistas, positivistas e empiristas.

Edith Stein ultrapassa o idealismo e materialismo porque o corpo, nas suas análises dá-se por aquilo que é: coisa material, corpo sensitivo e órgão volitivo, expressão de vida psíquica e espiritual (PERETTI, 2009, p.124). O método

¹³⁸ El alma no "habita" el cuerpo como en una casa, no se lo pone y se lo quita como un vestido, y si los filósofos griegos lo denominaban "cárcel" y "tumba" del alma, con ello se estaban refiriendo a una vinculación estrecha y dolorosa, pero en cualquier caso, a una "vinculación", Y con esta noción no se hace justicia a la unidad de la naturaleza. El cuerpo está por completo penetrado por el alma, de manera que no sólo la materia organizada se convierte en cuerpo penetrado de espíritu, sino que también el espíritu se convierte en espíritu materializado y organizado (STEIN, 2003, p.681-682, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

fenomenológico adotado por Edith Stein é fundamental para a compreensão da constituição do indivíduo psicofísico, para aprofundar o conceito de alma (consequentemente, o núcleo da alma) e para análise da essência dos atos da empatia como compreensão de pessoas espirituais. Eis a questão central da concepção de alma no pensamento steiniano:

O ser humano, com todas as suas capacidades corporais e psíquicas, é o “eu mesmo” que tenho que “formar”. Mas o que é o “eu”? O definimos como “pessoa espiritual e livre”, cujos atos intencionais são a sua vida. [...] Eu não sou o meu corpo vivente; eu o tenho e o domino. Posso também dizer: eu sou *no* meu corpo vivente. [...] Eu *sou* o ser humano e *tenho* corpo e alma. O meu corpo é um corpo humano e a minha alma é uma alma humana; isso porém significa um corpo *pessoal* e uma alma *pessoal*. Um corpo pessoal, ou seja um corpo onde mora um eu e que pode ser configurado mediante o agir livre do eu (STEIN, 2003, p.654-655, Tomo 4)¹³⁹.

A partir disso, compreendemos que “não pode haver alma humana sem eu; a ela pertence a estrutura pessoal. Mas um eu humano deve ser também eu psíquico, não pode ser sem alma [...]” (STEIN, 2003, p.656, Tomo 4)¹⁴⁰. Logo, o ser humano experimenta existência humana e humanidade nos outros, mas em si mesmo também. A unidade psicofísica – corporeidade: *Leib-Geist-Seele* – é a via onde realiza-se a empatia, que nos permite chegar às vivências dos outros seres humanos, ou seja, na sua interioridade, na essência, no “núcleo da alma humana”¹⁴¹.

Em tudo aquilo que o ser humano experimenta, pode sentir também algo de si. A experiência que ele faz de si mesmo é totalmente diferente daquela que faz de tudo o resto. A percepção exterior do próprio corpo não é a ponte para a experiência do próprio eu. O corpo com certeza é percebido exteriormente, mas esta não é a experiência fundamental e si funde com a percepção com a qual, do interno, eu sinto o corpo vivente e eu nele. Isso

¹³⁹ El hombre, con todas sus capacidades corporales y anímicas, es el "sí mismo" que tengo que formar. Pero ¿qué es el yo? Lo denominamos persona libre y espiritual, cuya vida son los actos intencionales. [...] Yo no soy mi cuerpo, sino que lo poseo y lo domino. También puedo decir: soy en mi cuerpo. [...] Soy un hombre y tengo cuerpo y alma. Mi cuerpo es el cuerpo de un hombre y mi alma el alma de un hombre, y esto significa que son un cuerpo personal y un alma personal (STEIN, 2003, p.654-655, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

¹⁴⁰ No puede haber alma humana sin yo, puesto que la primera es personal por su estructura misma. Pero un yo humano tiene que ser también un yo anímico: no puede haber yo humano sin alma [...] (STEIN, 2003, p.656, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

¹⁴¹ Por alma humana compreendemos o conceito elaborado por nossa autora: “[...] a *alma humana*, com a sua estrutura especificamente humana e pessoal, é uma “forma”. Não só *forma corporis*, “forma do corpo”, mas “forma” de tudo aquilo que o que o ser humano é [el alma humana, con su estructura especificamente humana y personal, es unaforma. No sólo forma corporis, sino también forma de cuanto es el hombre]” (STEIN, 2003, p.666, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

implica que eu sou consciente de mim, não somente do meu corpo vivente, mas de tudo o eu corporal-animado-espiritual. A existência do homem é aberta ao interior, uma existência *aberta para si mesma*, mas por isso mesmo é também *existência aberta ao externo*, que pode acolher em si um mundo (STEIN, 2003, p.594, Tomo 4)¹⁴².

A alma é vida! E a vida é a força vital¹⁴³ que se articula na força psicofísica e espiritual. Ou seja, é a peculiaridade de cada ser vivente que se manifesta na sua estrutura da pessoa humana. Nessa perspectiva, é a individualidade do ser humano que estabelece os limites entre o ser animal e o ser humano. Assevera nossa autora que “a alma faz do corpo humano um organismo. Quando nele não há mais a vida, ele é somente uma coisa material como as outras” (STEIN, 2003, p.602 Tomo 4)¹⁴⁴. Ainda, “aquilo que nós chamamos “corpo vivente” (*Leib*) não é simplesmente um corpo material (*Körper*), mas é um corpo compenetrado pela alma (*Seele*)” (STEIN, 2003, p.619 Tomo 4)¹⁴⁵.

Deste modo, compreender o conceito de pessoa humana em Edith Stein é saber que nós somos possuidores uma alma e, isto significa “possuir um centro interior” para onde converge sensivelmente todas as nossas vivências e de onde partem as ações do corpo vivente. Há nesse núcleo da alma, podemos dizer, um espaço de troca de vivências externas para reações internas e também externas. É no corpo vivente (*Leib*) que se dá a manifestação da interioridade, nele, o ser humano manifesta seu caráter, seu modo de ser, quem ele é e pode ser. Ou seja, o corpo vivente é expressão da interioridade.

Enfim, compreendemos que a alma, o seu mais íntimo (*Kern*) possui um lugar central e dominante na unidade da natureza humana. Ela confere a tudo nas relações do ser humano com aquilo que o cerca o caráter da personalidade e da

¹⁴² En todo lo que el hombre experimenta se percibe también a sí mismo. La experiencia que tiene de sí mismo es por completo distinta de la que tiene de todo lo demás. La percepción externa del propio cuerpo no es el puente hacia la experiencia del propio yo. El cuerpo también se percibe por fuera, pero esta no es la experiencia fundamental, y se funde con la percepción desde dentro, con la que noto la corporalidad ya mí en ella. Mediante esa percepción soy consciente de mí mismo, no meramente de la corporalidad, sino de todo el yo corporal-anímico-espiritual. La existencia del hombre está abierta hacia dentro, es una existencia abierta para sí misma, pero precisamente por eso está también abierta hacia fuera y es una existencia abierta que puede recibir en sí un mundo (STEIN, 2003, p.594, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

¹⁴³ Stein introduz o conceito de força vital, como princípio de animação e de formação do organismo, e aquilo que diferencia os organismos das outras coisas materiais (coisas mortas).

¹⁴⁴ El "alma", hace del cuerpo humano un organismo. Cuando en él ya no hay vida, sólo es una cosa material como otras muchas (STEIN, 2003, p.602, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

¹⁴⁵ Lo que denominamos "cuerpo vivo" no es un cuerpo material cualquiera, sino un cuerpo animado (STEIN, 2003, p.619, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

autêntica individualidade e atravessa assim todos os níveis da vida. O que nos remete a pensar que todas as nossas vivências são uma dupla experiência humana: uma interna (recepção) e uma externa (reação), mas que ambas convergem na unidade de uma única experiência originária da empatia, que afirma o ser humano como unidade psicofísica.

4.2 UMA ANTROPOLOGIA TEOLÓGICO-PEDAGÓGICA

Para se chegar a um conhecimento fundante a respeito do ser humano, faz-se necessária uma investigação existencial. E para Stein, segundo Garcia Turolo, o ser humano “se explica a partir do ser, do espírito, pela constante referência a Deus, também pela correlação singular de seus elementos, na mútua relação de alma e corpo” (1988, p.57), aspectos que definem a formação e a constituição do ser humano.

No pensamento steiniano é interessante compreender a corporeidade no processo educativo, pois para se entender o verdadeiro sentido da corporeidade é necessário ter em vista a interioridade para a qual deve voltar-se toda e qualquer ação educativa. A pessoa humana tem capacidades que, se adequadamente estimuladas, transformam-se em habilidades.

No seu desenvolvimento ela precisa de um guia que seja capaz de acompanhá-lo, e que oriente para uma autêntica realização de sua vida. E, “ao ser humano pertence à individualidade e não se compreende sem ela. Princípio que vai além da descrição da mesma, pois, se coloca como uma afirmação sobre “ser humano como tal”” (STEIN, 2003, p.585, Tomo 4)¹⁴⁶. O ser humano autêntico na perspectiva steiniana é aquele que permite ser formado a partir do arquétipo divino.

A interioridade, precisa ser formada, e para ser autência passa pela experiência que deve transcender sua realidade. Assim foi com Edith Stein, em em determinado momento de sua vida, plenificou o significado de seu pensamento ao vivenciar a fé cristã, e assim, aprimorou sua compreensão de formação humana e forneceu maior sentido a concepção de *bildung*.

¹⁴⁶ En efecto, la individualidad es consustancial al hombre, y no se habrá comprendido a este último hasta que no se haya captado la primera. Este principio va más allá de lo que una descripción de la individualidad humana puede decir. Quiere ser una afirmación sobre "el hombre como tal" (STEIN, 2003, p.585, Tomo 4 - A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

Para Edith Stein, *Bildung* é um conceito que se refere tanto à parte material quanto à parte espiritual do ser humano. Utiliza-se no seu discurso educativo substantivos de verbos que possuem algo em comum com "*Bildung*": "*bilden*", "*Bild*" (imagem), "*Gebilde*" (forma, produto), "*Abbild*" (reprodução), "*Urbild*" (modelo), "*bildsam*" (plasmável), "*Bildner/in*" (artífice da formação), "*ausbilden*" (treinamento). Com estes conceitos entendemos, por um lado, a ação de formar e o processo de ser formado e, por outro, o resultado de tal atividade, isto é, o caráter que o objeto formado confere ao objeto em formação (PERETTI, 2010, p.204).

Nessa perspectiva, constata-se que a ciência da educação atualmente não constitui um fundamento suficiente para a atividade educativa prática, essa necessita do complemento da fé (STEIN, 2003, p.744, Tomo 4)¹⁴⁷. A esse propósito Stein enuncia que para clarear a compreensão do conceito de empatia, se faz necessário compreender a unidade psicofísica. Isso se dá por meio da compreensão daquilo que vem a ser o corpo vivo, pois, a corporeidade se constitui como o “ponto zero de orientação”, linha de demarcação que separa o mundo interior do mundo exterior. Tendo em vista, que a pessoa humana não é um ser desprovido de valores, mas é um ser que possui seu valor, e é sujeito de vida espiritual (PERETTI, 2010, p.18).

O vestuário do ser humano, o seu jeito de falar e de se mover etc., revelam, muitas vezes à primeira vista, o seu estado social a sua profissão, em breve: a sua *posição social*. Em alguns casos isso aparece claro sem precisar que nós refletimos sobre isso e sem querer, dá uma direção ao nosso comportamento. [...] Vemos porém o ser humano não somente como *ser humano*, não somente por aquilo que tem em comum com os outros seres humanos e não somente pela posição que ocupa na ordem social; [...] muitas vezes já no primeiro encontro, nos manifesta também aquilo que é um ser humano como pessoa individual e como ele é, a sua particular natureza, o seu caráter. Nos manifesta tudo isso com os traços do seu rosto, com o seu olhar e as expressões do rosto, com o timbre da sua voz, com muitas coisas das quais não somos conscientes. Enquanto nos manifesta, tudo isso nos toca interiormente, nos repugna ou nos atrai (STEIN, 2003, p.593, Tomo 4)¹⁴⁸.

¹⁴⁷ la ciencia pedagógica en su estadio actual de desarrollo no constituye una base suficiente para la labor educativa práctica, sino que necesita del complemento proporcionado por la fe (STEIN, 2003, p.744, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

¹⁴⁸ La vestimenta del hombre, su manera de hablar y de moverse, etc. nos dejan ver, con frecuencia en la primera mirada, a qué estamento social pertenece, cuál es su profesión, o dicho brevemente, su posición social. En muchos casos percibimos todo esto con claridad sin necesidad de reflexión alguna, y regimos nuestra conducta en atención a ello involuntariamente. [...] Ahora bien, vemos al hombre no solamente como hombre, no solamente con lo que tiene en común con otros hombres, y tampoco solamente en el lugar que ocupa en el orden social; [...] ya en el primer encuentro nos sale al paso frecuentemente lo que él mismo es como persona individual, cómo es él, cuál es su naturaleza y su carácter. Nos sale al paso en los rasgos de su rostro, en su mirada y en sus gestos, en el timbre de su voz, en muchas cosas de las que no somos en absoluto conscientes. Y al salirnos al paso nos afecta interiormente, nos repele o nos atrae (STEIN, 2003, p.593, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

Assim, nossa autora adota a antropologia como base para aprofundar sua compreensão sobre “*o que é o ser humano?*”, mas não uma antropologia natural, pois segundo Stein (2003, p.581, Tomo 4) “nos é permitido detectar o fracasso da antropologia das ciências naturais como fundamento da pedagogia, ou seja, sua incapacidade de compreender o ser humano por completo”¹⁴⁹. Por isso ela se pergunta:

[...] devemos agora colocar a seguinte questão: existe uma antropologia que atenda a esses requisitos? Desde o início: existe uma antropologia que nos ajude a entender a individualidade? E como questão prévia a esta: existem ciências que tenham como objeto o indivíduo em sua individualidade? (STEIN, 2003, p.581, Tomo 4)¹⁵⁰.

E nos responde a seguir:

Assim chegamos a uma antropologia que, ao contrário da história e das ciências relacionadas, é uma ciência humanista dotada de universalidade, uma ciência do homem como pessoa espiritual. Esta antropologia é parte de uma ciência humanista abrangente que estuda a estrutura de todas as realidades espirituais, como comunidade, estado, língua, direito, etc. *Esta* antropologia possui um caráter essencialmente diferente daquele da antropologia natural de onde somos partidos. Não se pode simplesmente colocá-las uma ao lado da outra, mas precisa procurar esclarecer qual é a relação ente elas. [...] Conseguimos corrigir essa falta recorrendo à antropologia baseada nas ciências humanistas, que por sua vez é extremamente importante para a pedagogia (STEIN, 2003, p.585-586)¹⁵¹.

Mas ainda é indispensável, com relação à antropologia adotada por Stein, analisar também, a relação do indivíduo com as realidades às quais pertence, principalmente: a comunidade – local das vivências empáticas. Para isso, é

¹⁴⁹ [...] nos han permitido detectar el fracaso de la antropología de la ciencia natural como fundamento de la pedagogía, a saber, su incapacidad tanto para comprender al hombre concreto [...] (STEIN, 2003, p.581, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

¹⁵⁰ [...] debemos planteamos ahora la siguiente pregunta: ¿existe una antropología que cumpla esos requisitos? De entrada: ¿hay una antropología que pueda ayudarnos a comprender la individualidad? Y como pregunta previa a ésta: ¿existen ciencias que tengan por objeto al individuo en su individualidad? (STEIN, 2003, p.581, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

¹⁵¹ De esta manera llegamos a una antropología que, a diferencia de la historia y de las ciencias a ella afines, es una ciencia humanística dotada de universalidad, una ciencia del hombre como persona espiritual. Esta antropología forma parte a su vez de una ciencia humanística omniabarcante que estudia la estructura de todas las realidades espirituales, como son la comunidad, el Estado, el Lenguaje, el Derecho, etc. *Esta* antropología es de otra índole que la científiconatural de la que partimos. No podemos conformarnos con ponerlas simplemente una al lado de la otra, sino que debemos tratar de aclarar qué relación guardan entre sí [...]. Hemos podido subsanar esa falta recurriendo a la antropología que se apoya en las ciencias humanísticas, que es a su vez de suma relevancia para la pedagogía. (STEIN, 2003, p.585-586, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

necessário estabelecer uma diferença entre a visão da antropologia cristã e da antropologia humanística:

Assim, a antropologia que pedimos como fundamento da pedagogia será uma antropologia filosófica que estude, [...] a estrutura do homem e sua inserção nas distintas modalidades e territórios de ser a que ele pertence. [...] A teoria geral do ser não deve ser limitada ao ser criado, mas deve estudar a diferença e a relação entre o ser criado e o não criado. Portanto, uma antropologia que não levasse em conta a relação do homem com Deus não seria completa, nem poderia servir de base para a pedagogia. Se a pedagogia está interessada em abranger todo o homem, não renunciará a qualquer fonte da qual possa obter informação sobre ele, e [...] certamente não deixará de levar em conta a Verdade Revelada (STEIN, 2003, p.587-588, Tomo 4)¹⁵².

A respeito disso, o conceito de antropologia será utilizado na acepção filosófica por Edith Stein no sentido de que é possível fazer uma descrição essencial do ser humano, sem basear-se somente em análises cientificamente descritivas (PERETTI, 2009, p.87). É dever da antropologia pesquisar a respeito da humanidade: como ela se manifesta na realidade da vida e a estrutura constitutiva do ser humano a partir de um viés teológico-metafísico:

A antropologia filosófica, portanto, precisa do complemento da antropologia teológica. A construção da metafísica cristã, que projeta uma imagem global do mundo real, é composta de filosofia e teologia. [...] Portanto, na antropologia, todas as questões metafísicas, filosóficas e teológicas se juntam e, a partir delas, surgem caminhos em todas as direções. [...] Por mais que filosofia e teologia colaborem para elevar a construção da metafísica, o modo de proceder em cada uma delas é essencialmente diferente [...] até que elas atinjam um ponto de encontro e cada uma peça de si o complemento que a outra pode fornecer (STEIN, 2003, p.588, Tomo 4)¹⁵³.

¹⁵² De esta manera, la antropología que solicitamos como fundamento de la pedagogía habrá de ser una antropología filosófica que estudie, [...] la estructura del hombre y su inserción en las distintas modalidades y territorios del ser a los que pertenece. [...] La teoría general del ser no debe limitarse al ser creado, sino que debe estudiar la diferencia y la relación existentes entre el ser creado y el increado. Por ello, una antropología que no tuviese en cuenta la relación del hombre con Dios no sería completa, ni podría servir de base para la pedagogía. Si a la pedagogía le interesa abarcar al hombre entero, no renunciará a fuente alguna de la que pueda obtener información sobre él, y [...] no dejará de tener ciertamente en cuenta la verdad revelada (STEIN, 2003, p.587-588, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

¹⁵³ La antropología filosófica, así pues, necesita el complemento de la antropología teológica. De filosofía y teología se compone el edificio de la metafísica cristiana, quediseña una imagen global del mundo real. [...] Por ello, en la antropología confluyen todas las cuestiones metafísicas, filosóficas y teológicas, y también desde ella parten caminos en todas direcciones. [...] Por mucho que la filosofía y la teología colaboren para levantar el edificio de la metafísica, el modo de proceder de cada una de ellas es esencialmente distinto [...] hasta llegar al punto en que éstos se encuentren y cada una solicite desde sí misma el complemento que la otra puede proporcionarle (STEIN, 2003, p.588, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

E por fim, assevera que:

A antropologia cristã compartilha com o humanismo idealístico a convicção da bondade da natureza humana, da liberdade do homem, da sua vocação à perfeição, da sua responsabilidade ao interno da totalidade unitária do gênero humano. Todavia, em tudo isso ela apoia sobre um diferente fundamento. O homem é bom porque foi criado por Deus, criado a Sua imagem, e isso em um sentido que o distingue de todas as outras criaturas terrenas. No seu espírito imprime a imagem da Trindade. Agostinho com grandíssima agudez elaborou diferentes possibilidades de colher a imagem de Deus no espírito humano (STEIN, 2003, p.569, Tomo 4)¹⁵⁴.

Para Stein a antropologia filosófica necessita, por sua vez, da integração com uma antropologia teológica. É da integração da filosofia com a teologia que se eleva o edifício da metafísica cristã, que delineia uma imagem global do mundo real (PERETTI, 2009, p.93). Ideia que faz o ser humano ocupar uma posição de centralidade no “cosmo”. Do mesmo modo, o ser humano é compreendido como um microcosmo¹⁵⁵ “onde se unem todos os diferentes níveis: ele é uma coisa material, um ser vivo, um ser animado e uma pessoa espiritual” (STEIN, 2003, p.592-593, Tomo 4)¹⁵⁶. O que nos remete a necessidade de avançar em nossas análises do ser humano a partir de uma perspectiva de pedagógica e considerando o ser humano na sua totalidade, assim como assevera Edith Stein:

Por isso quero terminar expondo a ideia de homem que corresponde à uma *metafísica cristã* e desenvolver as suas consequências pedagógicas. [...]

¹⁵⁴ La antropología cristiana comparte con la desarrollada por el humanismo idealista la convicción de la bondad de la naturaleza humana, de la libertad del hombre, de su llamada a la perfección y de la responsabilidad que le incumbe dentro del todo unitario del género humano. Pero da a todo ello un fundamento diferente. El hombre es bueno por haber sido creado por Dios a su imagen y semejanza, en un sentido que le distingue de todas las demás criaturas terrenas. En su espíritu lleva grabada la imagen de la Trinidad. S. Agustín 12 ha estudiado con máximo rigor las diferentes posibilidades de concebir la imagen de Dios inscrita en el espíritu humano (STEIN, 2003, p.569, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

¹⁵⁵ O termo “microcosmo” é usado por Edith Stein no texto “*La Struttura della Persona umana*”, para indicar o ponto de chegada de sua pesquisa. Aborda o conceito de “individuação do ser humano como organismo vivo” (Capítulo III, II, p. 76-77); pertencente ao mundo vegetal (Capítulo III, II, 5, p. 81-83) e ao mundo animal (Capítulo IV), possuidor de uma específica estrutura pessoal. Análise do mundo natural é descrita nas suas estruturas essenciais segundo o método fenomenológico e concorda com as indicações de Tomás de Aquino dos graus do cosmo, e estes, conectados assim como são dão uma justificativa última de tipo metafísico que a fenomenologia clássica não havia considerado. As estruturas e as hierarquias das formas naturais, hierarquias conexas com o tema da criação admitida por Husserl, mesmo que não utilizada diretamente para reconhecer os graus do ser. Temos nesta obra uma primeira ideia dos níveis que constituem o reino dos seres vivos e o ser humano como microcosmo, estão sintetizados numa unidade todos os níveis: vivo-animado-espiritual. (ALES BELLO *in* STEIN, 2000, p. 17 *apud*. PERETTI, 2009, P.93).

¹⁵⁶ [...] y vemos al hombre como un microcosmos en el que se unen todos esos estadios: es cosa material, ser vivo, ser animado, persona espiritual (STEIN, 2003, p.592-593, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

seria incompleta e inadequada uma pedagogia que não tenha como fundamento uma antropologia que considere a relação do ser humano com Deus. Se para a pedagogia interessa compreender o ser humano na sua totalidade, então ela não renunciará a nenhuma fonte que pode fornecer esclarecimentos sobre o ser humano [...] (STEIN, 2003, p.568, 588, Tomo 4)¹⁵⁷.

Rus analisando a obra de Edith Stein enfatiza que considerar a pessoa humana isolada é fazer abstração. Pois a existência do ser humano é a existência no mundo e, a sua vida é vida em comunidade. Assim, recordemos da importância da corporeidade para começar paulatinamente o desenvolvimento da ação educativa, ou seja, de uma pedagogia da empatia. Que é, acima de tudo, não esquecer que esse gesto procede da interioridade mais profunda da pessoa: seu “núcleo interior” ou “alma da alma” (*Kern*). E essa interioridade deve, precisamente, unir-se de maneira progressiva à exterioridade do mundo no qual cada ser humano se descobre inicialmente mergulhado e onde a sua corporeidade o insere (RUS, 2015, p.57).

A esse ponto Edith Stein leva-nos a pensar no processo de autoformação da pessoa humana, e considera a:

existência do ser humano um processo evolutivo. Começa no nível do embrião no momento em que a vida se desperta no óvulo fecundado e se coloca num crescimento e estruturação progressiva. Crescimento e estruturação progressiva pressupõe o absorvimento, do corpo da mãe, de substâncias nutritivas que são elaboradas interiormente pelo organismo em evolução. Este organismo, enquanto organismo que cresce e se estrutura, não é mais uma coisa puramente material. Possui uma alma? [...]. Ela confere ao indivíduo uma determinada configuração sensível e a força para fazer movimentos e mediante os próprios movimentos, produzir em outros movimentos mudanças do externo, e sofrer ela mesma mudanças provenientes do externo, em relação aos acontecimentos naturais; não somente tudo isso, mas esta “forma” é depois também *força vivente* [...] (STEIN, 2003, p.708, Tomo 4)¹⁵⁸.

¹⁵⁷ Quisiera por ello terminar esbozando la idea del hombre correspondiente a una metafísica cristiana y desarrollando sus consecuencias pedagógicas. [...] una antropología que no tuviese en cuenta la relación del hombre con Dios no sería completa, ni podría servir de base para la pedagogia [...] Si a la pedagogía le interesa abarcar al hombre entero, no renunciará a fuente alguna de la que pueda obtener información sobre él [...] (STEIN, 2003, p.568, 588, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

¹⁵⁸ La existencia del hombre es un proceso de desarrollo. Su fase embrional comienza en el instante en que el óvulo fecundado palpita de algún modo y hace saber de sí en el crecimiento y en la progresiva estructuración en miembros. Ese crecimiento y esa progresiva estructuración están en dependencia de la recepción de sustancias alimenticias procedentes del cuerpo de la madre, si bien éstas son sometidas en el interior del organismo que se está haciendo a un proceso interno de transformación y asimilación. Este organismo que crece y se diversifica en miembros ya no es una mera cosa material. Pero ¿tiene alma? [...]. Da al individuo una determinada figura accesible a nuestros sentidos, así como la fuerza necesaria para realizar movimientos, y a través de sus movimientos producir modificaciones desde fuera en otros seres y sufrir él mismo modificaciones en

Assinalamos a propósito que cada pessoa humana é matéria “formada”, ou seja, possui alma. E, como já vimos anteriormente, a sua imagem exterior (*Leib*) é formada do “interno”. E carrega internamente consigo algo que o faz ser aquilo que é em si, mas, isso acontece em um processo formativo progressivo: na verdade já vimos que o corpo passa através de uma transformação. Essa formação do interno é um peculiar modo de ser, “o modo de ser do vivente”, que chamamos também de “alma” (STEIN, 2003, p.601, Tomo 4)¹⁵⁹. Desde o primeiro momento de nossa existência a “forma” age, logo, não se pode pensar a pessoa existente em si mesma (*Körper*), pois o ser humano é constituído por uma unidade psicofísica.

Segundo Garcia (1988, p.57) é tranquilamente natural que tomemos nosso ponto de partida naquilo que nos é mais próximo: a natureza humana – livre da separação tradicional de corpo e alma. Pois no pensamento steiniano ao tratar da natureza humana, devemos ter sempre em mente a unidade psicofísica, a fim de que pensemos na essência humana enquanto tal, assim, compreendendo que a “concepção de pessoa” é o que melhor define o ser humano no reino das espécies.

Todavia, ela sabe que desenvolver um estudo sobre a pessoa humana é algo que demanda exigência e tempo, pois cada ser humano é único e irrepitível em sua existência e singularidade. Por isso, essa é uma enorme ambição: conceber o ser humano em sua essência a partir do processo de constituição da pessoa pelo núcleo da alma e a empatia.

Neste ponto, é muito importante considerar que não se pode compreender a pessoa de maneira estática ou puramente como uma massa corporal, é preciso entender o dinamismo fecundo que a corporeidade oferece a concepção de pessoa. Sobre isso Kusano (2009, p.59) assevera que “para Edith Stein, uma análise separada das três dimensões humanas – corpo, alma e espírito – é obviamente, fruto da abstração, porque na realidade há um entrelaçamento vital e necessário entre elas”. Deste modo, é necessário analisar a estrutura da pessoa humana de modo unitário, não como a concepção platônica (dualista: corpo e alma) ou tripartido

el marco del acontecer natural. Pero, sobre todo, la fuerza que la forma comunica aquí al individuo es una fuerza viva [...] (STEIN, 2003, p.708, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

¹⁵⁹ Su figura externa está configurada desde dentro. Lleva en sí algo que hace de él lo que es en cada caso, y esto sucede en un proceso de configuración progresivo: ya vimos que el cuerpo atraviesa cambios en su configuración. Este configurarse desde dentro es un peculiar modo de ser, el modo de ser de los seres vivos, le da el nombre de alma (STEIN, 2003, p.708, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

(entender o corpo separado da alma e do espírito, ou a alma separada do corpo e do espírito, ou este separado do corpo e alma); e na mesma unidade constitutiva “*Leib-Seele-Geist*”, saber que no ato de educar, formar (*bildung*) e empatizar também a pessoa compreende a constituição de sua estrutura humana.

Neste ponto de sua investigação, Edith Stein destaca a necessidade de educar a interioridade a fim de uma integração entre as realidades externas e internas, no qual o educando direcione suas capacidades àquela que é a sua verdadeira natureza e a completa realização de sua pessoa. Nessa perspectiva, a verdade e a clareza devem estar na pedagogia do ensino e da educação; e muito mais que o educador é essencial conhecer ser humano na sua estrutura ontológica e individualidade. Portanto, possuir entendimento e uma posição a respeito do ser humano e sobre tudo aquilo que pode ser (*Bildung*), são os meios importantes para uma educação eficaz e uma autoformação (PERETTI, 2010, p.203).

4.2.1 A pedagogia da empatia

O interesse de Edith Stein pela antropologia é fruto de sua percepção sobre a necessidade de uma filosofia da educação com uma linha pedagógica da empatia, sem a qual é impensável uma adequada investigação sobre o ser humano e suas relações. Ao abordar a empatia¹⁶⁰ Edith Stein busca uma resposta ao problema relativo ao “eu” e ao problema do significado do ser em geral. Ela investiga, ao mesmo tempo, a verdadeira essência da empatia e qual seja o momento empático que caracteriza a relação intersubjetiva (PERETTI, 2010, p.202). A relação empática para Stein, personaliza. A lógica da relação está inscrita na pessoa humana, que é fruto de um dom recíproco de si para com o outro. Para Barea,

[...] a vivência da empatia é a constituição da própria singularidade. Ou seja, como descobrimos nossas próprias características pessoais, intrínsecas em nosso ser e inconfundíveis com a personalidade alheia? É exatamente a vivência da empatia que me dá a possibilidade de me perceber como portador de uma singularidade própria. De ser portador de características

¹⁶⁰ A palavra empatia é uma tentativa de tradução para sentir o outro. Outra tradução poderia ser Entropatia ou Intropatia, ambas as traduções são válidas para a língua portuguesa. Em Husserl a “Empatia” (*Einfühlung*) é uma vivência essencial de compreensão entre as pessoas que objetivam o conhecimento. Mas um dos argumentos que sustentamos é de que a empatia para Stein não é apenas um ato de conhecimento, mas sim uma maneira de sentir e viver a vida (BAREA, 2016, p.17, 22). Então, perceber (*Erlebnis*) “é aquilo que nós estamos vivendo nesse momento através de uma sensação, é o registro da sensação, da qual temos consciência” (ALES BELLO, 2004, p. 87, nota 47).

físicas, psíquicas, espirituais, semelhantes a dos outros, mas originariamente peculiar à nossa singularidade (2016, p.18).

O conceito de empatia assume no itinerário investigativo de Stein uma importância particular para a prática pedagógica. Ela coloca em evidência as exigências educativas do tempo, é sempre atenta ao sujeito no seu processo de formação. O que deve mover o ato educativo é o que o sujeito é. Seu ponto de partida é pensar a pessoa humana como um “eu consciente e livre” e, assim compreender que somos responsáveis por nossos atos e capazes de determinar a vida diante de nossas escolhas. A vida do “eu” é considerada no âmbito próprio da liberdade, tanto como “ser individual” quanto como “ser social”, exige que o estudo da mesma seja orientado como complemento também da estrutura essencial da comunidade, da sociedade e do estado (SANCHO, 2003, p.37-38, Tomo 4).

O fato de a pessoa ser realizada humanamente não somente numa estrutura humana, mas também comunitária conduz a reflexão steiniana a pensar na sua dimensão espiritual. Deste modo, a ênfase é dada nas vivências, pois estas permitem uma abertura para uma consciência ética na comunidade (ALES BELLO, 2000, p.168), e isso nos remete aos elementos essenciais para o processo formativo da pessoa. A pedagogia foi tão importante para Stein que ela empenhou grande parte dos seus esforços para esta finalidade.

Munida de forte sentimento de responsabilidade social perante sua comunidade prussiana, membro do movimento feminista, defende decididamente o direito de voto da mulher, lutando pela sua igualdade política. Torna-se membro do grupo pedagógico que tinha como objetivo suprir a carência didática dos cursos de pedagogia, oferecendo, mediante debates e estudos, uma preparação para o trabalho dos futuros professores. As aulas teóricas de pedagogia eram insuficientes, não preparavam para os grandes problemas pedagógicos e para prática escolástica. O grupo pedagógico influenciaria também a reforma da formação dos docentes e a fundação da academia pedagógica (PERETTI, 2009, p.46).

Mas o que Edith Stein entendia por pedagogia? Stein entende por pedagogia ciência da educação, mas como discutia questões teóricas necessárias para aprofundar a questão da educação como pressuposto necessário para a práxis educativa, a denominação mais adequada parece ser aquela de filosofia da educação.

A reflexão filosófica sobre a educação conduz, efetivamente a uma pergunta fundamental: Quem é o ser humano enquanto sujeito e objeto da educação? Para responder a esta pergunta é necessário fazer apelo a uma antropologia filosófica, que de fato aparece como argumento dominante de suas aulas, e a antropologia proposta pela autora é extremamente original, baseada na dupla matriz de sua formação filosófica, representada, de um lado, pela análise fenomenológica conduzida até aquele momento por ela e, de outro, pelos estudos da filosofia medieval iniciados há pouco tempo; na verdade neste texto a figura dominante é, como veremos, aquela de Tomás com suas *Quaestiones de Veritate*¹⁶¹ que Edith Stein havia iniciado sua tradução em 1928 (STEIN, 2013, p. XI, tradução PERETTI, 2018).

Nesse sentido, vemos que a metafísica e a antropologia de Tomás de Aquino dão sustentação ao projeto pedagógico de Stein, por outro lado, é evidente a influencia da fenomenologia de Husserl, a de Scheler e Conrad-Martius em particular. A obra de Stein insere-se no contexto de fundação da moderna antropologia fenomenológico-filosófica enquanto disciplina que busca a verdade do ser humano, mas se particulariza por ter na questão da essência da alma humana um dos núcleos de sua análise.

Emergem aqui as capacidades didático-pedagógicas, orientadas para a empatia como experiência originária de encontro, como possibilidade de comunicação e de relação intersubjetiva e, como proposta para a constituição da pessoa humana. Na base da pedagogia steiniana está a ideia metafísica de ser humano, enfatiza a necessidade de uma ação educativa fundamentada numa concepção de ser humano criado à imagem e semelhança de Deus (PERETTI, 2009, p.111).

Nessa perspectiva, a pedagogia da empatia cumpre a missão da formação do ser humano, desde sua interioridade até as relações que o cercam. Porém, cada ser humano é livre enquanto pessoa espiritual. Pode querer e mediante a própria interioridade determinar seus próprios atos e guiar as próprias forças ou vias de sua autoformação – não que a pessoa por si só chegue a uma plena formação.

Alcançar esse núcleo significa reconhecer a própria identidade, o que nos possibilita um contínuo recomeçar e partir do que verdadeiramente somos. Esse contínuo movimento de retomada faz com que perseveremos o nosso modo particular de ser, impedindo que sejamos meramente condicionados pelo ambiente em que estamos inseridos. Não somos apenas um produto social; não nos submetemos inteiramente a manipulações externas. Segundo Edith Stein, o ser humano tem uma liberdade garantida

¹⁶¹ THOMAS VON AQUIN, Untersuchungen über die Wahrheit (*Quaestiones disputatae de veritate*) in deutscher Übertragung von Edith Stein mit einem Geleitwort von Martin Grabmann, Breslau 1931; agora in Edith Stein Gesamtausgabe (ESGA) voll. 23 e 24).

ontologicamente que merece ser reconhecida. A pessoa humana tem a possibilidade de crescer quando explora seu verdadeiro potencial e toma plena consciência de si mesma, chegando ao núcleo de sua personalidade (ALFIERI, 2014, p.15).

É evidente na pedagogia steiniana que “desde o início, visava a formação integral do ser humano, a educação como um processo criativo que se enraíza na interioridade” (RUS, 2015, p.47). Daqui se origina a definição de educação steiniana, em síntese, como uma “arte suprema cujo material não é nem a madeira nem a pedra, mas a alma humana” (RUS, 2015, p.47). Nesta perspectiva, “a atividade formadora para ela representa uma verdadeira ação divina no mundo que, a princípio, pressupõe um conhecimento do que está sendo formado e o sentido último que possui na vida” (KUSANO, 2014, p.137).

Podemos dizer, então, que a pedagogia steiniana é uma pedagogia cristã, não somente em virtude do seu embasamento ontológico, mas porque está orientada para a formação da alma. A formação só tem sentido quando unida a vontade divina e deseja a plenitude da vida. Nesse sentido, afirma nossa Stein que “o *telos*¹⁶² ao qual tende o desenvolvimento do indivíduo é, [...] a forma mais perfeita possível da espécie [...]. Pois parece não existir uma individualidade que tenha significado enquanto tal” (STEIN, 2003, p.612, Tomo 4)¹⁶³.

Na base da concepção de pedagogia steiniana, está a grande exigência de conduzir os seres humanos a perfeição proposta por Deus. Edith Stein está convencida de que a fé e a ciência não se eliminam, em nível intelectual uma pode suspender a outra, e isso lhe parece legítimo. Todavia, quem, como Edith Stein, não se contentou, mas buscou os fundamentos, a essência do ser, necessariamente deve ultrapassar a suspensão – ou melhor – deve recompor a união do ato intelectual com a fé. Essa tarefa exige que se distinga entre o que é conhecimento intelectual e o que, ao invés, é dom, é graça. Deste modo,

¹⁶² Τελος [telos] (substantivo neutro, de origem grego), significa: Fim. Terminação, Consumação, Conclusão. Meta, Alvo, Finalidade, Propósito, Objetivo. E dá origem a ciência conhecida como teleologia que é o estudo dos fins. Não obstante, esse estudo pode ser entendido como os objetivos que as pessoas colocam em suas ações; já em na perspectiva filosófica, a teleologia refere-se ao estudo das finalidades do universo. E para os pensadores e religiosos medievais interpretaram o viés teológico como o destino da humanidade – que deve reconhecer esta vontade divina – e do universo que esta nas mãos de Deus. A visão teológica cristã de mundo mostrou-se bastante compatível com a interpretação teleológica medieval, em que o mundo através dos tempos chegará a perfeição, pois pelas leis divinas, o ideal de perfeição é arquitetado por Deus, que é a Perfeição por excelência (BAUER, 2004, p.323-327).

¹⁶³ El telos al que apunta el desarrollo del individuo es, al igual que en la planta, la expresión más perfecta posible de la especie [...]. No parece, pues, que haya una individualidad relevante como tal (STEIN, 2003, p.612, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

Educar significa conduzir outras pessoas a tornar-se aquilo que devem ser. Não pode se fazer isso sem saber o que é o ser humano e como ele é, onde deve ser conduzido e quais são os caminhos possíveis. Por isso aquilo que a nossa fé diz sobre o homem constitui o fundamento teórico irrenunciável para a atividade pedagógica prática, se achamos que tarefa da educação seja conduzir os homens para àquilo que a nossa fé indica como fim para o ser humano (STEIN, 2003, p.612, Tomo 4)¹⁶⁴.

A formação da interioridade humana exige, portanto, que “o ato pedagógico, que quer levar em consideração a formação da pessoa, vai além do ensino teórico e prático de certos conteúdos, implica a formação global do ser humano que envolve suas disposições corporais, emocionais e espirituais” (SBERGA; MASSIMI, 2013, p.170). Porém, cada obra educativa, que tende a “formar” seres humanos, precisa ser norteadada por algum conceito do ser humano, que remete sua posição no mundo, suas tarefas cotidianas, e as possibilidades práticas em “formá-lo”.

A “formação” do ser humano na ciência da educação é ligada a uma imagem geral do mundo, ou seja, a uma metafísica onde a ideia de ser humano é aquela que parte do “*Leib*” e está conectada com esse mesmo mundo. É neste momento que entra a importante presença do educador no processo formativo do educando. O papel dos educadores é “ajudar o educando a descobrir e atualizar suas potencialidades, a manifestar autenticamente a sua singularidade” (SBERGA, 2014, p.189). Assim, todo trabalho educativo requer que se ofereça:

[...] em tempo e lugar adequado os meios necessários para incentivar o formando à atividade, preveni-la, prepará-la, sem violar a liberdade. O educador humano precisa esforçar-se, ter métodos, técnicas, recursos vários, pois sua missão é despertar no outro, o desejo de aperfeiçoamento (GARCIA, 1988, p.70).

É provável que se desempenhe uma obra educativa sem ter nenhuma metafísica. Contudo, na base do seu agir há sempre um conceito de mundo e de homem. É, possível, ainda, a partir do seu agir, chegar à aquela ideia que

¹⁶⁴ Educar quiere decir llevar otras personas a que lleguen a ser lo que deben ser. Pero no será posible educar sin saber antes qué es el hombre y cómo es, hacia dónde se le debe conducir y cuáles son los posibles caminos para ello. De esta manera, lo que nuestra fe dice sobre el hombre es un fundamento teórico indispensable para la labor educativa práctica, si es que consideramos que el objetivo de la educación es conducir a los hombres hacia allí donde nuestra fe sitúa el objetivo del hombre (STEIN, 2003, p.612, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

objetivamente corresponde a ele: aperfeiçoar a pessoa (STEIN, 2003, p.562, Tomo 4)¹⁶⁵.

O homem, na visão unanime de Lessing, Herder, Schiller e Goethe (apesar de todas as diferenças que se encontram neles) é *livre*, é chamado à *perfeição* (que eles chamam “humanidade”), é um *membro na corrente do inteiro gênero humano*, que se aproxima progressivamente ao ideal da perfeição; cada ser humano é *único (singular)* e cada *povo* recebeu, graças a sua especificidade, uma particular tarefa para desempenhar no processo de desenvolvimento da humanidade (STEIN, 2003, p.563, Tomo 4)¹⁶⁶.

O núcleo problemático da formação consiste na formação do educador. Para formar pessoas autênticas “não é suficiente a transmissão de conteúdos verbais, mas o próprio educador deve ser autêntico” (SBERGA, 2014, p.189). Para tal feito, “o profissional da educação [...] precisa antes de tudo ter uma sólida formação antropológica e filosófica para saber entender de gente” (SBERGA, 2014, p.215). Como também uma profunda espiritualidade, sendo que em síntese, “só uma pessoa verdadeiramente formada pode formar” (SBERGA, 2014, p.215). Assim, “todo ato pedagógico que não tem por princípio a formação integral da pessoa leva à despersonalização” (SBERGA; MASSIMI, 2013, p.171).

A autoformação vai além da vontade de querer ultrapassar a própria natureza e/ou os próprios limites. Essa implica uma atitude de abertura e fidelidade ao que se dá na consciência. De tal modo, a pedagogia steiniana se define como um saber teológico, mas delimitado segundo uma específica perspectiva: aquela da fé como experiência viva, evidência de um encontro, confirmada e, ao mesmo tempo, alimentada pela Revelação.

¹⁶⁵ Toda labor educativa que trate de formar hombres va acompañada de una determinada concepción del hombre, de cuáles son su posición en el mundo y su misión en la vida, y de qué posibilidades prácticas se ofrecen de tratar y formar al hombre. La teoría de la formación de hombres que denominamos pedagogía es parte orgánica de una imagen global del mundo, es decir, de una metafísica. La idea del hombre es la parte de esa imagen global a la que la pedagogía se encuentra vinculada de modo más inmediato. Pero es perfectamente posible que alguien se entregue a una labor educativa sin disponer de una metafísica elaborada sistemáticamente y de una idea del hombre amplia y desarrollada. Ahora bien, alguna concepción del mundo y del hombre ha de subyacer a su actuación, y de ésta se podrá deducir a qué idea responde (STEIN, 2003, p.562, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

¹⁶⁶ El hombre, tal y como concuerdan en verlo Lessing", Herder", Schiller" y Goethe 7 (a pesar de todas las diferencias que se pueden señalar entre ellos), es libre, está llamado a la perfección (a la que denominan "humanidad") y es un miembro de la cadena formada por todo el género humano, que se acerca progresivamente al ideal de la perfección. Cada individuo y cada pueblo tienen, en razón de su peculiar modo de ser, [7] una misión especial en la evolución del género humano (STEIN, 2003, p.563, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

Edith Stein considera que a educação como formação a partir da interioridade não é resultado apenas de forças humanas, mas é fruto da força da graça. Contudo, essa não exclui de modo algum, a possibilidade inerente a liberdade humana, que Deus respeita até o fim (RUS, 2015, p. 93). O ser humano é agraciado com o poder e o direito de experimentar, confiando na graça de Deus que é uma fonte de força inesgotável, que tal realidade será superada.

[...] o ser humano pode e deve “formar” si mesmo. Entendemos o termo “ele” no sentido da espiritualidade pessoal. Á ela pertence necessariamente, o “poder” como liberdade. Do poder nasce a possibilidade do “dever”. O eu livre que pode decidir de fazer ou de deixar algo, de fazer isto ou aquilo, se sente chamado no mais íntimo a fazer isto e a deixar aquilo. Podendo pegar quanto é exigido por ele e podendo consenti-lo, ele é capaz de pôr-se de *motivos* e de realizá-los agindo. *Poder e dever querer e agir* são intimamente conectados (STEIN, 2003, p. 649-650, Tomo 4)¹⁶⁷.

Visando a importância da formação para o ideal de humanidade, exige-se do formador uma elevada meta à qual ele deve formar o educando. E a liberdade torna possível e necessário estimular o educando a empenhar-se para alcançar este objetivo. A sua autônoma capacidade de operar e as suas energias individuais precisam ser despertadas e desenvolvidas, para torná-lo capaz de ocupar o lugar que pertence a ele no seu povo e na humanidade de dar a sua contribuição à grande criação do espírito humano, à cultura (STEIN, 2003, p.563-564, Tomo 4)¹⁶⁸.

Assim, o tema da empatia é verificado e aprofundado em vinculação com os problemas educativo-formativos, pois Stein na sua perspectiva pedagógica reflete constantemente sobre a genuína natureza humana em sua atividade educativa. E é sua sensibilidade, empatia e força de ânimo que lhe garantiram a fecundidade do trabalho didático. Stein destaca-se não apenas por uma ação formativa mediada, mas também por uma autoeducação e uma autoformação como veremos a seguir.

¹⁶⁷ [...] el hombre puede y debe formarse a sí mismo. Dábamnos al pronombre "él" el sentido de la espiritualidad personal. A ella se añade necesariamente el "poder" como libertad. Del poder se deriva la posibilidad del deber. El libre yo que se puede decidir a hacer u omitir algo, o a hacer esto o aquello, se siente llamado en su interior a hacer esto y a omitir esto otro. Dado que puede percibir exigencias y darles seguimiento, está en condiciones de ponerse fines y hacerlos realidad con sus actos. Poder y deber, querer y actuar están muy estrechamente relacionados entre sí (STEIN, 2003, p. 649-650, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

¹⁶⁸ El ideal de la humanidad es para el educador una elevada meta, en referencia a la cual tiene que ir formando al educando. La libertad hace posible y necesario apelar al esfuerzo del propio educando para alcanzar esa meta. Su independencia y sus capacidades individuales deben despertarse y desplegarse para que llegue a ocupar el lugar que le corresponde en su pueblo y en la humanidad como un todo. Sólo así podrá efectuar su propia contribución a la gran creación del espíritu humano, a la cultura (STEIN, 2003, p.563-564, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

A base para a compreensão da empatia está na percepção do outro. Característica da percepção é de que o seu objeto se apresenta aqui e agora de forma originária. Também no ato empático o objeto se apresenta com suas características próprias, mas esse não me pertence diretamente e imediatamente. O conteúdo do ato empático é presente ao sujeito, mas não como próprio: se faz presente como uma vivência (experiência) do outro (PERETTI, 2010, p.205).

Assim, a relação empática permite ultrapassar os limites da aparência e colocar em evidência as forças interiores e direcionar emoções e sentimentos a fim de que o sujeito possa encontrar seu espaço pessoal, social e profissional, formando-se um cidadão responsável, produtivo e solidário. Uma verdadeira formação (*Bildung*) deve conduzir à libertação e não à exclusão da formação científica e cultural; deve conduzir a uma "sabedoria de vida" e a uma completa realização do ser humano. [...]. Embora não tenha elaborado uma pedagogia sistemática, busca na filosofia aristotélica de matéria e forma, ato e potência, seus fundamentos. A matéria para a formação do ser humano é tudo aquilo que ainda não é formado, é suscetível de ser formado (PERETTI, 2010, p.203-204).

Enfim, a pedagogia da empatia configura-se como um processo que envolve o corpo, a alma e o espírito com todas as suas potencialidades. A pedagogia é em grande parte espontânea, envolve na sua essência uma forma interior, onde adquirimos a dimensão da temporalidade como uma lógica das vivências internas e externa, que presume no ser humano a inscrição de específicas possibilidades definidas segundo as linhas da individualidade pessoal e das forças interiores capazes de transformar, revelar, acolher e assimilar em sínteses sucessivas aquilo que é necessário para a abertura e o aperfeiçoamento do ser (PERETTI, 2010, p.203). Por isso, a relação empática permite ultrapassar os limites da própria imagem e colocar em evidência as forças interiores e direcionar emoções e sentimentos a fim de que o sujeito possa encontrar seu espaço pessoal, social e profissional, formando-se um cidadão responsável, produtivo e solidário.

Aprofundar o pensamento steiniano é uma tarefa por demais exigente. Essa nos instiga a compreender como sua antropologia, filosofia, teologia e pedagogia podem proporcionar uma nova visão educativa para a formação do 'eu', ou seja, do ser humano em si. Para Stein "o homem se explica a partir do Ser, do espírito, pela constante referência a Deus, também pela correlação singular de seus elementos, na mútua relação de alma e corpo" (GARCIA, 1988, p.57). Pois a fé é necessária

para a compreensão e aceitação da composição da estrutura da pessoa humana. Ao falar da formação feminina no fundamento de sua reflexão pedagógica Stein, insere três ideias centrais que motivam sua atividade de educadora, de docente e direcionam seus interesses pedagógico. Tais ideias são:

a necessidade de uma educação harmoniosa; a fundamentação religiosa da ação educadora e o caráter especial da formação feminina, segundo uma concepção de existência que mira a pessoa humana na sua totalidade e na sua integridade (PERETTI, 2010, p. 203).

A pessoa humana, observada como um todo, se apresenta como uma unidade psicofísica formada por um núcleo central (*Kern*). Para Stein, segundo Sberga (2014, p.103), “o núcleo da pessoa é o que ela é em si mesma e por meio do qual ela é semelhante ao ser divino”. Edith Stein ao identificar um núcleo central (*Kern*) da identidade pessoal, compreende que a vida é orientada a partir de dentro e do alto, entre interioridade e transcendência.

A pessoa implica em espiritualidade. O homem enquanto pessoa é um ser espiritual, cujo o espírito tem algo particular: uma interioridade, um centro, a partir do qual se possui plenamente, está em si mesmo e, por ele é capaz de sair de si mesmo. O entrar e o sair de si mesmo são dois movimentos essenciais da pessoa. O ser pessoal leva consigo, nessa interioridade, o dom de possuir-se a si mesmo e o poder de conhecer-se. Tem entendimento, é liberdade. A pessoa, tendo consciência de si mesma, tem também a capacidade de dirigir seu processo com o domínio dos atos, que sucedem na temporalidade (GARCIA, 1988, p.58).

É a realidade espiritual que determina o que há entre o humano e os outros seres vivos de diferente. Deste modo, a pessoa é um ser espiritual e isso lhe exige espiritualidade, que a leva a interioridade. Sendo a alma um dos pontos centrais para o desenvolvimento do pensamento steiniano, é possível compreender, que “a formação é um processo ligado à vida espiritual” (SBERGA, 2014, p. 211). A formação do ser humano “está sujeita à obra da providência divina” (SBERGA, 2014, p.206). Mas para que Stein chegasse a essa concepção observamos que a experiência de fé vivenciada em sua história não pode ser deixada de lado.

É importante salientar que a pessoa vive ao longo de toda sua existência um processo formativo e tal processo, de acordo com Edith Stein está ligado ao conceito ser humano (SBERGA, 2014, p.86). A pessoa é formada por um corpo, uma alma e um espírito. Logo, o ser humano não é apenas um corpo material, mas é ao mesmo

tempo um corpo animado, vivo (*Leib*), uma alma (*Seele*) e um espírito (*Geist*), que lhe possibilita julgar e tomar decisões, tendo uma vida empática.

Enfim, “a visão educativa de Edith Stein fundamenta-se sobre uma ontologia da pessoa que concebe o ser humano como uma unidade tripartite de corpo, alma e espírito” (RUS, 2015, p.54). É importante ter claro que “a finalidade da educação é o desenvolvimento da pessoa na sua totalidade” (SBERGA, 2014, p.181). É compreender que a empatia é um elemento para constituição da pessoa no “*Kern*” para Deus.

4.2.2 A empatia como elemento privilegiado da constituição da pessoa humana

Para Edith Stein viver a empatia é aprender a descrever as coisas, é chegar ao coração da essência das vivências. É avançar e promover um diálogo ousado e maduro com o outro, uma soma de saberes e concepções que ampliam a compreensão do humano, do lugar e do sentido do homem no mundo. Emerge assim nas relações empáticas uma nova visão de mundo (MACHADO, 2017, p.102). Pois, “desde seu início com o estudo da empatia, revela seu desejo central: descobrir a verdade que dá sentido e razão à vida do homem” (SANCHO, 2016, p.65, Tomo 1)¹⁶⁹. Logo, a empatia fomenta o autoconhecimento.

O autoconhecimento e o conhecimento de tudo que nos é externo é um processo. Podendo afirmar que ao se iniciar este procedimento cada pessoa tem a missão na busca diária de encontrar e dar significado, como também ressignificar as realidades que a permeiam; como também em cada momento pode-se aprender muito e periodicamente. Tendo em vista que isso nos “auxilia na elaboração efetiva das vivências” (GUIMARÃES; MAHFOUD, 2013, p.198-205).

Pois, desde os primórdios da existência, o ser humano possui a capacidade de dar significado e de ressignificar constantemente todas as coisas ao seu redor, como também a si mesmo. Essa ideia pode ser analisada a partir do segundo relato da Criação do mundo, quando Deus conduz o homem para dar nome a todos os animais: “Iahweh Deus modelou então, do solo, todas as feras selvagens e todas as

¹⁶⁹ Desde sus inicios con el estudio de la empatía deja de manifiesto su deseo central: descubrir la verdad que dé sentido y razón de la vida del hombre (SANCHO, 2016, p.65, Tomo 1 – Introdução geral – tradução nossa).

aves do céu e as conduziu ao homem para ver como ele as chamaria: cada qual deveria levar o nome que o homem lhe desse” (Gn 2,19-20).

Nesse sentido, o ser humano é chamado a colaborar na existência do mundo, e para tal é importante ser bem formado. Edith Stein é clara ao acentuar “a importância da intervenção do educador no processo de aprendizagem, assim como na sua função de colaborar para o desenvolvimento das forças espirituais do educando” (SBERGA, 2014, p.186). Ainda, Stein afirma que “além da diferença de sexos, há o problema das diferenças individuais: não se pode ter um único fim para todos. Cada ser humano é único, irrepetível, chamado a uma missão única” (GARCIA, 1988, p.72). A verdade e a clareza devem estar em função da educação, onde o educador deve conhecer o ser humano (PERETTI, 2010, p.203). A esse propósito é importante considerar que:

[...] o verdadeiro educador é Deus. Só Ele que é o único a conhecer cada ser humano até o mais profundo, que é o único que diante dos olhos tem o objetivo de cada um sem possibilidade de dúvida, e é o único que sabe quais são os meios aptos para conduzi-lo até o fim. Os educadores humanos são somente instrumentos na mão de Deus (STEIN, 2003, p.574, Tomo 4)¹⁷⁰.

O educador humano é apenas um instrumento pelo qual Deus emprega suas ações, pois a verdadeira formação ou educação é dada em Deus. Isso indica que todas as ciências servem como material para que o educador possa conhecer sua própria natureza e a natureza dos seus semelhantes, mas para alcançar a singularidade da individualidade é necessário um contato espiritual vivo (KUSANO, 2014, p.64-65). E estando fechada a dimensão espiritual seria muito mais complicado para a pessoa atingir a profundidade de si mesma e chegar na sua interioridade.

Logo, aqui se acentua a importância do autoconhecimento e da promoção do mesmo. E se a pedagogia não assume a vida espiritual como uma necessidade imprescindível para a compreensão e plenificação do ser humano, vãoos são os esforços. Nessa perspectiva, a educação aparece “como um lugar de uma aliança restaurada entre os esforços do ser humano e a ação da graça divina” (RUS, 2015,

¹⁷⁰ Todo ello nos recuerda que el auténtico educador es Dios. Sólo Él conoce a todo hombre hasta su más profundo interior, sólo Él tiene a la vista con toda nitidez el fin de cada uno y sabe qué medios le conducirán a ese fin. Los educadores humanos no son más que instrumentos en las manos de Dios (STEIN, 2003, p.574, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

p.96). Pois, geralmente, a dimensão espiritual tem uma proposta de sentido de missão para o presente do ser humano, que remete ao passado, ou mesmo compreensão e significação do sentido de sua existência no mundo, como também remete a perspectivas de futuro ou seja, a construção de si mesmo. Vejamos:

Se a pedagogia renuncia a beber das fontes da Revelação, ela se arrisca em perder as coisas mais essenciais que podemos saber em relação ao ser humano, sobre sua finalidade e sobre o caminho que ela lhe conduz, e, portanto, priva a si mesma por princípio da possibilidade de determinar seu objeto (a educação do ser humano) de modo eficiente (STEIN, 2003, p.573, Tomo 4)¹⁷¹.

O educar para a interioridade a partir de uma fé e espiritualidade é proporcionar uma educação que estará sempre encarnada no espaço concreto das relações e na construção de seres humanos cada vez mais próximos da humanidade instaurada por Cristo (RUS, 2015, p.42). Educar em Edith Stein não é formar pessoas conforme as necessidades sociais, econômicas, humanas, mas sim, para aquilo que Deus deseja de cada indivíduo, para que diante das realidades que o circundam possa em sua liberdade e potencialidades transformá-las.

Tendo em vista, que o ser humano sempre busca adquirir conhecimento. E nessa busca observamos que nós, em um movimento originário e natural (curiosidade), diante do conhecimento, também nos permitimos mudar, modelar ou ressignificar a partir daquilo que, no aprendizado, passamos a conhecer. Pois, “o homem vê-se preso ao mundo por mil laços, porque o mundo lhe oferece aquilo que o satisfaz, estimula-o a agir e é o próprio objeto de suas ações” (STEIN, 2011, p.47). Logo, conhecer é libertar-se. Principalmente, quando o conhecimento é ligado a espiritualidade: “conhecereis a Verdade e a Verdade o libertará” (Jo 8,32).

Assim, diante da vida comunitária, Stein compreende que a pessoa humana, deve manter a liberdade e os limites da necessidade individual (SANCHO, 2007, p.39, Tomo 3). No horizonte de Edith Stein, o indivíduo e a comunidade, são

¹⁷¹ Trataré ahora de extraer algunas consecuencias para una pedagogía cristiana. Sin que ello quiera decir que desprecie los medios ofrecidos por el conocimiento natural del hombre y por la ciencia, la pedagogía cristiana se esforzará por asegurarse la imagen del hombre que nos ofrece la verdad revelada. Utilizará para ello las fuentes de la Revelación, y acudirá también a los pensadores cristianos, es decir, a aquellos que ven en la Revelación una fuente de la verdad y una garantía contra los errores a los que está expuesta la razón natural. Dejará que la Revelación la instruya sobre la meta a la que el hombre ha de tender, dado que todos los objetivos pedagógicos deben orientarse por el fin. último. y también obtendrá claridad en esa misma fuente acerca del sentido de toda actuación pedagógica y de sus límites (STEIN, 2003, p.573, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

dimensões que conduzem ao tema do Estado como fruto de sua preocupação política e antropológica (ALES BELLO, 2000, p.168). A relação indivíduo e comunidade são importantes para uma reflexão da subjetividade e intersubjetividade diante da compreensão de um ser humano em sua complexidade inesgotável, tal como o ato de empatizar:

A empatia não se esgota no conhecimento porque se manifesta em um dado; é saber, mas acima de tudo é experiência. As teorias genéticas da imitação, contágio, analogia ou associação, preocupadas com a origem, mas não com a essência da empatia, não alcançam o fenômeno da "experiência alienígena", não levam ao fenômeno da "experiência de consciência do outro" (DEL ROSA, 2013, p.13)¹⁷².

Ainda, podemos verificar o seguinte na relação empática:

Por um lado, temos experiência dos outros seres humanos em maneira diferente daquela que temos de nós mesmos. Contudo, também no encontro com os outros, nas várias circunstâncias são totalmente diferentes aquilo que, de vez em quando, mais nos atingem. Nas outras pessoas provavelmente aquilo que nos atinge fortemente é antes de tudo o exterior (STEIN, 2003, p.591-592, Tomo 4)¹⁷³.

Por isso, vida do ser humano é uma *vida comunitária* e é um *tornar-se onde acontece um condicionamento recíproco*. Viver em comunidade com seres humanos significa vê-los agir e agir com eles; significa viver entre obras humanas, vê-las nascer e terminar, ser formados por elas e, através delas, contribuir a formar outras: a vida humana é uma *vida cultural*. O homem está neste mundo, neste mundo vive, para este mundo olha, neste mundo se aproximam dele existências humanas e humanidades (STEIN, 2003, p.593-594, Tomo 4)¹⁷⁴.

¹⁷² La empatía no se agota en el conocimiento porque se manifiesta en un darse; es saber, pero sobre todo es experiencia. Las teorías genéticas de la imitación, el contagio, la analogía o la asociación, preocupadas por el origen pero no por la esencia de la empatía, no llegan al fenómeno de la "vivencia ajena", no conducen al fenómeno de la "experiencia de la conciencia ajena" (DEL ROSA, 2013, p.13).

¹⁷³ Por un lado, experimentamos a otros hombres de manera distinta que a nosotros mismos. Pero también en el encuentro con otros en circunstancias diferentes son cosas asimismo diferentes las que en cada caso pasan a primer plano. En las personas que no conocemos es quizá lo externo lo primero que nos llama la atención [...] (STEIN, 2003, p.591-592, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

¹⁷⁴ La vida del hombre es una vida en comunidad y un proceso recíprocamente condicionado. Vivir en comunidad con hombres [38] quiere decir, en buena medida, verlos actuar y actuar con ellos. Vivir entre obras del hombre quiere decir verlas aparecer y desaparecer, ser formado por ellas y ayudar a que otros se formen por ellas: la vida del hombre es vida cultural. [...] En él está el hombre, en él vive, dentro de él mira, en él le salen al encuentro la existencia y la condición humanas (STEIN, 2003, p.593-594, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

O reconhecimento da subjetividade do outro se dá por meio do ato empático, coloco o sujeito em condições de estar-com o outro: a empatia fecunda a possibilidade de um viver autenticamente humano próprio em virtude daquilo que é verdadeiramente. Assim,

A essência da empatia consiste em ser este ato concreto e originário que nos possibilita colher a vivência do outro e de manifestar sua consciência. A dinâmica da relação entre o eu constitui para Edith Stein o fundamento da pedagogia da empatia. Assim sendo, o acolhimento se configura como acompanhamento do estar-com, que por sua vez não é somente conhecimento do outro, mas também “partilha” da experiência vivida pelo outro. Nesse sentido a postura empática torna-se pedagogicamente relevante. A relação empática nos permite fazer uma distinção entre o que é originário e não-originário num ato educativo, por exemplo, e possibilita um autêntico encontro com o outro (PERETTI, 2010, p.205).

Por mais que durante o percurso deste trabalho fomos apontando o sentido de empatia para Edith Stein, faz-se necessário deixar mais evidente o que ela entende por empatia. Em primeiro lugar, empatia é cotidianamente compreendida como “proximidade, compreensão, partilha, imedesimação, acolhida, cuidado, contato, solidariedade, sintonia, escuta, comunalidade, acordo, comunhão, compaixão, altruísmo” (MANGANARO, 2016, p.45). Ainda, devemos saber que:

O termo "empatia" tem sua origem nas cenas do teatro grego: *empátheia* é composta de *én* (em, dentro) e *pathos* (paixão, afeto, sofrimento, sentimentos), e significa sentir por dentro. Na relação emotiva de cooparticipação que se dá na cena entre o ator e o espectador, estabelece-se um vínculo de imedesimação e envolvimento através de gestos, posturas e tons de voz, e essa experiência nos diz que não se trata de um simples mecanismo automático, mas sim de acolher algo "dentro" por meio da coisa "externa", de reconhecer a modalidade qualitativa de um sentir levando-a no próprio centro experiencial originário (MANGANARO, 2016, p.45).

Assim, compreendemos que, etimologicamente, a empatia na raiz grega *pathein* (dor, angústia, sensível, emoção) carrega em sua origem a concepção de “capacidade de sentir”, que na Europa do fim do século XVIII para o século XIX, é analisada como compreensão pelos sentidos ou das sensações. Todavia, no contexto alemão do fim do século XIX, com os estudos recentes da psicologia e com o fortalecimento da fenomenologia, devemos entender que:

Em alemão, o substantivo usado é *Einfühlung*: do verbo *fühlen* ("sentir") se especifica *ein-fühlen*, cujo prefixo *ein* pode significar tanto "em", "dentro", quanto "um". No primeiro caso, enfatiza-se o intrapessoal e interpessoal, isto é, "sentir dentro do outro"; o segundo reenvia à experiência de

envolvimento em um (identificação e imedesimação), impulso unitivo. [...] estamos na Alemanha de Friedrich Theodor Vischer (1807-1887) e Robert Vischer (1847-1933), respectivamente pai e filho, cujos trabalhos teóricos versam sobre a estética filosófica, sobre o sentir psicofísico, corporal e emocional, sobre a percepção de formas sensíveis, que o humano carrega de *pathos* (MANGANARO, 2016, p.46).

E em sua dissertação de doutorado – defendida em 1916 – Edith Stein, a partir do método fenomenológico, analisa a empatia, investigando-a tanto na sua forma quanto nos seus movimentos¹⁷⁵. Com isso, ela “abre um caminho para o personalismo fenomenológico que a levou a distingui-la: aquilo que particularmente lhe interessava era descrição da relação interpessoal não dessemelhante da intrapessoal” (MANGANARO, 2016, p.48).

No desenvolvimento de sua concepção de empatia, Stein fomenta em nós a percepção da preciosidade que tem a vida humana e como essa percepção do outro nos faz compreender nossa conexão enquanto espécie humana. Propõe, ainda, em nossos tempos não adotar uma visão de objetificação da pessoa humana:

O ser humano, é mais de um corpo material, é um *vivente*. Se uma flor fresca é colocada em um livro para ser amassada, pode nascer em nós um descontentamento, porque uma beleza viva é destruída antes do tempo. Mas se alguém quer fazer a mesma coisa com um membro humano ou também com um animal, reagiremos indignados para impedi-lo. Nesse caso vemos a dor do maltratado e compartilhamos dessa sensação de dor em nós mesmos (STEIN, 2003, p.592, Tomo 4)¹⁷⁶.

A pessoa, em sua formação, é capaz de reconhecer-se a partir do momento que entra em contato com o outro que é diferente dela. Assim, o "sentir o outro dentro de nós" que Edith Stein coloca como fundamento da alteridade pessoal é suscetível de se tornar um "sentir dentro do Outro", a ulterioridade que junto habita e transcende a alma. E mesmo que por alguma situação que cause embaraço na vida da pessoa, algo que ela não pode duvidar é da experiência (*erleben*), a vivência

¹⁷⁵ [...] a empatia se torna um tema de pesquisa amplo, presente em Teodoro Lips (1851-1914) fomentador de uma psicologia compreendida como análise da consciência interior e defensor de uma interpretação psicologista da empatia, com base no conteúdo psíquico do objeto estético e no já citado fenomenólogo Moritz Geiger, cujo trabalho de 1910, *Essenza e significato dell'empatia* elogiado por Husserl (1859-1938), em nota na sua obra *Filosofia como ciência rigorosa* (MANGANARO, 2016, p.47).

¹⁷⁶ El hombre es por tanto un cuerpo material, y es algo vivo. Cuando metemos una flor en un libro para prensarla, puede despertarse en nosotros un cierto pesar, pues queda destruída antes de tiempo una belleza viva. Pero si alguien quisiese hacer algo parecido con un miembro humano, o incluso con un animal, intervendríamos indignados para evitarlo. En esos casos es como si viésemos el dolor del maltratado y lo sintiésemos formalmente nosotros mismos (STEIN, 2003, p.592, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

(*Erlebnis*), a experiência originária atualmente vivida: atenção à dimensão interior, à temporalidade e a subjetividade. A análise de a empatia objetiva responder: o que significa "perceber" a experiência vivida do outro? (MANGANARO, 2016, p.49-50).

Assim, “a experiência é a relação que o ser humano tem com as coisas do mundo externo, mas também consigo mesmo [...], trata-se de um movimento, porque a palavra experiência (*experire*) vem do termo latino significando ‘ir, andar’” (ALES BELLO, 2015, p.77). Mas o que é afinal o ato de empatizar?

No ato de empatizar, dou-me conta da vivência do outro, por exemplo, uma emoção, um sentimento ou uma percepção, mas não daquilo que ele está vivendo em primeira pessoa, como um fato originário para ele ou para ela, porém não originário para mim. O que é originário para mim é somente o fato de que empatizo sua situação, mas não vivo o conteúdo da sua vivência, que é incomunicável (PERETTI, 2009, p.117).

A pessoa empática tem o seu corpo vivo como referência para o seu ‘próprio eu’, como também o corpo vivo do seu semelhante como via de orientação do mundo que o cerca. Nesta perspectiva, se faz indispensável olhar para as outras pessoas não apenas como um indivíduo ou corpo que compartilha o mesmo espaço territorial, e sim, como um corpo vivo que é possuidor de um ‘eu’ distinto do meu ‘próprio eu’ e que porta significados tanto para nós como para si mesmo.

Mas o que significa que o ser humano é responsável por si mesmo? Significa que por ele depende aquilo que ele é, e que a ele é pedido de fazer de si algo de determinado: ele pode e deve “formar si mesmo”¹⁷⁷. Mas confiando sempre na providência de Deus que é nosso formador por excelência.

Tudo isso foi revelado por Deus na figura de Cristo, por isso, formar seres humanos significa educá-los à imagem de Cristo, sem, contudo, renunciar a individualidade do educando, porque é Deus que guia o ser humano para que se torne autêntico. O que nos remete também em acompanhar a caminhada de fé na Igreja peregrina, junto a comunidade humana, e isso significa empatizar, ou seja, compenetrar-se e deixar-se formar pela ação divina. Guiados no homem, Jesus, acontece o mútuo relacionar-se do homem e de Deus. Ele mesmo, em sua existência encarnada, é o Deus empático (BERTOLINI, 2016, p.239)¹⁷⁸.

¹⁷⁷ ¿Qué quiere decir que el hombre es responsable de sí mismo? Quiere decir que de él depende lo que él es, y que se le exige hacer de sí mismo algo concreto: puede y debe formarse a sí mismo (STEIN, 2003, p.648, Tomo 4 – A estrutura da pessoa humana – tradução nossa).

¹⁷⁸ [...] en el hombre Jesús acontece el mutuo tantearse del hombre y Dios. Él mismo en su existencia encarnada, es el Dios empático (BERTOLINI, 2016, p.239 – tradução nossa).

Edith Stein compreende a esse ponto uma profunda relação do Criador com a criatura – seres humanos – e a relação das pessoas divinas entre si. Pois lembremos que “a empatia [é] uma vivência particular pela qual com rapidez sinto, percebo e intuo que existem outras pessoas como eu sou pessoa. Trata-se de um tipo de vivência a partir da qual posso afirmar: nós sentimos, intuimos” (ALES BELLO, 2015, p.85). Vejamos em nossa autora, como ela compreende a empatia como via que liga os espíritos de cada pessoa:

O espírito – no significado amplo e objetivo, não só de inteligência, mas também de coração – familiariza-se com Deus pela contínua atenção, conhece-o, ama-o. O conhecimento e o amor tornam-se parte de seu ser, tal como o relacionamento com outra pessoa com a qual já se convive há muito tempo e se tem intimidade: pessoas assim não precisam mais procurar informações mútuas, nem refletir uma sobre a outra para se conhecerem e se julgarem merecedoras de amor; entre elas nem há mais necessidade de palavras (STEIN, 2011, p.99).

Por isso, a nós é importante perceber que as relações empáticas sempre, em “cada encontro traz consigo um reavivamento e um acréscimo de amor, talvez mesmo o conhecimento de novas peculiaridades; mas isso acontece de modo espontâneo, sem esforço algum” (STEIN, 2011, p.99). Nesse sentido, das relações das pessoas, ela – Stein – dá um grande passo, que anteriormente não era totalmente explícito:

Há um Deus que é ao mesmo tempo um indivíduo perfeito e uma comunidade perfeita, e este é o mistério que explica a capacidade do homem de estar associado e realizar-se simultaneamente como indivíduo e como comunidade, isto é, como pessoa. O que não tinha consistência em si mesmo fora da comunhão empática: o nós humano, agora revela um forte substrato teológico e ontológico: o Nós divino (BERTOLINI, 2016, p.223)¹⁷⁹.

E nenhuma realidade em Deus foge de sua presença amorosa que alcança todas as coisas. Assim, compreendemos que a Trindade é a empatia primordial, arquetípica e fundadora (BERTOLINI, 2016, p.229)¹⁸⁰. N'ela tudo foi e é realizado na Palavra da Essência (Jo 1,1-5). Sendo que a experiência mística cristã diz estar no

¹⁷⁹ Stein ha dado un paso rotundo, que antes no quedaba del todo explícito. Hay un Dios que es al mismo tiempo perfecto individuo y perfecta comunidad, y es este el misterio que explica la capacidad de asociarse el hombre y realizarse simultáneamente como individuo y como comunidad, es decir: como persona. Lo que no tenía consistencia en sí fuera de la comunión empática: el nosotros humano, transparenta ahora un sustrato teológico y ontológico contundente: el Nosotros divino (BERTOLINI, 2016, p.223 – tradução nossa).

¹⁸⁰ [...] evidenciar a la Trinidad como la empatía primordial, arquetípica y fundante (BERTOLINI, 2016, p.229 – tradução nossa).

mistério, no encontro recíproco participado entre a pessoa humana e as pessoas divinas. Afirma, ao mesmo tempo, uma experiência de Alteridade como um “sentir” por meio do amor: e, por meio desse amor, é possível empatizar o Outro, como presença eterna e transcendente (PERETTI, 2009, p.279). Delineia-se, assim, uma vivência antropológico-cristocêntrica da inabituação trinitária entendida como comunhão divina que implica uma “*kénosis*”¹⁸¹, uma consumação em nível sobrenatural de participação da vida intratrinitária através do despojamento e do matrimônio místico com o Cordeiro Imolado. Para Stein o fundamento para compreender o ser humano e sua comunhão com Deus está na Revelação.

Ao longo do Antigo Testamento, o diálogo entre Deus e seu povo consistiu em um lento reconhecimento e "acostumação" de ambos à alteridade do outro. Nesse período, o núcleo era o pacto, repetidamente traído pelo povo com seu pecado de idolatria. A distância das experiências prevaleceu até que a promessa de uma presença transfiguradora irrompesse em seu cumprimento com a encarnação. No homem Jesus, Deus aprendeu o ritmo e os códigos de sua criatura (BERTOLINI, 2016, p.240)¹⁸².

No Novo Testamento é o próprio Deus, na pessoa de Jesus, que se fez carne (Jo 1,14) e padeceu numa cruz (Jo 19,28-30), a fim de que não mais somente se cumprisse os três grandes verbos de Deus no Antigo Testamento (Eu Vi, Eu Ouve e Eu Desci), na Libertação do Povo Hebreu das mãos do faraó (Ex 3,7-10). Mas que com Cristo, ele revelasse o quarto, e talvez o mais importante, dado na *Kenosis*, que é: “Eu senti”. Pois o mistério divino é a Verdade que vivida por Edith Stein, e que nesse ato de amor de Deus em tomar nas nossas dores, a ponto de ser crucificado, pode viver em seu “*Leib*” completamente toda a experiência humana, porque Deus é Empatia!

¹⁸¹ Deus, ao entrar na história, quis que essa lhe pertencesse, tornando-se, assim, o Deus da história que, kenoticamente, fez desta mesma história a história de Deus. O Deus da história é o Deus kenótico, e o Deus kenótico é aquele que nada esconde de si, mas se dá inteiramente, sem perder nada. Deus é relação, e por ser relação, é Pessoa. Pessoa que sai de si para buscar a Outra, para se dar à Outra, para perder-se na Outra e, assim, ser ela mesma. Com esta compreensão, se inicia a *kénosis* da Trindade. Nela, tudo é relação, por isso tudo é Amor. Deus é relação, e por isso quer livremente dar-se inteiramente ao humano. Ao doar-se, Deus está amando; amando, está se doando (SANTOS; XAVIER, 2008, p.112).

¹⁸² Durante todo el Antiguo Testamento el diálogo entre Dios y su pueblo consistió en un lento reconocerse y “acostumbrarse” de ambos a la alteridad del otro. En este período el núcleo era la alianza, una y otra vez traicionada por el pueblo con su pecado de idolatría. La distancia de las vivencias primó hasta que la promesa de una presencia transfigurante irrumpió en su cumplimiento con la encarnación. En el hombre Jesús, Dios aprendió el ritmo y los códigos de su criatura (BERTOLINI, 2016, p.240 – tradução nossa).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se nos questionarmos sobre o sentido da educação, não podemos escapar da mais antiga das questões: *o que é o ser humano?*. Edith Stein compreende desde o início do processo de sua investigação, que para se perceber a pessoa humana nos seus diferentes níveis é necessário um processo abstrativo, é necessário um método, para isso recorre a fenomenologia.

A análise inicial do ser humano já mostra a intenção da autora em revisitar o problema da alma e em pensar o ser humano nos termos clássicos, pois diversas dimensões do cosmos se manifestam nele individualmente e podem ser descritas separadamente. Desta maneira, desde as mais simples análises da experiência cotidiana nos revela algo da estrutura do cosmo e da peculiar posição que ocupa o homem no mesmo. Compreende o ser humano como um microcosmo no qual se unem todos os estágios do reino do ser: é material (matéria orgânica), ser vivo, ser animado, pessoal e espiritual.

A partir dessas constatações vimos que Stein situa-se no contexto da constituição da antropológico-filosófica, enquanto disciplina filosófica, que lhe permite responder as duas grandes questões: a essência do ser humano e sua posição no cosmos. Isso é particularmente importante, pois permite o diálogo com a filosofia de Tomás de Aquino, pois no seu sistema filosófico a antropologia ocupa uma posição central, do mesmo modo que o homem ocupa uma posição única no cosmos: é um microcosmos que reúne em si os diferentes reinos do mundo criado.

É preciso considerar, também que Edith Stein está em um contexto que, desde o século XIX, testemunhou a proliferação de escolas de pensamento materialista na consideração da estrutura do ser humano e sua subjetividade. Esse diálogo com Tomás de Aquino é particularmente importante, pois a autora, como fenomenóloga, visa dar uma fundamentação antropológico-filosófica para uma pedagogia (não somente filosófica, mas também cristã). Seu projeto científico tem como horizonte a complementação com uma antropologia teológica, ou seja, com uma metafísica cristã, que incluía a compreensão de totalidade da realidade incluindo a verdade revelada, portanto, fundada na filosofia e na teologia. Edith Stein inserirá o problema das “profundidades”, da interioridade, no âmbito da Metafísica, que sempre havia reconhecido essas dimensões em sua história.

Edith Stein com seus aportes filosófico-fenomenológicos leva-nos a compreensão da constituição da pessoa. Em seus escritos encontramos diferentes perspectivas para olhar para a realidade da pessoa humana, ela nos indica a via da empatia, uma atitude que nos leva à medida em que se percebe o próprio “eu”, também percebo o eu do “outro” e assim, compreender suas vivências e motivações nas relações com tudo que nos cerca.

A breve biografia descrita sobre a autora nos revelou a riqueza interior que existe em sua vida, em sua história, em seus escritos. A profundidade e a originalidade do pensamento de Edith Stein está, principalmente, em sua compreensão da pessoa humana, onde não exclui o elemento da fé, mas o emprega como parte constituinte da existência humana. Com sua profunda preparação intelectual, ao mesmo tempo, com sua intensa experiência de Deus, Edith foi uma mulher que acima de toda sua inteligência, acreditou no impulso interior e superior a qualquer raciocínio, que a guia na busca da Verdade.

E diante da incansável busca pela verdade, ela adentra no mundo acadêmico, desenvolve uma vida dinâmica e diferente das opções que poderiam ter pensado para ela. No universo das pesquisas, encontra em Husserl o caminho que percorrerá por toda sua vida: a fenomenologia. Deste modo, o método fenomenológico contribui a fazê-la chegar a uma autocompreensão de sua vida. Embora tenha percorrido um caminho bastante autônomo, adotado outras ciências como a pedagogia, antropologia e a teologia no percurso de seus estudos. Porém, sua base sempre se manteve fiel ao método de investigação fenomenológica.

Ela fez do método fenomenológico um caminho para chegar ao mais profundo e possível entendimento sobre o ser humano, sua essência e seu fim. Toda a sua obra desenvolve-se sob um impulso interior que é resposta de autêntica busca pela verdade. Assim sendo, encontra-se com a Verdade, não mais compreendida como mera opinião, mas como um saber, um saber que descansa no Ser verdadeiro, fundado em si mesmo: Deus.

Edith Stein chega ao martírio nos campos de extermínio de Auschwitz – uma mulher aberta à experiência de Deus, como fonte de conhecimento autêntico e fundamento ao pleno desenvolvimento da pessoa humana. Coincidem no curso de sua vida sua autocompreensão como a filósofa e a humanista, a pedagoga e a mística, a feminista e a freira, a judaia e a cristã, patriota e mártir, a fenomenóloga e a contemplativa. Sem dúvida, um dos grandes méritos e realizações de sua vida

reside na capacidade de integrar tudo, para superar todo o dualismo, para conseguir uma visão completa do homem sem sacrificar qualquer das maneiras que podem ajudar a completar uma compreensão abrangente do ser humano.

A espiritualidade de Edith Stein é uma realidade relacional e, portanto, experiencial. Ela compreende que tal horizonte experiencial será fundamental para que os indivíduos em suas existências possam realizar-se plenamente como seres humanos, como pessoa ao permitirem-se formar a partir de sua interioridade. E essa formação começa pela compreensão de nossa alma, que é o elemento que promove a individualidade da pessoa humana e que unifica tudo na concepção que Stein classifica como psicofísica: corpo vivente-alma-espírito (*Leib-Seele-Geist*).

Nessa perspectiva, a alma é a força interior ou força vital que determina a profundidade e a plenitude da individualidade. Entretanto, a alma tem um elemento essencial que deve ser considerada como o “núcleo da alma” (*Kern*) que é a “forma interior” que promove a formação (*Bildung*) das pessoas. A alma (*Seele*) compenetra totalmente a matéria (*Körper*) que passa a ser o corpo vivente (*Leib*) e, em virtude desta unidade, não somente se torna corpo vivente impregnado do espírito (*Geist*), onde digamos que a origem do espírito também dá-se na unidade “*Seele-Leib*”, e assim, o espírito se torna espírito aberto às vivências externas, que provocam influências e reações internas, que podem vir a serem externalizadas, ou seja, permite-lhe a capacidade de empatizar.

Entender-se como pessoa significa para Edith Stein viver como um “ser livre e espiritual”. Realidade que destaca no ser humano seu sentido como pessoa e que, ao mesmo tempo, o diferencia de todos os demais seres vivos ou inanimados. Por isso, a compreensão da dimensão do ser humano como corpo, alma e espírito é dinâmica e profunda: a pessoa ao invés do corpo material (*Körper*) é definida como corporeidade, ou seja, como um corpo vivente singular e irrepitível (*Leib*). Assim sendo, nossa vida não é apenas reduzida a instintos, mas experimentada e vivida como o fundamento da vida espiritual.

O ser humano não é um ser que tem alma, mas visto em sua unidade psicofísica, isto é, não há alma sem corpo, como não há corpo sem alma, ainda não há espírito sem corpo e alma. A corporeidade (unidade psicofísica) é para o ser humano a fonte e expressão de sua vida espiritual, de sua liberdade, de suas vivências, de sua comunidade. É a dimensão da alma que desempenha um papel fundamental na constituição da pessoa: porque a pessoa é configurada a partir da

interioridade, daquela forma interna (núcleo da alma) que é a fonte de sua vida. Pois a alma é a vida criada diretamente por Deus, mas não como um ser em si, mas ligada a um corpo, que o forma (desenvolve) e lhe dá vida.

Neste desenvolvimento, a alma constitui principalmente no conhecimento (autoconhecimento) e posse de ser enquanto pessoa, alcançando seu mais profundo núcleo, onde descobre o lugar de sua liberdade e sua união com Deus. E se a pessoa vive a partir de sua interioridade, então vive uma vida plena e atinge o auge de seu ser.

A centralidade da pessoa humana é o tema circular dos escritos de Stein. Sua preocupação continua sendo a compreensão do ser humano em todas as suas dimensões. A unidade do ser humano parte da compreensão de seu ser como um ser unitário. E somente a partir da unidade psicofísica cada um dos componentes do ser humano pode ser entendido corretamente. Esses elementos constitutivos são aqueles que definem a natureza do homem, um ser que é ao mesmo tempo espiritual e material, que é encontrado como um ponto de união entre as duas dimensões.

É por isso que Stein concluirá que a pessoa humana unificada é uma pessoa espiritual que está em uma posição de liberdade, não apenas na frente de seu corpo, mas também na frente de sua alma. Essa perspectiva atual de pessoa coloca-a como a base da concepção de dignidade humana. Por isso, a importância de uma formação que parte do “núcleo da pessoa”, porque encontra-se nele o centro do seu ser para a plenitude de sua realização. É, sinteticamente, o núcleo central (*Kern*) a vertente pela qual se compreende que a vida é orientada a partir de dentro e do alto, entre interioridade e transcendência.

O conhecimento de si mesmo e para a experiência do outro são instrumentos que permitem ao indivíduo exercer sua liberdade na coletividade, consideramos que Stein sobre a unidade da pessoa, em sua tese de doutorado, analisou empatia como um ato da pessoa não só ter a percepção dos seus semelhantes, mas principalmente, articular as dimensões da pessoa humana, individual e comunitária. Além de empatizar com o outro, a pessoa descobre como ela é consigo mesma, na qual encontra a si mesma e encontrando assim como ela é, pode e deve autoformar-se como Deus a quer.

Nessa perspectiva apontamos para o momento em que Edith Stein assume a antropologia, em unidade com a pedagogia, sem abandonar a fenomenologia para

propor uma educação para a interioridade. Uma educação que visa à formação integral do ser humano como um processo criativo que se enraíza na individualidade e coletividade, e ao mesmo tempo representa uma verdadeira ação divina para plena realização da pessoa. Intrinsecamente ligada a compreensão do ser humano por meio de sua interioridade, desenvolve-se o estudo sobre o “eu” (eu puro), que é um tema fundamental na compreensão de sua doutrina antropológica.

E neste ponto abre-se a dimensão teológica diante de uma relação profunda do “eu” com o “outro” e do “nós” para com “Deus”. Por isso a empatia é compreendida como a capacidade humana de acolher a experiência do outro, e que se vivida em uma dimensão de fé experiencial, torna-se um meio mais do que adequado para viver na primeira pessoa o amor ao próximo.

Edith Stein está convencida da possibilidade de realizar uma antropologia-teológica que além de alcançar e compreender a verdade última a respeito do ser humano, também tem outra missão a realizar: considerar como sua mais nobre tarefa preparar o caminho da fé para a plena formação das pessoas.

Não obstante Edith Stein não desenvolva uma sistematização da pedagogia, ela consolida os elementos fundamentais que a compõem. De modo natural, a centralidade de seu pensamento está norteada para uma formação integral da pessoa humana. Isso significa que o ser humano, que é a base da educação, deve ser conhecido antecipadamente, isto é, devemos ter um conceito o mais claro possível de sua natureza, seu ser, sua origem e seu fim. Sem esses elementos preliminares, toda a pedagogia está fadada ao fracasso. As fontes da pedagogia cristã não podem ser apenas filosofia, psicologia e entre outras ciências humanas, é mister recorrer a Revelação, as Escrituras. Somente assim poderá se alcançar a visão ou concepção mais completa possível do que é ser humano.

A partir da pedagogia da empatia, considerando a unidade psicofísica, a compreensão da estrutura da pessoa humana responde o que como é a constituição da pessoa. Todavia, estes não são aspectos simples de se aprender, pois, a pessoa é um composto de vários níveis, tais como o eu puro, o sujeito de experiência, a alma como parte essencial do indivíduo, o corpo vivente que é vivido com “experiências” alheias e particulares, por meio da capacidade de se comunicar com o outro e a possibilidade de empatia devida essa comunicação.

Dessa maneira, a empatia manifesta-se como uma forma de experiência intersubjetiva que possibilita a constituição da pessoa na sua relação com o “outro”.

E o exercício da empatia é fundamental para que o ser humano reconheça os outros como “sujeitos” da experiência e não como meros objetos. Como podemos recorrer ao exemplo, de Stein, a respeito da notícia que um amigo dá a mim sobre a morte de seu irmão: “e eu percebo sua dor (dar-se contar, tomar consciência). O que ela está interessada é em compreender ‘O que é esse perceber?’. Quero saber isto: o que é esse ‘perceber’ em si mesmo, não de que maneiras eu chego a esse ‘perceber’” (STEIN, 2005, p.82, Tomo 1)¹⁸³.

Em todo esse processo empático e de individuação, Stein foi intensificando seu conhecer e amor por Jesus Cristo. Isso possibilita ao indivíduo uma abertura ao dom da graça como fundamento para se alcançar uma consciência empática. E significa, inclusive, que o ser humano está sempre em um movimento. Então, a experiência pode ter o significado de um movimento. Isto é, que o ato de tomar consciência da vivência alheia com o “eu”, portador de capacidade empática, o ato de empatia se caracteriza como uma vivência não originária em mim, mas do outro que é ofertada a mim. Assim como o as pessoas divinas (Pai, Filho e Espírito Santo) que estão diante de todos temos a possibilidade de se relacionar com eles.

Nessa linha de experiência e compreensão da relação empática com Deus, devemos entender que essa possibilidade não é um caminho privilegiado, mas o caminho que Deus oferece a todo ser humano. Na essência da religião cristã, não há experiência autêntica sem o encontro e sem a experiência com o próprio Cristo – lembremos que Deus, em Cristo, também o ser humano, logo um ser de relação. A relação de empatia do ser humano para com Deus, em Cristo, leva-nos a seguinte reflexão: A pessoa de Cristo quando no encontro com a mulher samaritana (Jo 4,1-29) anuncia a chegada do tempo em que os verdadeiros adoradores farão seus louvores em “espírito e verdade”. Mais ainda, a grande revelação de nossa condição de “filhos de Deus”, no próprio Filho, que nos abre a uma nova dimensão de relacionamento com Deus, que não pode ser encerrada ou exaurida no simples culto ritualístico. Uma relação pai-filho autêntica exige um encontro pessoal, uma condição assumida e viva que nos abre e nos dá a grande possibilidade de nos relacionarmos pessoal e amigavelmente com Deus.

A centralidade da ação salvadora de Cristo manifesta-se de modo particular através de seu Corpo vivente, que está no meio de nós. Por isso, estar com Cristo

¹⁸³ “¿Qué es este notar? [...] Lo que quiero saber es esto: lo que el notar mismo es, no por qué camino llego a él” (STEIN, 2005, p.82, Tomo 1 – O problema da empatia - tradução nossa).

significa ter empatia pelos seus sentimentos, passando de apresentar suas próprias preocupações para assumir as preocupações de Deus. Não se pode negar que o encontro com Cristo, visivelmente, afeta nosso caminho e abordagem para as questões fundamentais que tocam a pessoa humana.

A constituição da pessoa humana livre e espiritual pela empatia integra-nos ao nosso mais íntimo estado de ser – e o que Deus deseja de nós: que em nossa individualidade sejamos capazes de se relacionar, de sermos livres, de sermos formados, sermos seres espirituais, ou seja, capazes de transcender a nós mesmos, logo, abrindo-se e acolhendo o outro como é –, em unidade com tudo que as outras pessoas também são. Assim, a pessoa é definida como espírito, liberdade, individualidade e relacionamento, que acontecem por meio da experiência na qual marca nossa vida, como aquilo que marcou toda a vida de Edith Stein: a busca da Verdade.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

STEIN, Edith. **Obras completas de Santa Teresa Benedicta de la Cruz (Edith Stein)** – escritos autobiográficos y cartas. Tomo 1. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2016.

STEIN, Edith. **Obras completas de Santa Teresa Benedicta de la Cruz (Edith Stein)** – escritos filosóficos (etapa fenomenológica: 1915-1920). Tomo 2. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2005.

STEIN, Edith. **Obras completas de Santa Teresa Benedicta de la Cruz (Edith Stein)** – escritos filosóficos (etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936). Tomo 3. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2007.

STEIN, Edith. **Obras completas de Santa Teresa Benedicta de la Cruz (Edith Stein)** – escritos antropológicos y pedagógicos (magisterio de vida cristiana, 1926-1933). Tomo 4. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2003.

STEIN, Edith. **Obras completas de Santa Teresa Benedicta de la Cruz (Edith Stein)** – escritos espirituales (en el Carmelo Teresiano: 1933-1942). Tomo 5. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2004.

STEIN, Edith. **A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz**. Trad.: D. Beda Kruse. 6.ed. São Paulo: Loyola, 2011.

STEIN, Edith. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos**. Trad. Maria do Carmo Venturi Wollny; Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018.

STEIN, Edith. **Il Problema dell'empatia**. Intr. note, tr. It. di COSTANTINI, Elio. Pres. di VALORI, Paolo. Roma: Studium, 1987.

STEIN, Edith. **La struttura della persona umana** – corso di antropologia filosofica. Roma: Città Nuova Editrice, 2002.

STEIN, Edith. **L'art d'éduquer – Regard sur Thérèse d'Avila**. Genebra: Ad Solem, 1999. In.: RUS, Éric de. A visão educativa de Edith Stein – aproximação a um gesto antropológico integral. 1.ed. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2015.

STEIN, Edith. **La ricerca della verità**. Dalla fenomenologia alla filosofia cristiana. A cura di Angela Ales Bello. Roma: Città Nuova Editrice, 1993.

STEIN, Edith. **Potenza e Atto**. Studi per una filosofia dell'essere. Prefazione di Angela Ales Bello. Roma: Città Nova, 2003. Título original: *Potenz und Akt - Studien zu einer Philosophie des Seins*. In "Edith Steins Werke", vol. XVIII, a cura di Hans Rainer Sepp. Verlag Herder, Freiburg i BR. 1998. Traduzione dal tedesco di Anselmo Caputo.

STEIN, Edith. **La donna**. Il suo compito secondo la natura e la grazia. Giovanni Paolo II. Lettera Apostolica 1º ottobre. In: *La Traccia*, nº 10. Novembre 1999 (1999/II). *apud* RUS, Éric de. **A visão educativa de Edith Stein** – aproximação a um gesto antropológico integral. 1.ed. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2015.

FONTES SECUNDÁRIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALES BELLO, Angela. **Fenomenologia e ciências humanas**. Org.s e Trad.s.: Miguel Mahfoud e Marina Massimi. Bauru: EDUSC, 2006.

ALES BELLO, Angela. **A fenomenologia do ser humano**: traços de uma filosofia no feminino. Trad.: Antonio Angonese. Bauru: EDUSC, 2000. (Coleção filosofia & política).

ALES BELLO, Angela. **Edith Stein: a paixão pela verdade**. Org.: Adriano Furtado Holanda. Curitiba: Juruá, 2014.

ALES BELLO, Angela. **Edmund Husserl**: Pensar Deus. Crer em Deus. Trad.: Aparecida Turolo Garcia; Márcio Luiz Fernandez. São Paulo: Paulus, 2016.

ALES BELLO, Angela. **Husserl: sul problema di Dio**. Roma: Edizioni Studim, 1985.

ALES BELLO, Angela. **Intrapessoal e interpessoal**: linhas gerais de uma antropologia filosófica-fenomenológica *in.*: SAVIAN FILHO, Juvenal (org.). **Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein** – apresentações didáticas. São Paulo: Loyola, 2014.

ALES BELLO, Angela. **Pessoa e comunidade** – comentários: psicologia e ciências do Espírito em Edith Stein. Trad.: Jacinta Turolo Garcia; Miguel Mahfoud. 1.ed. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2015.

ALFIERI, Francisco. **A presença de Duns Escoto no pensamento de Edith Stein**: a questão da individualidade. Trad.: Juvenal Savian Filho e Clio Francesca Tricarico. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ALFIERI, Francisco. **Pessoa humana e singularidade em Edith Stein**: uma nova fundação da antropologia filosófica. Trad.: Clio Francesca Tricarico. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ALMEIDA, Renaldo Elesbão de. **A Empatia em Edith Stein**. Cadernos IHU/Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos, Ano XII – Nº 48 –São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2014.

ALMEIDA, Rogério Tabet de. **Evolução histórica do conceito de pessoa** – enquanto categoria ontológica. Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC) Juiz de Fora/MG, 2013. Disponível: < http://faa.edu.br/revistas/docs/RID/2013/RID_2013_16.pdf>. Acesso: Jan.2018.

AQUINO, Thiago. **A fenomenologia da distinção humana**: Scheler e o projeto da antropologia filosófica. Síntese, Belo Horizonte, v.41, n.130, 2014, p.239-258.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Século das Luzes**: o ideal liberal de educação - Parte I: A pedagogia liberal e laica. *In.*: ARANHA, Maria Lucia de Arruda. História da Educação. 2.ed. rev. e amp. São Paulo: Moderna, 1996.

BAUER, Johannes Baptist. **Dicionário bíblico-teológico**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2004. p.323-327.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad.: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

BAREA, Rudimar. **O tema da empatia em Edith Stein**. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

BERTOLINI, Alejandro. **El Dios empático: la irreverencia de Edith Stein entre la fenomenología y la fe**. Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 8, n. 2, 211-243, maio/ago. 2016.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Bíblia Sagrada**. 6. impr. São Paulo: Paulus, 2010.

BONNEFON, Charles. **História da Alemanha**. São Paulo: Nacional, 1945.

CARMO, Ísis Nery do. **O “antipsicologismo” em Husserl e Heidegger**: da consciência ao dasein. Griot: Revista de Filosofia, Amargosa/Bahia, v.17, n.1, p.326-336, junho/2018. Disponível <<http://oaji.net/articles/2017/2742-1527438745.pdf>>. Acesso: Agosto/2018.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CNBB. **Evangelização da juventude**: desafios e perspectivas pastorais. 1. reimp. São Paulo: Paulinas, 2012. (Documentos da CNBB; 85).

COELHO, Kátia Gardênia da Silva. **A liberdade na relação indivíduo e comunidade segundo Edith Stein**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia, Fortaleza, 2012.

DARTIGUES, André. **O que é fenomenologia?** 8. ed. São Paulo: Centauro, 2003.

DESCARTES, René. **Meditações**. Trad.: Jacob Guinsburg; Bento Prado Júnior. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, Col. Os Pensadores.

FRANCISCO, Papa. **Discurso da Santa Missa na Basílica do Santuário de Nossa Senhora da Conceição Aparecida**, JMJ Rio2013, 24 de julho 2013.

GÁLVEZ, José A. **Dicionário Larousse espanhol / português – português / espanhol: essencial**. 2. ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

GARCIA, Aparecida Turolo (Ir. Jacinta). **Edith Stein e a formação da pessoa humana**. 1.ed. São Paulo: Loyola, 1988.

GIEBEL, Marion. **O Oráculo de Delfos**. Trad. Evaristo Pereira Goulart. São Paulo: Odysseus Editora, 2013.

GOTO, Tommy Akira; MORAES, Mak Alisson Borges de. **A concepção de fenomenologia para Edith Stein**. Revista Filosófica São Boaventura, v. 10, n. 2, jul./dez. 2016, p.51-66.

GUIMARÃES, A. C. B.; MAHFOUD, Miguel. **Tornar-se si mesmo: elaborações a partir de Luigi Giussani e Edith Stein**. In: MAHFOUD, Miguel & MASSIMI, Marina (Org.s). Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa. Belo Horizonte: Artesã, 2013, p. 195-216.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad.: Márcia de Sá Cavalcante. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HOBSBAWM, Eric. J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Trad.: Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Trad.: Urbano Zilles. Porto Alegre; EDIPUCRS, 2008.

HUSSERL, Edmund. **A Ideia da Fenomenologia**. Trad.: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2008.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura**. Trad.: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. Aparecida: Ideias & Letras, 2016.

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia**. Trad. Maria Gorete Lopes e Sousa. São Paulo: Madras, 2001.

HUSSERL, Edmund. **Conferências de Paris**. Trad.: António Fidalgo; Arthur Morão. Lisboa: Edições 70, 1992.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica – Introdução geral à fenomenologia pura**. Trad. Márcio Suzuki. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

KIRCHNER, Renato; MIGUEL, Maiara Rúbia. **Max Scheler e a fenomenologia essencial da religião**: por uma renovação religiosa. Disponível <http://www.academia.edu/16777008/Max_Scheler_e_a_Fenomenologia_essencial_da_Religi%C3%A3o_Por_uma_renova%C3%A7%C3%A3o_religiosa> Acesso: 2018.

KUSANO, Mariana Bar. **A antropologia de Edith Stein** – entre Deus e a Filosofia. 1.ed. São Paulo: Ideias e Letras, 2014.

LIBANIO, João Batista. **Jovens em tempos de pós-modernidade**: considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Loyola, 2004.

LIBANIO, João Batista. **Para onde vai a juventude?** 2. ed. São Paulo: Paulus, 2012.

MACHADO, Elisangela Pereira. **A fenomenóloga de Göttingen**: breve relato de trajetória da fenomenologia na vida de Edith Stein. *In.*: Revista Intuitio. Porto Alegre. Vol.10. Nº.2, Dezembro/2017, p. 96-107. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/29487>>

MAHFOUD, Miguel; MASSIMI, Marina (Org.s). **Edith Stein e a psicologia** – teoria e pesquisa. 1.ed. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2013.

MAHFOUD, Miguel; SAVIAN FILHO, Juvenal. **Diálogos com Edith Stein**: filosofia, psicologia, educação. São Paulo: Paulus, 2017.

MANGANARO, Patrizia. **Empatia**. Padova: Villaggio, 2014.

MANGANARO, Patrizia. **Fenomenologia da relação** – a pessoa humana em Edith Stein. Trad.: Clélia Peretti. 1.ed. Curitiba: Ed. Juruá, 2016.

MOCELLIN, Renato. **O Nazismo**. São Paulo: FTD, 1998.

MONDIN, Batista. **O homem, quem ele é?**: elementos de antropologia filosófica. Trad.: R. Leal Ferreira, M. A. S. Ferreira. São Paulo: Paulus, 2011.

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. **Husserl: significação e fenômeno**. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

NOVINSKY, Ilana W. **A Pessoa Humana em Edith Stein**. Páginas: 205 – 224. In: Edith Stein: A pessoa na filosofia e nas ciências humanas./ Organizado por Gilfranco Lucena dos Santos; Moisés Rocha Farias. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

PERETTI, Clélia. **L'empatia nel rapporto interpersonale**. Dissertatio ad gradum Magisterii. Institutum Superius Scientiarum Religiosarum "Redemptor Hominis". Pontificium Athenaeum Antonianum, Roma, 1997.

PERETTI, Clélia. **Pedagogia da empatia e o diálogo com as ciências humanas em Edith Stein**. Revista da Abordagem Gestáltica – XVI(2): p.199-207, jul-dez, 2010

PERETTI, Clélia. Prefácio *in.*: MANGANARO, Patrizia. **Fenomenologia da relação – a pessoa humana em Edith Stein**. 1.ed. Curitiba: Ed. Juruá, 2016.

PERETTI, Clélia. **Edith Stein e as questões de gênero. perspectiva fenomenológica e teológica**. Tese (Doutorado) - Escola Superior De Teologia, Programa de Pós-Graduação em Teologia. São Leopoldo, 2009.

RANIERI, Leandro Penna; BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. **A empatia como vivencia**. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: USP, 2012. Disponível: <<http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a23/ranieribarreira01>>. Acesso: jan. 2017.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**. Vol.1. São Paulo: Paulinas, 1991.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**. Vol.3. São Paulo: Paulinas, 1993.

ROSAL, Fernando Infante del. **Ficción en la idea de empatía de Edith Stein**. Rev. Ideas y Valores · vol. lxxii · n.o 153, diciembre 2013, issn 0120-0062 (impreso) 2011-3668 (en línea), bogotá, colombia, pp. 137-155.

ROSSI, Denilson Aparecido; PERETTI, Clélia. **Corporeidade na especificidade humana em Edith Stein**. 2016. 100 f Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2016 Disponível em: <http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3435>. Acesso em: 26 outubro 2017.

RUS, Éric de. **A visão educativa de Edith Stein – aproximação a um gesto antropológico integral**. Trad.: Vários Autores. 1.ed. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2015.

SANCHO, Francisco Javier. Introdução Geral *in.*: STEIN, Edith. **Obras completas de Santa Teresa Benedicta de la Cruz (Edith Stein)** – escritos autobiográficos y cartas. Tomo 1. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2016.

SANCHO, Francisco Javier. Introdução Geral *in.*: STEIN, Edith. **Obras completas de Santa Teresa Benedicta de la Cruz (Edith Stein)** – escritos filosóficos (etapa fenomenológica: 1915-1920). Tomo 2. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2005.

SANCHO, Francisco Javier. Introdução Geral *in.*: STEIN, Edith. **Obras completas de Santa Teresa Benedicta de la Cruz (Edith Stein)** – escritos filosóficos (etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936). Tomo 3. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2007.

SANCHO, Francisco Javier. Introdução Geral *in.*: STEIN, Edith. **Obras completas de Santa Teresa Benedicta de la Cruz (Edith Stein)** – escritos antropológicos y pedagógicos (magisterio de vida cristiana, 1926-1933). Tomo 4. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2003.

SANCHO, Francisco Javier. Introdução Geral *in.*: STEIN, Edith. **Obras completas de Santa Teresa Benedicta de la Cruz (Edith Stein)** – escritos espirituales (en el Carmelo Teresiano: 1933-1942). Tomo 5. Vitória: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2004.

SANTO AGOSTINHO. **Contra os acadêmicos – A ordem – A grandeza da alma – O mestre**. 1.ed. São Paulo: Paulus, 2008. Coleção Patrística, n.24. Trad.: Agostinho Belmonte.

SANTOS, José Henrique dos. **Do empirismo à fenomenologia**: a crítica do psicologismo nas Investigações Lógicas de Husserl. São Paulo: Loyola, 2010.

SANTOS, Eduardo dos. XAVIER, Donizete José. **A Descida do Deus Trindade** – a kénosis da trindade. Revista de Cultura teológica - v.16. n.62. P.111-123, jan/mar 2008.

SAVIAN FILHO, Juvenal (org.). **Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein** – apresentações didáticas. São Paulo: Loyola, 2014.

SAVIAN FILHO, Juvenal. **Prefácio** *in.*: ALFIERI, Francisco. **Pessoa humana e singularidade em Edith Stein**: uma nova fundação da antropologia filosófica. Trad.: Clio Francesca Tricarico. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SBERGA, Adair Aparecida. **A formação da pessoa humana em Edith Stein**: um percurso de conhecimento do núcleo interior. 1.ed. São Paulo: Paulus, 2014.

SBERGA, Adair Aparecida; MASSIMI, Marina. **A formação da pessoa em Edith Stein**. *In.*: MAHFOUD, Miguel; MASSIMI, Marina. Edith Stein e a psicologia – teoria e pesquisa. 1.ed. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2013.

SETOR JUVENTUDE CNBB. **Aos jovens com aféto**: vida e sexualidade. vol.1. Brasília, DF: Edições CNBB, 2011. (Subsídio Afetividade e Sexualidade – 1).

SILVA, Paulo César Gondim da. **A fenomenologia de Husserl**: uma breve leitura. <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/filosofia/a-fenomenologia-husserl-uma-breve-leitura.htm> (2018).

SPINELLI, A. **A Sétima Morada**: Santa Edith Stein. Ficha crítica. São Paulo 1996. Stein. 1.ed. Curitiba: Ed. Juruá, 2016.

VAZ, Henrique Claudio de Lima. **Antropologia filosófica II**. São Paulo: Loyola, 1992.

ZILLES, Urbano. **Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl**. *In.*: Revista da Abordagem Gestáltica, XIII(2), p.216-221, jul-dez, 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v13n2/v13n2a05.pdf>>. Acesso: Out/2017.